



3 1761 07046219 7

ZAMPERINEIDA

Zamperineida

Segundo um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa

PUBLICADO E ANNOTADO

POR

ALBERTO PIMENTEL

LISBOA

LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160

1907

PQ
9161
Z3P5



PREFACIO

I

As mulheres de theatro exercem uma certa fascinação no espirito dos espectadores, talvez pela atmosphera de sonho que as rodeia no palco, e pela arte de representar com que no camarim sabem fazer valer o prestigio adquirido na scena.

Comprehende se, portanto, que dramatisem as suas paixões e intencionem theatralmente as suas galanteorias deante d'aquelle espectador suggestionado que admittiram e elegeram como seu amante.

Houve épocas em que os mais intimos admiradores das actrizes eram por ellas de preferencia recrutados entre a classe nobre, que monopolisava riquezas colossaes, largamente esbanjadas n'estas e outras aventuras, e que dispunha da lyra dos poetas mercenarios, aptos a endeusarem na tuba da Fama as favoritas dos seus Mecenas.

Depois, a nobreza decahiu pela prodigalidade, e a burguezia enriqueceu pelo commercio.

A democratização da sociedade chegou até aos camarins.

N'isso estamos hoje.

Varias memorias falam do entusiasmo causado em Lisboa por Marianna Rubim; pela Rosa Gallega; pela Izabel Gamarra, que endoideceu de amor e ciume o terceiro marquez de Gouvea, já então adeantado em annos; pela romana Petronilha Trabó Basilli, que acabou de dessórar o combalido rei D. João V, e que se foi d'este reino com uma bagagem de riquezas que ajujjava trinta bêstas de carga.

Durante o reinado de D. José, a actriz Chica Esteireira, que morava no Bairro Alto e dera intimidades ao sexto conde de S. Vicente, casado e maior de quarenta annos, originou uma tragedia que ficou memoravel: sobre o conde recahiram suspeitas de ter mandado assassinar uma noite, na rua das Salga leiras, o mestre de campo dos auxiliares de Traz-os-Montes, José Leonardo Teixeira Homem, seu garboso rival.

O titular incriminado teve de sahir do reino, para escapar á acção da justiça, e só passados alguns annos elle e os seus cumplices foram illibados por sentença,

Os poetas que figuram n'esta *Zamperineida* referem-se a duas actrizes e duas bailarinas, Falchine Sistini, Annina e Chiquine, que parece terem deixado ruidosa memoria em Lisboa.

Mas a cantora veneziana Anna Zamperini produziu maior sensação e accendeu maior delirio que todas as suas antecessoras.

Póde dizer-se sem hyperbole que conseguiu alvo-

rotar toda a cidade, durante quatro annos, porque d'ella unicamente se falava, em bem ou em mal, comquanto o numero dos louvaminheiros excedesse superabundantemente o dos detractores.

A acção suggestiva d'esta cantarina fez-se sentir na industria, na litteratura—especialmente por haver atizado a famosa «guerra dos poetas»; na moda e até no vocabulario.

Por esse tempo estava em exposição na rua da Boa Vista um «canario douto» que combinava as syllabas dos nomes e os algarismos das datas que lhe pediam.

Até chegar a Zamperini, o empresario d'esta graciosa exhibição auferia escassos lucros; mas depois que ella chegou, o canario cahiu em graça só porque rapidamente sabia colligir as letras com que se escrevia o appellido da cantora. (*)

Costumava a Zamperini trazer o chapéu derrubado sobre a testa e inclinado para a orelha direita.

Logo isto foi moda entre as damas e os pintalgretes da época, mais em evidencia.

E o caso é que ficou desde então até hoje, em Lisboa, a locução *chapéu á Zamparina*, por chapéu á banda.

Tambem no vocabulario alfacinha entraram a esse

(*) *Theatro de Manuel de Figueiredo*, tomo XIV, pag. 607 e 608, nota.

tempo e pela mesma procedencia dois novos vocabulos e os seus derivados: *zamparinar* (applaudir ou cortejar a Zamperini) e *enzamparinar-se* (enlouquecer de amor por ella até á demencia risivel).

Filinto Elysio, com maior auctoridade litteraria que o vulgo ignaro, creou n'uma das suas odes o adjectivo—*Zamperino*:

Macedo comporá os Epinicios

Em Zamperino metro... (*)

E' verdade que, na successão dos tempos, identicos factos se repetiram.

Assim, por exemplo, um dançarino chamado Marrafi, que esteve na capital em 1791, deixou-nos a moda de pentear o cabello em madeixas pendidas á testa, e a isto se deu o nome de *marrafa*, ainda hoje conservado nos nossos dictionarios.

Já depois de funcionar o theatro de S. Carlos, a prima-donna Elisabetta Gafforini, a quem Bocage dedicou uma ode, poz em voga a maneira caprichosamente complicada de architectar a sua trunfa de cabello louro, d'onde nos veio a palavra *gafforina*.

E exaltações de fanatismo por esta ou aquella cantora tem sido frequentes não só em Lisboa, como no tempo da Sicard e da Pietralia, da Boccabadati e da Barili, da Stoltz e da Novello e ainda moderna-

(*) *Ode ao tempo passado.*

mente no tempo da Pasqua e da De Reszhe; como tambem no Porto, no tempo da Belloni e da Dabedille, da Ponte e da Geordano, cantoras a cuja recordação anda associado o nome de Camillo.

Uma tiple de zarzuela chamada Elysa Zamacoës, que em 1865 cantou no antigo Circo Price, causou tamanho fanatismo, que se tornaram populares umas cavacas a que certo confeitreiro dera o nome de «Zamacoës».

A mesma hespanhola voltou eu 1877, posto que já decadente e cansada; o publico não se enthusiasmo d'esta vez, mas tem continuado a comer as cavacas.

Por vezes—seja tambem dito em respeito á verdade—as platéas portuguezas teem sido duramente descaroaveis com algumas cantoras, que dos theatros de S. Carlos e de S. João sahiram offendidas ou vexadas, e até uma d'ellas, Luiza Abbadia, enlouqueceu no Porto em 1851, depois de uma pateada com que a desfeitaram. (*)

O que fica demonstrado é que em Portugal as contendas entre partidistas de mulheres de theatro e as suas exaltações fanaticas são baldas velhas e enraizadas; bem como que, segundo um desgraçado sestro do paiz, que escusamos de auctorisar com citações de Rodrigues Lobo e Simão Machado, sempre as estrangeiras foram mais preconisadas entre nós como cantoras, dançarinas e actrizes do que as nacionaes.

(*) *Poesias de Antonio Pinheiro Caldas*, pag. 65 e 339.

Isto, se por um lado accusa da nossa parte deficiencia de orgulho patrio, por outro lado põe a coberto de grandes tempestades de desagrado as nossas artistas, que só medianamente impressionam o publico tanto para o effeito da censura como do applauso.

Apenas conheço um libello mais que deprimente, diffamatorio, contra uma actriz portugueza.

E' um raro folheto de sete paginas, composto pelo padre José Agostinho de Macedo, em parodia ao *Elogio* que foi escripto pelo popularissimo auctor da farça *Manuel Mendes*, Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, e recitado por Marianna Torres, no theatro da rua dos Condes, em noite de beneficio seu.

O padre José Agostinho mantinha então relações intimas com a actriz Maria Ignacia da Luz, que no mesmo theatro pretendia competir com Marianna Torres, amante de Antonio Xavier.

A rivalidade das duas artistas acirrou a rivalidade entre os dois auctores, que se travaram em pugna escandalosa, da qual derivaram, por parte do padre, as *Cartas de Manuel Mendes Fogaça* e as *Pateadas* e, por parte de Antonio Xavier, a comedia *O mau amigo*, de que José Agostinho era reconhecidamente protogonista, caracterisado em flagrante semelhança.

Nunca este desbragado escriptor foi mais suamente pornographico do que na verrina metrificada com que zurziu a pobre Marianna Torres.

Póde fazer-se idéa das lagrimas que a malferida actriz, desaprumada angustiosamente dos seus artificios

de comediante, havia de chorar longe das vistas dos collegas e do publico.

Este renhido pleito entre as duas actrizes e os dois auctores, por ser questão entre portuguezes, impressionou menos a opinião publica do que qualquer outro facto em que houvessem intervindo artistas estrangeiros.

Assim, e a proposito, lembraremos o enthusiasmo que despertou em Lisboa a polka dançada, no theatro de S. Carlos, em 1845, pelos esposos Mabile.

Esta dança, que se diz ter sido inventada por uma camponeza dos arredores de Elbeteinitz, começou a generalisar-se na Europa desde 1835.

Garrett, no *Arco de Sant'Anna*, publicado dez annos depois, já falava do collete-polka e exclamava ironico: «Dancemos a polka e viva o progresso!»

Mas chegam a Lisboa os conjuges Mabile, dançam a polka no palco de S. Carlos, a platéa freme de enthusiasmo, as torrinhãs desabam ao peso dos applausos, e a polka fica de tal modo consagrada, que até os garotos a dançavam na rua sobre a lama.

Julio Cesar Machado remata a sua *Lisboa de hontem* com estas pittorescas linhas, fielmente descriptivas :

«Era a innocencia de uma povoação pacata... A' noitinha fechavam-se as lojas... Toda a gente se recolhia cedo... Vivia-se contente assim.

«N'isto appareceu a *polka* e illuminou se a cidade a *gaz*.

«A impressão que estes dois factos produziram em Lisboa, foi de tal ordem, e mudou logo tudo, mas tudo,

tão de repente, que até o céu, limpo e transparente, que tínhamos, nunca mais foi como era!...»

Quando a Zamperini appareceu em Portugal, tinham-se distinguido no theatro do Bairro Alto tres irmãs portuguezas, de appellido Aguiar, nascidas ali em Setubal, Cecilia Rosa, Luiza Rosa e Izabel Iphigenia, ao mesmo tempo actrizes e cantoras.

Consoante o costume, nenhuma d'ellas causou o enthusiasmo infrene com que a Zamperini iria ser recebida. Cecilia eclipsou-se a breve trecho, Izabel casou com um cantor da Patriarchal e retirou-se; Luiza, cantora de grandes meritos, superior ás irmãs, desposou o rabequista Todi e foi com elle procurar em Madrid, em Pariz, em Vienna, em Postdam, em Colonia, na Russia e na Italia, as homenagens que a aventureira Zamperini facilmente conquistou em Portugal.

Quando Luiza de Aguiar casou, tinha 16 annos; e quando a Zamperini chegou, tinha dezesete. Pois a este tempo, não obstante revelar já aptidões notaveis para o canto, recebia 147000 réis por mez no theatro do Bairro Alto. (*)

De modo que não foram só as homenagens do publico, mas tambem os recursos pecuniarios, que a pobre artista portugueza precisou ir procurar em paizes estranhos.

(*) Segundo uns apontamentos antigos em que o actor Augusto de Mello baseou o seu interessante artigo publicado na *Revista do Conservatorio Real de Lisboa* (n.º 4, agosto de 1902). Mais vezes teremos ainda de referir-nos a este artigo.

II

Saibamos agora como foi que veio a Lisboa a companhia italiana em que Anna Zamperini, natural de Veneza, era *prima-donna*.

Contratou-a o notario apostolico da nunciatura, banqueiro em negocios da curia romana, de appellido Galli.

As nossas relações com a côrte pontificia estiveram interrompidas desde 1760, de modo que o ladino Galli, falho de lucros, procurou agenciar a sua vida fazendo-se empresario de theatro.

Pareceu-lhe promettedora esta especie de industria, tanto mais que já se não ouviam em Lisboa cantoras italianas desde alguns tempos.

Galli não conhecia os negocios de theatro, posto conhecesse outros muito bem; e enganou-se, portanto, com os suppostos lucros da empresa da Rua dos Condes.

A companhia era cara e numerosa. O padre Bernardo, que a foi contratar a Veneza, escripturou a *prima-donna* Anna Zamperini e sua irmã Maria Antonia, figura secundaria, pelo tempo de dez mezes, ao preço de 3:200.000 réis as duas.

Parece-me que o auctor do artigo publicado na *Revista do Conservatorio* se equivocou quando disse: «ou seja 1:600.000 réis cada uma.»

Não pode ser, porque uma era «*prima-donna*» e a

outra simples «partichina» (*). Os vencimentos deviam pois, ser desiguaes.

Como quer que fosse, o contratador adeantou á familia Zamperini 800\$000 réis para despesas de viagem a descontar pelos ordenados.

A folha mensal do theatro attingia uma volumosa somma.

Não conheço o «elenco» total da companhia em 1770.

Sei que depois, até 1774, fizeram parte d'ella Trebbi, Felicaldi, Schiattini, etc.

O primeiro bailarino, tambem escripturado por dez mezes, veio ganhar, durante esta temporada, 1:104\$000 réis, quer dizer 110\$400 ao mez.

O cabelleireiro, Francisco de Brito, pagava-se bem: não penteava uma cabelleira por menos de dois a tres mil réis.

N'aquelle tempo, as empresas theatraes eram obrigadas a fornecer ás cantoras ou bailarinas—luvas, tijelinhãs de cosmeticos, e seges nas noites tempestuosas.

Este costume das seges prevaleceu desde o tempo do marquez de Pombal até ao de Francisco Palha.

Ora as receitas liquidas do theatro da Rua dos

(*) Como artista, esta irmã de Anna Zamperini passou des-
percebida. E quanto ao seu nome de baptismo tenho duvidas, que
não vale a pena deslindar.

Condes, segundo o artigo já citado, vacillaram entre 80 a 200 e tantos mil réis, até com os melhores e mais applaudidos espectáculos.

A companhia chegou em 1770, justamente quando se reataram as relações de Portugal com a Santa Sé, e logo começou a trabalhar na Rua dos Condes—esse famoso barracão de madeira que, por varias vezes restaurado, subsistiu até 1882, anno em que foi substituido pelo actual theatro do mesmo nome.

Aquella casa de espectáculos, menos espaçosa que a do Bairro Alto, (*) tinha ainda assim, alem das varandas, tres ordens de camarotes, que então se chamavam «andares», incluindo as frisas, ditas «forçuras».

Anna Zamperini e a sua familia tiveram hospedagem sumptuosa em casa adrede preparada com mobilia de pau santo, estofos e alfaias de seda azul, amarella e azul e branca, espelhos, dois cravos, utensilios de toucador, guarda-roupa e cozinha. (**)

Comquanto as empresas tivessem por costume alugar casas ás primeiras actrizes, fio menos que toda esta sumptuosidade domiciliaria corresse a expensas do empresario Galli do que por conta dos capitalistas e

(*) No pateo do Conde de Soure, ao Bairro Alto, e no predio, hoje reconstruido, onde residiu temporariamente a rainha de Inglaterra, D. Catharina de Bragança, depois de viuva, e onde faleceram os estadistas Fontes Pereira de Mello e Anselmo José Braamcamp.

(**) *Carteira do artista*, pag. 724.

fidalgos para quem, n'aquelle tempo, toda a mulher de theatro era um fino manjar, *morceau friand*, na phrase do cavalheiro de Oliveira.

O fallecido D. João V tinha revigorado esta tradição galante com a Petronilha, a cujos espectaculos assistira meio occulto n'um dos camarotes com rótulas de madeira, que assim havia alguns para os espectadores «encobertos», sendo um de taes camarotes privativo dos frades mundanos.

Thomaz Lecussan Verdier, em uma interessante nota que apostillou á edição do *Hyssope* feita em 1821, diz que a familia Zamperini «se compunha de tres irmãs e de um pai, homem robusto e bem apessoado, que, apesar de uma enorme cabelleira com que de balde pretendia dar quinau aos alvidradores de idades, mostrava todavia no semblante poder exigir da sr.^a Zamperini menos alguma cousa, que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma cousa mais que a sua paternal benção».

Aqui nos assalta a desconfiança, insinuada por Verdier, de que Mr. Zamperini, chefe da familia, fosse um pai de contrabando, um d'aquelles suppostos pais de actrizes, que não passam de especuladores parasitas, quasi sempre fanfarrões, cujo fim é valorisar a mercadoria cercanda de difficuldades e receios.

Na rubrica de certo soneto composto por Antonio Lobo de Carvalho, o *Lobo da Madragóa*, achamos noticia de que o pai da Zamperini morreu em Lisboa no anno de 1771 e foi sepultado na igreja do Lorêto.

Outros poetas se referem tambem á morte d'este sujeito.

Temos que rectificar.

Occorreu-nos a lembrança de procurar n'aquella igreja o registo do obito, e d'elle obtivemos certidão authentica, nos seguintes termos, aliás mais elucidativos —ainda bem—do que aquelles em que os parochos portuguezes costumam passar identicas certidões :

Certifico eu abaixo assignado que revendo o Livro N 1 dos assentos dos Obitos d'esta Igreja de Nossa Senhora do Loreto, Parochial da Nação Italiana em Lisboa, n'elle a fl. 212 encontrei o termo de forma e theor seguintes:—Aos vinte e sete dias do mez de Outubro de mil settecentos e settenta e dois annos, n'esta Igreja de N. Senhora do Loreto, Parochial da Nação Italiana em Lisboa, foi sepultado e amortalhado no habito de S. Francisco dentro de um caixão no carneiro grande do lado do Evangelho, João Domingos Zamperini, de nação Veneziano, casado com Antonia Zamperini, de nação paduana, de quem ficarão duas filhas donzellas, que elle tinha em sua companhia:—falleceu no dia antecedente perto das quatro horas da tarde e com todos os sacramentos, o do S. S. Viatico, que d'esta Igreja lhe foi administrado e o da Extrema Unção da freguezia de S. José d'esta cidade de Lisboa, onde era morador na Rua direita da Annunciata; e me disserão que tinha feito o seu testamento em Venezia, sua patria.—O Padre João Francisco Delfini—Parocho do Loreto.

Nada mais continha o referido termo a que me reporto, que bem e fielmente copiei, o que juro in fide Parochi.

Guido Reta

Reitor do Loreto

Lisboa, 6 de junho de 1905

Por este explicito documento se ficam sabendo varias cousas interessantes ao nosso proposito:

1.^a Que o pae Zamperini se chamava João Domingos e era um pai authentico por ter casado canonica e legalmente,—segundo a fé de registos officiaes— com Antonia Zamperini;

2.^a—Que deixou duas «filhas donzellas», as quaes viviam em sua companhia.

Aqui devemos notar a habilidade com que o reitor do Loreto evitou contar a pessoa de Anna Zamperini, que levava vida dissoluta e provavelmente não vivia na mesma casa do pai.

Porque a verdade é que não podêmos duvidar de que as irmãs Zamperini eram tres, não só pelo testemunho de Thimoteo Verdier, que assim o declara, mas tambem pelo do auctor de uns versos em francez, quando diz á prima-donna:

...et ton Père, et *tes sœurs*.

Tendo casa á parte, a cantora podia ahi receber os seus admiradores e os seus intimos, mas a sombra do pai constituia uma engenhosa ameaça favoravel aos interesses d'elle e da filha.

3.^a—Que João Domingos Zamperini residia com «filhas donzellas», das quaes uma era Maria Antonia, na rua direita da Annunciada, perto do theatro da Rua dos Condes;

4.^a—Que ao tempo da sua morte era já viuvo, pois que a certidão diz—casado com Antonia Zampe-

rini, de nação paduana, *de quem ficaram duas filhas donzellas*, que *elle* tinha em sua companhia; — e porque nem Verdier nem nenhum dos poetas da *Zamperineida* dá noticia ou faz a menor referencia á mãe da cantora;

5.^a — Que Mr. Zamperini não falleceu *em 1771*, mas a 26 de setembro *de 1772*, cêrca das quatro horas da tarde;

6.^a — Que a sua morte christã, com todos os sacramentos da hora final, recebidos da igreja do Loreto e da igreja de S. José, permite suppôr que elle haveria manifestado arrependimento dos seus peccados e contricção pelas suas faltas;

7.^a — Finalmente, que João Domingos Zamperini, longe de ser um pai dissipador, fôra um pai accommodatio que tinha juntado cabedaes, certamente á custa da filha prima-donna, motivo por que fizera testamento em Veneza, sua pátria.

Quanto a Anna Zamperini, sabemos, pela nota de Verdier, que ella não deixava de cumprir os seus deveres de catholica: nos dias santificados costumava assistir á ultima missa do Loreto. Por signal que a sua presença attrahia ahí um «numeroso e luzidissimo» concurso de admiradores.

Entre estes, tiveram saliente evidencia o padre Manuel de Macedo, poeta e prégador, que n'uma ode ousára chamar *divina* á cantora, expressão que bem cara pagou; outrosim o conde de Oeiras, filho primogenito do marquez de Pombal e então presidente do senado da camara de Lisboa, que pelos seus haveres

e categoria não se limitou ao platonismo pelintra do padre Macedo.

Como sabemos, o theatro da Rua dos Condes não era grande; a companhia tinha uma avultada folha de despesa; e o costume das *borlas* (entradas gratuitas) havia chegado em Lisboa a um alto grau de desafôro.

Peor ou melhor, a empresa conseguiu aguentar-se durante os dez mezes da validade dos contratos, e ainda excedeu este praso esperañada talvez n'uma aragem da sorte.

Mas ao cabo de um anno de exploração, o empresario Galli viu-se enredado em grandes difficuldades financeiras e, ou de motu proprio ou por conselho dos padres da Nunciatura, que gostavam muito de frequentar o theatro, procurou um salvaterio no valimento do conde de Oeiras.

Alvitrou-lhe a ideia da fundação de uma sociedade, com o capital de 100:000 cruzados, repartidos em 100 acções de 4007000 réis cada uma, e com o titulo de *Sociedade estabelecida para a subsistencia dos theatros publicos da córte*.

Era verdadeiramente o monopolio dos theatros, que ficariam sendo apenas dois: o do Bairro Alto para declamação portugueza, e o da Rua das Condes para operas e comedias italianas.

Todos os outros theatros seriam fechados; e até prohibidas as representações em casas particulares.

Segundo este processo, o empresario Galli certamente salvaria, por indemnisação tirada do fundo so-

cial, os capitaes por elle compromettidos, e a companhia Zamperini continuaria em Lisboa.

Comquanto a sociedade devesse ser dirigida por quatro inspectores administradores, certamente pessoas gradas, o ladino Galli teria occasião de molhar a sua sôpa na agencia de muitos, se bem que pequenos serviços do theatro, a que aquelles quatro figurões provavelmente não baixariam.

O conde de Oeiras, posto já fosse casado com D. Maria Antonia de Menezes, filha de D. José de Menezes, da casa dos condes de Caparica, e da condessa de Rapasck, tinha a esse tempo vinte e dois annos, quer dizer, estava na sazão de todas as ardencias e arrebatamentos da mocidade, o que explica e desculpa a sua enzamperinação fogosa.

Facil foi, portanto, captar-lhe a annuencia á ideia da sociedade proposta por Galli e impellil-o até ao extremo de convocar, para uma reunião na camara municipal, alguns dos mais respeitaveis capitalistas nacionaes e estrangeiros da praça de Lisboa.

Os capitalistas não faltaram, para não desgostar o filho do poderosissimo marquez de Pombal, mas ignoravam qual era o objecto da reunião.

Quando o souberam pela leitura de um documento que já estava d'ante-mão elaborado, cahiram das nuvens, e reconheceram o logro; todavia submetteram-se resignadamente e inscreveram-se como societarios.

Logo ali foram eleitos inspectores administradores—certamente por indicação do conde de Oeiras, pois que a votação foi unanime—Ignacio Pedro Quintella,

Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria e Theotônio Gomes de Carvalho, os quaes immediatamente daclararam não querer outra retribuição além de um camarote permanente e commum a todos quatro.

O documento a que acima nos referimes era uma representação á Corôa para auctorisar a fundação da sociedade e approvar os respectivos estatutos, já também elaborados.

Dizia a representação:

«Senhor! Os homens de negocio d'esta praça de Lisboa, abaixo assignados, considerando o grande esplendor e utilidade que resulta a todas as nações do estabelecimento dos theatros publicos, por serem estes, quando são bem regulados, a Escola publica onde os povos aprendem as maximas mais sãs da politica, da moral, do amor da patria, do valor, zelo e fidelidade, com que devem servir os seus soberanos, civilisando-se e desterrando insensivelmente alguns restos de barbaridade, que nelles deixaram os infelizes seculos da ignorancia: e reflectindo quanto V. Magestade se empenha na instrucção dos seus vassallos, e em promover todos os meios de os fazer felizes, conduzidos e animados pelo conselho e approvação do conde de Oeiras, Presidente do Senado da Camara desta Côrte e Cidade de Lisboa, têm determinado entre si formar uma Sociedade, que se empregue em sustentar os mesmos theatros com aquella pureza e decoro, que os fazem permittidos e necessarios, etc.»

Realmente a pillula devia custar a engulir aos bons negociantes de Lisboa, porque além de lhes ex-

torquirem dinheiro, lhes mettiam pelas orelhas dentro phrases que denotavam o proposito de os considerar pacovios.

A que vinham as «maximas mais sãs», a «pureza e decoro» n'um papel que não tinha outro fim senão garantir a permanencia de Anna Zamperini em Lisboa, para gaudio do conde de Oeiras e outros?

Mas não parava aqui a zombaria. Procurava-se tambem no documento elevar o nivel social dos actores, para desde logo a reabilitação aproveitar á Zamperini: «É V. Magestade servido declarar que a dita Arte (scenica) per si é indifferente e que nenhuma infamia irroga áquellas pessoas, que a praticam nos theatros publicos emquanto aliás por outros principios não a tenham contrahido».

Do que se tratava principalmente era de obter dinheiro para conservar em Lisboa a prima-donna Zamperini, viesse muito embora depois d'ella o diluvio.

Por isso dizia um artigo dos estatutos:

«Acontecendo que o fundo da dita Sociedade e seus interesses se extinguam por algum principio, seja elle qual fôr, neste caso ainda que os ditos seis annos não sejam completos, se haverá a dita sociedade por extincta, e os interessados nella não sejam obrigados a renovar o seu fundo e capital, e a persistir na mesma sociedade».

Do mal o menos. Cada negociante perdeu logo o amor a 400,000 réis, mas tranquillizou-se quanto ao receio de que ainda lhe pedissem mais dinheiro para novas zamperinices.

Por sua parte, Galli, o *deus ex machina* da sociedade, conhecendo bem os prejuizos que o theatro dava, calculou que 100,000 cruzados não podiam durar mais de seis annos.

Pois nem tanto duraram. As despezas eram grandes, as receitas pequenas e o fundo social ia desaparecendo n'um sorvedouro hiante.

De mais a mais fallecera entretanto o administrador Ignacio Pedro Quintella, cujo cofre particular remediava quaesquer difficuldades de momento.

Os ordenados já não eram pagos em dia aos principaes artistas, se exceptuarmos certamente Anna Zamperini.

O tenor Schiattini, figura indispensavel, declarou que não tornaria a cantar se lhe não pagassem.

Os administradores recorreram então a uma violencia atroz: metteram o tenor no hospital de S. José, dando-o por doudo, e mandavam-n'o buscar todas as noites, entre dois quadrilheiros, para vir cantar de graça.

El-rei D. José, havendo conhecimento d'esta atrocidade, achou um meio conciliador: nomeou Schiattini cantor da capella real e, sem ter que mandar fechar o theatro, valeu á miseria do pobre tenor.

O conde de Oeiras ia-se arruinando progressivamente com o luxo da Zamperini, o que explica certamente que ella mudasse para uma casa mais barata na Cotovia (veja-se o soneto do Lobo da Madragôa no *Appenso*), mas o marquez de Pombal nada sabia das excessivas despesas feitas pelo filho, porque os proprios amigos não ousavam dizer-lh'o.

Quando por qualquer modo veio a sabel-o, meado o anno de 1774, o marquez de Pombal, n'um d'aquelles seus lances de colera e energia que ficaram memoraveis, ordenou que a Zamperini fosse immediatamente expulsa de Portugal.

E foi. Quando Sebastião José dava uma ordem, não havia chus nem bus; cumpria-se, e prompto. (*)

Depois, falando da Zamperini, o marquez costumava dizer que ella fôra uma verdadeira *Pantana*, pelo muito que se lhe deu em Portugal.

Segundo a mythologia popular, *Pantana* é o paiz ideal das riquezas, aonde converge tudo quanto se malbarata no mundo real.

III

Sabe-se que a Zamperini, quando chegou a Portugal, já tinha estado em Inglaterra, onde vampirisou com igual éxito as algibeiras dos bretões.

(*) Em 1798 veio ao theatro de S. Carlos um cantor chamado Giovanni Zamperini, que talvez fosse algum filho de Anna Zamperini, que ella deixasse a educar em Italia quando aqui esteve. Não o posso suppor seu sobrinho, porque n'esse caso seria novo de mais para artista de carreira. Antes a suspeita vá recahir em Anna Zamperini do que nas manas donzellas. *Proh pudor!*

Dil-o mais de um poeta.

No soneto em que «fala um inglez com a côrte de Lisboa», o respectivo auctor põe na bôca do subdito britannico esta advertencia ao mesmo tempo preventiva e gaiata:

Da minha Côrte já foi desterrada;
 Mas não de cabedaes destituida,
 Porque a muitas fazendas deu sahida,
 Ao mesmo tempo em que lhe dava entrada.

No «dialogo entre Fileno e Dorindo» tambem se faz allusão á estada da Zamperini em Inglaterra e á sua interesseira galanteria:

Sabes, amigo meu, que dama é esta,
 Que ha pouco aqui chegou vinda do Norte?

 Conheço muito bem; da tal se attesta
 Que aos mylords de lá deu um bom côrte.

Lá, como em Portugal, tornou-se preciso expulsal-a, como quem se defende de uma calamidade pavorosa:

Da minha Côrte já foi desterrada.

Mas, tambem como cá, a expulsão já não valeu a copiosas sangrias, em que a arteira artista tinha feito correr ondas d'esse bom sangue amarello, que se chama—libras sterlinas:

Da minha Côrte já foi desterrada;
 Mas não de cabedaes destituida.

A expulsão era o recurso extremo a um remedio decisivo para evitar maiores males.

Anna Zamperini não estava no frescôr da mocidade, nem era bella, antes parecia algum tanto alquebrada de uma longa e consumptiva bohemia artistica.

Diz-lh'o cruamente certo verzejador desbocado:

Porém foi-se a meninice;
A feição não arrebatá;
E está, por batida, a matta
Reduzida a taes destroços,
Que se quer gastar os ossos,
Ponha a carne mais barata.

Quanto aos seus meritos profissionaes de cantora, não eram elles absolutamente superiores, pois que se o mesmo vate, com ser desdenhoso, lh'os reconhece,

Canta bem, e será tonto
Quem a quizer igualar,

outros poetastros lh'os medem por menor craveira, como por exemplo o que pondera com reservada moderação:

Dize, emfim, que canta bem,
Que merece o teu louvor;
Mas que não ha quem melhor
O faça, dúvida tem:
Uma que não me convém
Declarar, sei eu que afina
Mais doce a voz...

O que parece incontestavel é que a Zamperini possuia o segredo de agradar pela *coquetterie* como cantora e mulher, graças aos artificios com que modulava a voz, e aquecia o olhar, e sublinhava o sorriso, e punha em acção as mais suggestivas denguiques, os mais penetrantes quindins da faceirice feminina.

N'isto são concordes os versejadores.

Dispunha de um «dôce agrado bello» que soube valorisar com firmeza e astucia, com pompa e galanteria, sem jámais admittir quebra na cotação do mercado.

Ambiciosa e calculista, precisando de muito dinheiro para manter certo apparatus de grandeza, ella comprehendeu que estaria perdida na hora em que por qualquer fragilidade de momento se barateasse.

Atirou o coração para traz dos moinhos, como coisa inutil n'uma mulher de theatro, e nunca perdia de vista a escripturação commercial do «Deve» e «Ha de haver», seu unico mentor depois que o pai falleceu.

Com versos, laudativos ou vexatorios, não se governava. Sorria aos argentarios e ria dos poetas. Pouco lhe importava que lhe chamassem divina ou estafermo. Ella partia do principio, aliás sensato, que a mulher é avaliada na somma em que a si mesma se avalia, e que o desejo da posse é mais intensamente atizado pela difficuldade em obtel-a que pela qualidade da mercadoria.

Anna Zamperini presava-se muito para não pesar pouco, e assim conseguiu alimentar á roda de si uma dupla matilha de versejadores, que a mordiam ou que

a afagavam, sendo-lhe aquelles até certo ponto convenientes para despertar a reacção dos ultimos.

E todos elles ladravam alto, o que não convinha menos, porque a fama é — principalmente — o latido dos que nos querem morder.

Não ha duvida que a famosa ode do padre Macedo, em que a Zamperini foi classificada de «divina», contribuiu poderosamente para crear em torno da cantora o ruido da celebridade, pois que uns se conformaram com aquelle epitheto, outros se revoltaram contra elle.

E diga-se desde já que algumas vezes se tem confundido o padre Manuel de Macedo com o padre José Agostinho de Macedo.

É erro crasso, porque este ultimo tinha 9 annos de idade quando a Zamperini chegou a Lisboa em 1770.

A confusão procede certamente não só da identidade do appellido, mas tambem de um e outro terem igualmente levado vida mundana por camarins, grades de convento, salas suspeitas e lojas de bebidas.

O padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos era natural da nova colonia do Sacramento, no Brazil.

Ahi nasceu a 5 de maio de 1726.

Vindo para Lisboa, ordenou-se presbytero, e tomou a roupeta de S. Filippe Nery, na congregação do Oratorio, a 2 de fevereiro de 1747.

Por algum tempo regeu uma cadeira de bellas-lettras no hospicio de Nossa Senhora das Necessidades.

Em 1760, quando foram perseguidos alguns padres do Oratorio pelo marquez de Pombal, Macedo sahiu da congregação para o estado de presbytero secular.

Fez parte da Arcadia Ulyssiponense com o anagramma de *Lemano*, versejou, e teve fama como orador sagrado.

Era feio, amulatado e strabico. A este defeito allude Filinto Elysio quando diz: «Não me torçam o focinho á palavra *versos*, que eu lh'os não inculco por bons: com tanto que valham os do *Macedo torto*, me contento.» Mas, prégando, o calor da eloquencia e do gesto attenuavam em Macedo a fealdade. El-rei D. José costumava dizer d'elle: «O padre Macedo é muito feio, e comtudo no pulpito até me parece bonito.»

Quando a Zamperini chegou a Lisboa, Macedo tinha quarenta e quatro annos.

Não era, portanto, ainda velho, mas parece que a irregularidade da sua vida o desfigurára e encanecêra antes de tempo.

Um dos seus detractores dizia-lhe então:

...a frente já nevada,
Quando a idade, na cara encarquilhada,
Bem se descobre, e nos quebrados dentes.

Outro aristarco, aquelle que lhe chama «reverendo peralta dos peraltas», fere a mesma nota da velhice, embora prematura, e lembra-lhe

...que proximo estás da sepultura. (*)

(*) O padre Manuel de Macedo ainda durou pelo menos até ao anno de 1788. Morreu pobrissimo n'uma estalagem da rua dos Canos.

Pouco importaria a idade, ou o aspecto avelhentado, se o padre Macedo tivesse a algibeira provida de boas peças e dobras. Mas o pulpito apenas lhe dava maior fama que riqueza: de mais a mais a vida esturdia é dispendiosa e malbaratada.

Supposto velho, Macedo era, além d'isso, pobre; e os

...velhos pobres são impertinentes.

Até chegar a Zamperini, elle desleixava o asseio da batina e principalmente da volta,

co'uma volta já sebenta;

mas depois que ficou enzamperinado, começou a vestir á italiana, como os padres da Nunciatura,

Pomada, anncis, cabelo apolvilhado.

Anna Zamperini devia rir-se intimamente d'este padre trigueirão, desdentado, casquilho e piranga; mas pagava-lhe em falsos sorrisos, vagamente promettedores de uma esperança irrealisavel, o serviço de apregoal-a como arauto na tuba da fama.

Manuel de Macedo, sempre illudido, e talvez brioso em aguentar a responsabilidade de um adjectivo hyperbolicamente encomiastico, não recuou um passo na defesa da cantarina.

D'ahi lhe resultou ser um bombo em festa de aldeia durante a famosa «guerra dos poetas» assoprada pela sua ode celebérrima.

Mas o bom do padre não recuou, nem cedeu.

O sumptuoso funeral de Mr. Zamperini fôra custeado pela administração do theatro da Rua dos Condes; e, no trigesimo dia depois do seu fallecimento, fizeram-se não menos sumptuosas exéquias na mesma igreja do Loreto.

Constou que o padre Manuel de Macedo iria recitar no pulpito o elogio do finado — amante disfarçado em pai, segundo diziam muitos, e «sogro de todos» como escreveu um poeta com o proposito de ferir mais a cantora do que o pai.

O patriarcha D. Francisco de Saldanha, quando teve conhecimento d'este boato, mandou chamar o padre Macedo e prohibiu-lhe que fosse prégar nas exéquias, que frequentasse o theatro, que fizesse versos á Zamperini e ordenou-lhe que substituisse por uma cabelleira o penteado á italiana com polvilhos e pivetes.

Nem deante do prelado faltou a coragem a Macedo.

Asseverou que o boato de ir prégar nas exéquias fôra malevolamente espalhado pelos seus inimigos.

Quanto a frequentar o theatro, defendeu-se com o exemplo dos padres da Nunciatura.

E, quanto á imposição da cabelleira, não só recorreu ao mesmo exemplo, lembrando que a não usavam aquelles padres, mas tambem que ella era contraria aos cânones e em caso nenhum, incluindo enfermidade, podia usal-a sem um breve especial de Roma.

O patriarcha sentiu-se enleado com a argumentação corajosa de Macedo, mas a breve trecho reconhe-

ceu que a sua auctoridade ficaria abalada se transigisse completamente.

Fez-se, portanto, forte na questão da cabelleira, e ahi não cedeu um palmo de terreno.

Mas como o padre passasse dos argumentos ás supplicas na restante materia da prohibição, D. Francisco de Saldanha consentiu-lhe que continuasse a frequentar o theatro, comtanto que se escondesse ao fundo de um camarote como faziam os padres da Nunciatura, o auditor, o secretario e outros.

Realisaram-se as exéquias com grande apparatus funebre, mas sem que Macedo subisse ao pulpito.

Isto não obstou nem ao brilho do acto religioso, nem a uma enorme affluencia de assistentes, como se depreheende, entre outras composições, do soneto em que o Lobo da Madragôa exclama ironico:

Que funcção será esta no Loreto
Para a qual correr vejo tanta gente?

IV

A «guerra dos poetas» começou na rivalidade entre os socios da Arcadia e os do grupo da Ribeira das Naus, que era capitaneado pelo padre Francisco Manuel do Nascimento; mas aggravou-se com o pretexto da ode encomiastica do arcade Macedo á Zamperini.

Camillo Castello Branco diz que Domingos Pires Monteiro Bandeira foi, dos do *Grupo* da Ribeira das Naus, o que sahi a ripostar aguerridamente ao padre Macedo e á sua ode. (*)

Sem embargo, Costa e Silva, que ainda teve relações pessoaes com outro poeta do mesmo grupo, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, diz no *Ramalhete* (**) haver sido este o antesignano da campanha litteraria contra o Macedo a proposito da ode.

Abundam provas, além do testemunho do contemporaneo Costa e Silva, para crermos que o fôra, effectivamente, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, jurisconsulto, e não Domingos Pires Monteiro Bandeira, escrivão da Mesa da Consciencia e Ordens.

Macedo, respondendo á satyra d'aquelle, refere-se a famosos legistas, taes como Grotius, Bœhemer e Pufendorff, que eram citados por ostentação de sciencia pelo seu zoilo; e logo depois nota que, não obstante a prosápia de Monteiro e quejandos jurisconsultos empavezados, a historia do *Direito Patrio* estava por fazer.

Por sua vez, José Basilio da Gama diz ao émulo contumaz de Macedo que elle perde o trabalho e o azeite quando faz

Tresentos pares de enfadosas rimas
Em estylo *dialetico-forense*.

(*) *Curso de litt. portug.*, pag. 205.

(**) 6.º vol., pag. 324 e seguintes.

Na parodia ao episodio do Velho do Restello (IV canto dos *Lusiadas*) o mesmo José Basilio da Gama ou qualquer outro fala ainda mais claramente quando diz:

Segue, segue do *Fôro* a loquaz vida;
Faça punir os crimes e adulterios;
 Que a tua eterna prosa é conhecida
 Já pelos *Rabulisticos Imperios*.

Logo depois lhe chama *doutor* e, mais adiante, *moço* miserando.

Ora o bacharel Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral tinha então apenas vinte e seis annos ou pouco mais e seguiu a magistratura, chegando a ser desembargador da Casa da Supplicação de Lisboa: por isso lhe acertam em cheio todas estas referencias.

Tambem é de notar que Filinto Elysio, nas duas odes que dedicou a Domingos Pires Monteiro Bandeira, não lhe declina a qualidade de *doutor*, mas sim— a de fidalgo da casa de sua magestade fidelissima e escrivão da sua real casa.

Domingos Pires Monteiro Bandeira exerceu, realmente, o cargo de escrivão da Mesa da Consciencia e Ordens.

Comquanto fizessem parte d'este tribunal, instituido em 1532, pessoas que não eram diplomadas como legistas (uma das quaes parece ter sido o cardeal infante D. Henrique), outras o eram, como vemos pela

noticia que da fundação d'este tribunal nos dá a *Historia Genealogica*. (*)

Mas o escrivão, como ainda hoje os de todos os tribunaes, não era para *julgar*, e sim para *escrever*, isto é, preparar os processos para julgamento.

Assim, pois, não se lhe exigia como habilitação o curso de Leis.

Um dos escrivães da Mesa da Consciencia e Ordens tornou-se distincto por compilar a historia d'aquelle tribunal, que ficou inédita segundo Barbosa: foi Manuel Coelho Veloso, fallecido em 1744.

Que eram escolhidos entre pessoas com habilitações litterarias, embora não juridicas, sabemol-o pela nomeação de Domingos Pires Monteiro Bandeira, poeta de valor, e como tal considerado por Filinto e Nicolau Tolentino, seus amigos e admiradores.

Até por uma epistola de Tolentino sabemos que Domingos Pires Monteiro Bandeira era rico, pois que possuia uma herdade chamada dos Gorisos, e que muitas vezes o banqueteu lautamente á sua mesa, primeiro na rua da Atalaya, onde ambos moravam, e depois na calçada do Salitre.

Deprehende-se do endereço da epistola que Bandeira teve importancia politica, além de dinheiro.

As suas poesias ficaram dispersas e na maior parte manuscriptas: mau fado parecia perseguir os escrivães da Mesa da Consciencia e Ordens, a julgar

(*) Tomo 111, pag. 434.

por Bandeira e Veloso, no tocante á não publicação das obras litterarias que produziam.

Quanto ao dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral diz Innocencio que falleceu em 1830, com 86 annos; tendo conservado na velhice boa saude, conversação espirituosa e affavel trato, segundo affirma Costa e Silva.

Deixou um filho natural, que tambem foi bacharel em direito, e juiz do crime n'uma das varas em Lisboa.

Domingos Pires Monteiro Bandeira morreu, solteiro, no anno de 1806; e teve sepultura na igreja da Encarnação.

No fundo, a questão sobre a ode era apenas uma guerra litteraria, movida por antigos odios, pois que tanto os arcades como os dissidentes não foram insensiveis aos encantos da Zamperini.

Antonio Diniz, um arcade, incluiu no *Hyssope* esta referencia á cantora:

Se tu, *oh extremada Zamperini,*
 Que em Lisboa os casquilhos embaraças,
 Seus suaves accentos escutaras,
 Passages, e volatas; *bem que as Graças,*
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta, mil encantos,
Com que as tres filhas de Achelão vences;
 Quantos novos encantos aprenderas!

E o mesmo Antonio Diniz, como menciona Verdier, não perdia occasião de ir admirar a Zamperini para o camarote dos inspectores administradores, por

ser amigo intimo de Theotonio Gomes de Carvalho.

A famosa cantora teve a honra de ficar sendo a derradeira aragem que fez chammejar o rescaldo dos odios litterarios, prestes a apagar-se entre os poetas.

«Pode concluir-se—diz o sr. Theophilo Braga— que com a expulsão da Zamperini terminou em 1774 a *Guerra dos Poetas*, quando tambem a Arcadia dava o seu ultimo arranco.»

V

Entre os manuscritos da Casa Vimieiro, adquiridos pela Bibliotheca Nacional de Lisboa, encontra-se um volume in-4.º, de 180 paginas, encadernado, com o titulo de—*Zamparineida metrica-laudativa-satyrica ou collecção das obras poeticas, pró e contra, feitas em Lisboa á cantora italiana Anna Zamparine, e ao padre Manoel de Macedo. 1774.*

Este codice tem o n.º 8.630 e a sua letra é manifestamente da época acima indicada.

Comprehende 64 peças.

Reproduzimos-o hoje, depois de o havermos confrontado com outro Ms., que se conserva na Torre do Tombo, com o n.º 71, e tem por titulo—*Zamperinaida Macedica, metrica, critica, satirica, ou Collecção de obras poeticas com seu rabo-leva prosaico que se tem feito á cantora italiana Anna Zamperine e seu apaixonado o Padre Manoel de Macedo em Lisboa de 1772 a 1773.*

Esta ultima collecção é menos numerosa em composições que a primeira, o que se explica por a da Bibliotheca Nacional abranger as que foram apparecendo durante mais um anno, isto é, de 1773 a 1774.

No texto fazemos notar as que se encontram em ambos os *Mss.*

N'um appenso publicamos mais algumas peças não reunidas em nenhuma d'aquellas duas collecções.

A *Zamperineida* da Bibliotheca Nacional, comquanto mais rica que a da Torre do Tombo, não é todavia uma collecção completa, nem seria facil que o fosse, tamanho diluvio de versos, pró e contra, afo-gou a Zamperini em Portugal.

Assim, por exemplo, vê-se do soneto feito ao Tenente Leonardo que falta a producção elogiosa, que este Marte versejador compoz e que deu origem ao soneto.

Tambem lhe faltam às peças que pudemos agrupar no appenso.

Mas nada nos admirará que appareçam amanhã outras mais composições para nós desconhecidas.

Cremós até que uma *Zamperineida* completa avolumaria um grosso tomo fradesco.

Comquanto o copista do *Ms.* da Bibliotheca Nacional fosse contemporaneo dos acontecimentos, trabalhasse durante elles ou logo depois, faria certamente o seu traslado sobre outros que já vinham inquinados de defeitos de má leitura, de má orthographia, e porventura de lapsos de penna,—quaesquer descuidos por desattenção ou pressa.

Além d'isto, não era o copista pessoa de reconhecidos meritos litterarios, mas antes seria apenas um curioso, que se entretinha a colligir chalaças do seu tempo.

Quero crêr que elle ultimasse a voluntaria tarefa antes da Zamperini ser obrigada a sair de Lisboa — comquanto no mesmo anno de 1774 — porque faltam no *Ms.* as satyras e apodos a que certamente daria origem a ordem de expulsão com que a cantora foi pombalinamente fulminada.

Procurei na Torre do Tombo, entre os papeis da Intendencia da Policia, qualquer documento relativo a esse factó, e não o encontrei.

Certamente a ordem seria verbal, e summária: o marquez de Pombal não quizera perder tempo com os tramites burocraticos; e até recusaria á cantatriz aventureira a honra de a fazer transitar nominalmente pelos archivos publicos.

Torno a dizer que supponho ter o copista trabalhado durante os acontecimentos á medida que elles se produziam e os poetas os iam commentando n'um ou n'outro sentido.

Assim, as peças componentes da famosa *Guerra dos poetas* não formam no *Ms.* um corpo integro ou collecção especial; estão intervalladas com outras composições, que porventura appareceram entretanto, o que pode prejudicar a relação de causalidade d'aquellas satyras, mas contribue para maior variedade de leitura.

Por esta e outras considerações não alterei a dis-

posição que lhes deu o copista; mas para orientar o leitor indiquei sempre a numeração das paginas relacionadas entre si nas diversas phases da contenda propriamente litteraria.

Emquanto os luminares da Arcadia e da Ribeira das Naus discutiam, a pretexto da Zamperini, os meritos da escola classica ou da escola franceza, os «velhos» e os «novos», a pureza e propriedade da lingua-gem, os talentos e estylo alheios, com um seccante aparato de sapiencia, dando uma sensação de pesadumbre congestivo, outros poetas, menos laureados e academicos, desopilavam o publico atirando sobre a Zamperini, o pai, o Macedo, e demais enzamperinados, mancheias d'essa alegre moral chamada Troça, feita de ironia e riso, universalmente derramada entre as sociedades cultas, mas essencialmente congénere com o genio e a indole do povo portuguez.

O nosso «espírito» nunca foi subtil e requintado como a graça franceza, que faz jogos malabares de palavras e syllabas no epigramma, no trocadilho e no *calembour*.

Em Portugal, o jogo de vocabulos, por imitação gongorista, foi sempre um artificio altamente litterario, como em Jacinto Freire e no padre Antonio Vieira.

O que tem um cunho tradicionalmente lusitano é a malicia bréjeira, agaiatada, fescenina, visando as mulheres e os seus attractivos.

Diz-se que onde estiverem tres portuguezes não curam de outro assumpto e chama-se-lhe «a materia vasta» porque todas as gerações que se succedem a

encontram nova em folha, como se não houvesse sido ainda tocada.

Ora, póde calcular-se quanto a musa galhofeira dos portuguezes exploraria o caso picaresco da Zamperini, aventureira que logrou sugar os argentarios, ensandecer os velhos, embaír os novos, deshonestar os paðres, irritar o Patriarcha, alvoroçar os poetas e asanhar o grandiosamente imperturbavel marquez de Pombal!

Era uma epidemia de loucura aphrodisiaca, mais intensa e ampla do que as outras da mesma especie que até então haviam grassado em Portugal.

Toda Lisboa estava douda por causa da Zamperini: idades, classes, categorias, haveres, por mais diferentes que fossem, tudo rolava enzamperinado para um abysmo commum e cavernosamente insondavel.

A laracha portugueza, sempre vibratil deante das fragilidades piegas e sempre maliciosa quando se trata de mulheres, achou um filão copioso e facil, uma nova Adiça inexgotavel nos acontecimentos heroi-comicos que do theatro da Rua dos Condes esguichavam para o exterior, chegando ao conhecimento da plebe.

Então todos os poetas de agua doce, mais alegremente que os de agua salgada, fizeram rabiari sobre as lages das ruas os busca-pés metrificados das grandes caçadas populares.

A troça escorria em sonetos e décimas de cada lyra anonyma, como a agua chilra do beiral dos telhados n'um dia de chuveiros.

A bréjeirice indigena dava cabriolas á solta sobre

as mesas das lojas de bebidas e nas casas de pasto, no Isidro, no Almeida e no Talaveiras; os «ginjas», como lagartos ao sol no Alto de Santa Catharina, refrescavam em tão palpitante assumpto a memoria da antiga estroinice e da leitura da *Martinhada*; as glosas pimpolhavam, como tortulhos em lameiro verde, sobre este mote commum — a Zamperini; e de toda a parte parecia que surgiam mãos aduncas como garras aquilinas, os cem braços do gigante Briareu, para gazofilar a cantora, rasgar-lhe os vestidos, esbagaxar-lhe o corpete, destrançar-lhe o cabello e descalçar-lhe as pantufas na praça publica, acabando por soerguer a cortina de uma luxuosa alcova mercantil.

As gargalhadas retiniam, os chascos assoviavam, as vaias latiam, e assim, dia a dia, durante quatro annos, a alegre moral chamada Troça, que ri castigando os costumes como a comedia aristophanesca, ia fabricando em consoantes travêssas e espontaneas a teia hilariante da *Zamperineida*, *Luçiadadas* do povo n'uma época de decadencia, em que o unico portuguez forte era o marquez de Pombal, porque já todos os outros que o haviam sido, no mar ou em terra, estavam amortalhados no papel pardo de Fernam Lopes, Azurara, Goes e Pina.

O vendaval de insania, que a Zamperini desencadeára sobre Lisboa, causou espanto no Brazil, e d'elle riram principalmente os fluminenses durante annos.

Quando ali exerceu funcções de vice-rei um fidalgo lisboêta, da casa Castello-Melhor, Luiz de Vasconcellos e Sousa (1779-1790), grassou no Rio de Ja-

neiro uma epidemia intensa, a que lá deram logo epigrammaticamente o nome de—Zamperini—por allusão ao contágio de allucinada effervescencia, que a famosa veneziana fizera alastrar em Lisboa.

Mais duas palavras apenas sobre o texto dos poetas.

Eu não ousei amputar totalmente á *Zamperineida* os equívocos e tropos em que a graça portugueza mais destapadamente arrotava.

Essas eructações de riso podem ser grosseiras, e são, mas não attingem a altura ou a baixeza da pornographia desgrenhada.

A malicia está sob a capa da metaphora, de modo que é preciso conhecê-la bem para desembrulhal-a.

A Innocencia, se passar pelas paginas da *Zamperineida* com os seus olhos de saphyra e com os seus dedos côr de rosa, não ficará pervertida, e achará intelligivel, por isso mesmo insulsa, a intenção reservada do poeta.

Limitei-me a retenciar alguns vocabulos chulos ou obscenos que certamente iriam ferir a susceptibilidade de pessoas bem educadas.

No *Appenso*, todas as peças levam a respectiva annotação bibliographica.

D'ellas, as que são redigidas em lingua franceza devem attribuir-se ao Chevalier de Montigny, encarregado dos negocios de França, que babosamente arrastou a aza em Lisboa á Zamperini.

São copia de um papel encontrado na Torre do Tombo e procedente do archivo do Ministerio da Guerra.

Eu folheeí ha tres annos outra copia na livraria Pereira da Silva, e lembro-me de que tinha a seguinte assignatura — *Metrophoby* — certamente pseudonymo d'aquelle diplomata francez.

Deve notar-se que a primeira e ultima letras do pseudonymo coincidem com as do appellido.

O cavalheiro de Montigny foi decerto um amante infeliz, não só porque dispunha de mais estro que dinheiro, mas tambem porque lhe faltou tempo para proseguir na sua campanha amorosa até á hora em a Zamperini cahiu em desgraça.

Sabe-se pelo *Gabinete Historico* (vol. xvii, pag. 140) que elle falleceu em Lisboa no dia 8 de agosto de 1773, e que foi sepultado na igreja de S. Luiz Rei de França, assistindo ao funeral e depois ás exequias os ministros estrangeiros, a colonia franceza, bem como outras muitas pessoas de distincção.

Montigny acompanhava tanto a vida dos theatros que em officio de 12 de agosto de 1771 (*Quadro elementar*, vol. xviii, pag. 14), dirigido ao duque de Bouillon, não só apreciava os actos do marquez de Pombal em assumptos relativos ao commercio e industria, mas tambem no tocante aos nossos theatros, auctores e peças.

Modernisei algum tanto a orthographia do *Ms.* para menor enfado do leitor.

Isto não ha de ser obra para estudo de eruditos, mas apenas para entretenimento de curiosos.

Comtudo a *Zamperineida* não é inteiramente falha de interesse historico.

Contém, pelo contrario, um animado quadro de costumes, a caricatura flagrante de uma época, em que ao terremoto de 1755 se ia succeder um não menos ruinoso terremoto politico, e em que os caracteres e as consciencias tinham de desabar sobre a urna funeraria onde o marquez de Pombal esperaria a hora do seu resurgimento na immortalidade.

Lisboa—Novembro, 1905.

ALBERTO PIMENTEL.

ZAMPERINEIDA

ODE

FEITA PELO PADRE MANUEL DE MACEDO

(Tambem se encontra no Ms. da Torre do Tombo)

1

Formosa Zamparine!
Não disse bem ¹, formosa não te basta;
O nome de Divina
É só que te compete. Pisa, arrasta
As vaidosas ² bellezas,
Do teu triumpho ao veloz carro presas.

2

Um gesto, um movimento
De teus olhos gentis, quem não inflamma?
Transporta o pensamento!
Que suave prazer n'alma derrama!
Com dôce actividade
Rouba o socego, rouba a liberdade!

3

Do arco Amôr não sacóde
Setta mais penetrante! A tua vista
É um raio que póde,
Das ³ rebeldes vontades na conquista,
Vencer, deixar prostrados,
Os corações, ainda que obstinados.

4

4

Appareces! No rosto
De cada um se observa diffundido
 Não sei que estranho gosto!
Tu só, tu tens o applauso conseguido—⁴
 De sempre desejada:
Retiras-te da Scena, a Scena é nada.

5

Oh encanto! Oh ternura!
Oh soberana voz! Não ha Serea,
 Que encha de mais doçura⁵
O insaciavel animo! Recrea,⁶
 Excita um novo ⁷ espanto:
Não, da terra não é aquelle canto!

6

Quem não fica pendente
Como absorto de tanta melodia?
 Suspira impaciente,
Não sabe quando ha de raiar o dia
 Que ouvir-te outra vez possa:
Da saudade a aspereza nada adoça.

7

Ora humilde, ora altiva,
No semblante os affectos trasbordando:⁸
 Que acção tão expressiva!
Um olhar teu ⁹ severo, um olhar brando,
 Consterna, e vivifica:¹⁰
Na branca testa¹¹ os louros te duplica.

8

França, não te gloreies
Das actrizes que contas celebradas;¹²
Para que o orgulho enfreies,
Do Adriatico Mar nas prateadas
Margens, uma apparece,
—É Zamparine bella:¹³ ouve-a, emudece!

9

Do caudaloso Sêna
Já fez parar as ondas cristallinas:
O écco da voz amêna,
Batendo as azas nas azues campinas,
Tão vastas como bellas,
Gravado tem seu nome entre as estrellas.¹⁴

10

E ha quem disputar queira
De teu merecimento a preeminencia?!
Tu és sempre a primeira.
A frenética Inveja, a Competencia
São terrestres vapores,
Que não mancham do Sol os resplendores.

NOTAS

- 1 N'outras lições, como, por exemplo, na do periodico *O Ramalhete* (1843): «Formosa não, formosa não te basta»
- 2 Variante: As altivas
- 3 De
- 4 Tu só tens os applausos conseguido
- 5 Que verta igual doçura.
- 6 O insaciavel animo recrea.
- 7 Excita novo
- 8 Vas no semblante affectos alternando:
- 9 Um teu olhar
- 10 Consterna, vivifica:
- 11 Na nivea fronte
- 12 Que contas, celebradas;
- 13 A bella Zamparine
- 14 Tem gravado teu nome entre as estrellas!

REFERENCIAS MYTHOLOGICAS E GEOGRAPHICAS:—*Sereas*, entidades fabulosas, que com o seu canto delicioso attraíam os navegantes aos recifes do mar da Sicilia. E' claro que o Padre Macedo, todo enzamperinado, só fazia allusão ao canto, e não á perfidia.—*Adriatico Mar* é um rodeio litterario para dizer que a Zamperini nascêra em Veneza. Do mesmo modo a referencia ao Sena vem para dizer que a cantora já estivera em França, talvez em Pariz ou no Havre.

ODE

EM RESPOSTA Á PRECEDENTE

(Tambem se encontra no Ms. da Torre do Tombo)

1

Assás tem Pluto em Hespanha ¹ fulminado
 Maus versos; e más prosas
 Com afumadas mãos tem jaculadô.
 Vão cantoras formosas,²
 Italicas, Hespanicas, Francezas,
 De Zamparine ao torpe carro presas.

2

Com que saudade os pés assignalados
 Deixaste, recta Astréa,
 Lá de Atlante nos hombros estrellados!
 Com dourada cadeia,
 A balança aos teus pés levaste presa:
 Outra ficou em que a paixão só pesa.

3

Tem Venus impudica o Pômo de ouro,
 A Minerva negado;
 Não serve ás Deusas bellas de desdouro
 Ter sempre Marte ao lado.
 Do estranho veto ora a razão concebo:
 Foi Juiz o adultero Mancebo.

4

Tu, que de Abril nas frescas madrugadas,
 Rouxinol sonroso,
 Dás ao Tithão³ as primas alvoradas,
 Se em carcere formoso,
 Deliciosos ouvidos adormentas,
 Em corações⁴ exhaustos te sustentas.

5

Não arrancou Quixote desvelado,
 Entre aereos carinhos,
 A durindana mais vanmente ousado
 Contra duros Moinhos,
 Que tu com o Verso, em que a alma derreteste,
 Sem ouro a Dulcinea⁵ acommetteste.

6

O voluvel penedo, abaixo, acima⁶
 Vae Sisypho rolando:
 Se os que nos ferem em má prosa e rima,
 Jove assim castigando,
 Á incessante fadiga⁷ os condemnára,
 Muita lição penosa nos forrára.

7

Nem⁸ viramos gravar entre as estrellas
 A tão incasto nome,⁹
 Sem attentar que o claro lume d'ellas
 A luz baça consome:
 Nem viramos em Paphos profanados,
 Os vasos de ouro ao Templo consagrados.

7

Mas a nossa vaidade empavezada
 Não consente que os Numes
 Rimam,¹⁰ d'esta estulticia enevoadá,¹¹
 D'alma os nativos lumes.
 Ousamos reprehender nossos maiores;
 Vimos por presumpção a ser peores.

DOMINGOS MONTEIRO DE ALBUQUERQUE E AMARAL.

(Vide *Prefacio*, pag. 34).

NOTAS

¹ A' Hespanha

² famosas

³ A Tithão

⁴ De corações

⁵ á Zamperini

⁶ abaixo e acima

⁷ A perpetua fadiga

⁸ Não

⁹ Um tão

¹⁰ Salvem... Rimam, é o verbo remir. Preferimos esta variante por tornar o verso mais euphonico.

¹¹ descarada

REFERENCIAS MYTHOLOGICAS E LITTERARIAS :—*Pluto* ou *Plutão*, negro e hediondo rei dos infernos, sempre com a mão sobre castigos tremendos, e por isso muito capaz de esguichar verso e prosa... de todos os diabos.—*Astréa*, deusa da justiça. O poeta figura-a sobre os hombros de Atlante — que sustentavam a esphera celeste — porque depois de ter subido ao Olympo foi collocada no Zodiaco e ficou representada no signo da Virgem. Um dos seus emblemas era a balança.—O *pomo de ouro* é allusão ao que a Discórdia propoz para ser conferido «á mais formosa». Disputaram-n'o Juno, Minerva e

Venus. Páris, príncipe troyano, foi o juiz d'este concurso de belleza, e adjudicou o pomo de ouro a Venus. As duas outras deusas preteridas juraram guerra a todos os troyanos por causa d'aquelle. Tendo ido á Grecia mandado por seu pai, Páris roubou Helena, mulher de Menelau: por isso o poeta lhe chama «adultero mancebo». Taes foram as origens da guerra de Troya.—*Marte*, deus da guerra, com quem Venus atraçouo Vulcano.—*Tithão*, bello príncipe troyano, que a Aurora amorosamente arrebatou no seu coche fulgente.—*D. Quixote investindo contra os moinhos* é, na celebre novella de Cervantes, um dos episodios mais comicos.—*Dulcinea*, a famosa dama por quem D. Quixote correu suas aventuras e cavallarias.—*Sisypho*, foi por Jove (Jupiter) condemnado a rolar eternamente um rochedo.—*Paphos*, Nea-Paphos, na ilha de Chypre, onde Venus tinha culto n'um templo sumptuoso.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Aquella é! O coração conhece
De seu rosto o poder: é Zamparina,
Abella, a incomparavel, a divina,
Que tanto mais se vê, mais se apetece!

Que graça nos seus olhos apparece!
Da dôce voz a consonancia fina
Como detém do Tejo a cristallina
Corrente! como os ventos adormece!

Não é da preciosa pedraria
O resplendor, que ao animo arrebatã;
Os encantos não são da van Magia:

Aquella vista, com que desbarata
Dos sentidos a plácida harmonia,
Essas as armas são, com que nos mata!

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

N'esses olhos gentis, formosa Actora,
Do Céu as côres vemos debuxadas;
Do campo a branca flôr, e as encarnadas,
Na tua linda bocca observo agora:

D'ella, com dôce voz grata e sonora
Ouvimos as cadencias delicadas;
Encantando, nas ondas prateadas,
Inda a mesma Serêa encantadora.

O gesto, o rosto, o canto e a voz amêna
Não chego dignamente a celebrar-te,
Por ser toda a expressão curta e pequena:

Só uma penna póde retratar-te,
Qual é formosa Nimpha aquella pêna,
Que todos têm, de não saber louvar-te.

D. MIGUEL JOSÉ DE PORTUGAL.¹

NOTA

¹ Julgo ser o filho mais novo do 2.º marquez de Valença, posto deva ter havido erro de copia no sobrenome, que era Lucio e não José.

D. Miguel Lucio de Portugal e Castro nasceu em Lisboa em 1722, seguiu a carreira ecclesiastica, foi principal da igreja patriarchal, academico da Academia Real de Historia e da dos Occultos, e embaixador á côrte de Hespanha, onde falleceu em 1785.

Deixou algumas composições em prosa e verso e conviveu com poetas.

Por umas décimas que lhe offereceu Nicolau Tolentino, a primeira das quaes começa por este verso—Qualquer capucho diria—pode fixar-se o dia exacto do seu nascimento.

O irmão primogenito foi D. José Miguel João de Portugal, 3.º marquez de Valença.

Tambem cultivou as letras, sem exclusão da poesia.

Poderia admittir-se que fosse d'este o soneto, na hypothese de haver o copista transposto os dois primeiros nomes do fidalgo.

Mas quando a Zamperini veio, tinha D. José Miguel 64 annos, idade pouco propria para correrias apollineas em louvor de cantarinas; ao passo que o irmão, D. Miguel, era então um homem de 48 annos — sazão da vida que ainda permite ao sangue e á lyra que sejam quentes... até no estado ecclesiastico.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Que doçura, que bella melodia,
Que olhar brando, que vista penetrante,
Que figura gentil, e que brilhante
Zamparine se ostenta cada dia!

Dos éccos a sonora melodia
Arrebata, suspende a cada instante,
Em que os mirthos e louros tem constante
O seu merecimento, e bizarrria.

Não mancham d'este Sol a luz doirada
As densas côres da cruel Inveja,
Quando de todo o mundo é admirada;

Mas todo este applauso inda sobeja
Motivo com que, vendo-se exaltada,
Mais em throno triumphal sempre se veja.

Este soneto é attribuido ao Padre Macedo no Ms. da T. do T.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Cantora Zamparine, actriz mimosa,
Que, de amantes paixões despertadora,
Amas só por officio, em quem te adora
Empregando os teus olhos carinhosa.

Tu deves com razão andar vaidosa,
Pois de tantos sujeitos és senhora.
E ha tal que até me diz que nunca fôra
A Deusa dos Amôres mais formosa!

Um *Divina* te chama, outro coquéta,¹
E eu creio que tu d'isto te gloreas,
Fazendo a tanta gente hoje inquieta;

Porém se para amar aqui te estreas,
Quando queira o Francez² ser teu Poeta,
Crê a quem só te dá, e mais não creas.

D.^{OR} ANTONIO DOS SANTOS (*Arre-Pai*).

NOTAS

¹ Este gallicismo «coquéta» corre parêlhas com o celebre «fantoma» a que Martins Rúa recorreu na *Pedreida* para se desentalar de uma terceira rima em oma.

² Allusão ao Chevallier de Montigny.

SONETO ¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Sôa no Sacro Monte² uma buzina,
Ajuntam-se os antigos escriptores,
Mostra-lhe Apollo, cheio de furores,
A Ode do Macedo á Zamparina.

Virgilio pasma, Homero³ não atina,
Suffocados de maguas e rancores;
Já Sannazaro⁴ diz «Votem, Senhores,
Acudamos depressa a tal ruina.»

Varios votos se dão ao delinquente:
Que seja pelas ruas apupado. .
Porém não quer Apóllo nem consente:

Mandam emfim que seja tosquiado;
Que ponha cabelleira de repente;⁵
E da Opera a desterro condemnado.

NOTAS

¹ Este soneto, comquanto esteja anonymo no Ms. da Bibliotheca Nacional, é do Lobo da Madragôa (Antonio Lobo de Carvalho). Encontra-se a pag. 22 das suas *Poesias*.

² O Sacro Monte é o Pindo, consagrado a Apollo e ás Musas, na mythologia.

³ Os nomes de Virgilio e Homero são tão populares, que não carecem de annotação.

⁴ Poeta italiano (1458-1530) que mereceu o cognome de «Virgilio christão».

⁵ Que use de cabelleira, ou de crescente (*Poesias* de Lobo). Esta allusão ficou explicada a pag. 32 do *Prefacio*.

SILVA

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Zamparine gentil,
De Maio assombro, estímulo de Abril;
De Flora inveja, pasmo de Amaltéa;¹
Da Primavera ornato; face cheia
De Venus, de Cupidos² servidores,
De mil graças portento, e mil primores.

De um sincero Pastor
A tôsca flauta escuta por favor:
Sim, escuta; ouvirás, ouvirás n'ella
Teus louvores cantar em voz singela;
Que tambem nas cabanas se creavam,
Altos engenhos, que aos Heroes louvavam;
E no papel da Fama construíram
Volumes incorruptos, que inda giram.

Portanto, ó grande Mundo,
A quem dão o respeito mais profundo:
Sou Pastor tagitano, onde o meu gado
Apascento contente e desvelado.
Cá um nobre Pastor me deu noticias
Do teu sublime canto, e das delicias
Com que a todos enleias
As almas e as idéas,
Roubando-lhe os sentidos,
Nos sonoros bemoes, nos sustentidos.

«Isto tudo se via;
 «Porém todos suspensos de alegria,
 «Ninguem dava signaes, pasmados todos,
 «Muitos gestos faziam por mil modos,
 «Como quem não gostava
 «Do que via, mas sim do que esperava.

«Isto tudo observo, e tudo vejo,
 «E saber a razão muito desejo:
 «Quando rapidamente mil palmadas
 «Oíço, dos que ali estão, bem requintadas:
 «Os olhos volto á scena, e vejo n'ella
 «De Venus uma cópia, inda mais bella;
 «Pois era seraphim,
 «No gentil parecer, na voz clarim;
 «Orpheu da Primavera, e mais que Orpheu,
 «No canoro da voz, qual voz do céo.

«Isto basta que diga, e faça idéas,
 «Sem trazer Amphiões,³ e mais Sereas;
 «Que tudo á sua vista fica pouco,
 «E o contrario dizer, será ser louco;
 «Pois se Ulysses⁴ se vira em tanta gloria,
 «As cautelas perdêra da memoria;
 «E deixando a razão,
 «Não passára d'ali; perdido então,
 «Ficára a seu pesar por Zamparina,
 «Toda graça das Graças peregrina!

«De ouvil-a estou suspenso, estou pasmado,
 «Como quem se não vê acostumado

«Mais do que tão sómente
 «As vozes pastoris da nossa gente,
 «Pastores como nós, que estando á sesta,
 «Fazemos entre nós a nossa festa.

«Eis aqui, caro amigo, o que lá vi
 «Da bella Zamparine a quem ouvi.
 «Esta toda a pintura que pediste:
 «Dize-me o que de ouvil-a em ti sentiste,
 «Pois rêmora⁵ não ha que possa tanto,
 «Que iguale a fôrça do seu doce canto.»

—«Confesso, amigo Alpheu, que de admirado,
 «De mim me vejo fóra! Estou pasmado,
 «E não sei o que diga! N'alma sinto
 «Um violento rumor, um labirinto,
 «Intrincado inda mais, e mais violento,
 «Que esse que foi de Créta alto portento,
 «Do monstro fabulôso,⁶ a quem a gente
 «Desejava de vêr, gostosamente.

«Tal eu d'esse prodigio a melodia
 «Desejo de ir ouvir; e qualquer dia
 «Vou á Côrte, meu Alpheu; ouvil-a quero,
 «Para gloria cabal, e gosto féro,
 «De quanto me enriqueces,
 «De quanto me encareces
 «Da gentil e formosa Zamparina,
 «Relevante portento, e peregrina
 «Em tudo quanto encerra o seu sujeito,
 «Da scena toda sal, e sal perfeito;

«Pois é (assim como dizes) essa dama:
«Como por olhos, por ouvidos se ama;
«Porém o mal a mim é tão sómente
«Sacrifício fazer-lhe reverente;
«Pois quem louco no sol olhos emprega,
«Da razão e, da vista a um tempo cega.»

O BACHAREL NUNO JOSÉ COLUMBINA. 7

NOTAS

¹ Flora, deusa das flores e mãe da Primavera.—Amaltéa foi a nutriz de Jupiter: cabra ou nympha, era, na mythologia, a deusa da abundancia.

² Vale tanto como dizer: Face bella, que inspirava amores.

³ Amphião é, como Orpheu, um musico divino, que fascinava pelo encanto da sua lyra.

⁴ O famoso grego errabundo, heroe da *Odyssea*.

⁵ Os antigos suppunham que o peixe assim chamado tinha o poder de fazer parar os navios a que se agarrava. D'aqui veiu o sentido tropologico de—obstaculo ou impedimento.

⁶ O Minotauro.

⁷ Formado em medicina pela Universidade de Coimbra, exerceu clinica em Lisboa. Parece ter fallecido de 1798 para 1799.

DECIMAS

(Tambem se encontram no Ms. da Torre do Tombo)

1

Zamparine, cantas bem,
Não representas mui mal,
Segues o teu natural,
Aos mais logrando tambem:
Não descances se inda alguem
Ha por ahi que te dê,
E já que a Côrte assim vê
Figurar tanto^s villões,
Chupa-lhe embora os dobrões,
Até que os deixes a pé.

2

Perdôa se em favor teu,
Ou contra ti que inda é mais,
A' luz dando uns versos taes,
Tanto tolo appareceu:
Por damas endoudeceu
Quasi tudo, hoje, por cá;
E como nenhuma já
Das nossas, quer tal soffrer,
Como és de todos mulher,
Tudo se foi para lá.

3

Tu em finezas não crês;
Mas a ter d'isto apetencia,
Põe os olhos—tem paciência—
No tal Macedo uma vez:
Horrores mil, versos fez,
Só a fim de te agradar;
E se lhe queres sacar,
E não ouvir gritaria,
Pede á tua confraria
Lhe alcança bem que prégar.

4

N'estes termos, vai-te embora;
Rica vais de Portugal;
Porém nunca o julgues tal,
Qual te parece elle agora:
Entre nós quem te namora
E' certamente o peor,
Porque emfim quanto ha melhor,
De mais brio e gravidade,
A' virtude e honestidade
Tributa sómente amor.

Retrato do Padre Manuel de Macedo

SONETO

Conheces um varão, que anda vestido
De padre, co'uma volta mui sebenta;
Fazendo cortezias de setenta;
Nos successos da Igreja pouco lido?

Que tem o Pedegache ¹ defendido,
E ser «o Prégador melhor» aventa;
Que no pulpito todo se espaventa;
E em pastorís imagens suspendido?

Que janta com João Braz, que muitas praças²
D'elle se contam, nunca estando quedo,
E em casa do Toscano diz as graças?

Pois como não é coisa de segredo,
Quem é te digo, e novo não te faças:
E' este o famosissimo Macedo.³

ANTONIO LOBO DE CARVALHO.

NOTAS

¹ Refere-se ao official de infantaria e escriptor Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo. D'elle fala o Lobo da Madragôa em outros sonetos, como por exemplo n'aquelle que diz:

«A mim! a mim! o Pedegache grita,
E um talho deu no ar, porém baldado.»

Pedegache foi socio da Arcadia Ulyssiponense.

² No sentido de façanhas publicas.

³ Os dois ultimos versos estavam muito errados na copia. Corrigimol-os pelas *Poesias* do auctor.

Dialogo entre um Peralta e o seu criado sobre o enterro
do chamado Pai da Zamparine

DECIMAS

(Tambem se encontram no Ms. da T. do T.)

1

- CRIADO — Que leva? Punhos bordados,
 Ou vai hoje roupa lisa?
 PERALTA — Sem punhos quero a camisa;
 Sapatos, os eſcudados. . .
 Quero poucos penteados;
 De pós qualquer coisa basta. . .
 Mais não quero; deixa, afasta.
 CRIAD. — Ui Senhor! que historia é esta?
 O cabelo assim não presta!
 Deixe; pouco tempo gasta.

2

- PERALT. — Nada mais. Venha o vestido;
 Ora vem: tudo aqui tarda!
 CRIAD. — Qual vestido? Quer a farda?
 PERALT. — Quero o escuro: tens ouvido?
 CRIAD. — (Hoje está enfurecido!
 Nenhuma coisa o adóça).
 Quer este de saragoça?
 PERALT. — Sim, vamos, anda depressa:
 Não ha quem com tal cabeça
 Entender hoje se possa!

3

- CRIAD.— (Fóra lá, e fez suar-me!
Mas hoje está uma brasa).
- PERALT.— Dize que não estou em casa,
Se alguém vier procurar-me.
- CRIAD.— Perdôe o eu adiantar-me;
Nem a enfadar isto vai.
Quasi de nojo hoje sai!
Não sei que a idéa imagine?
- PERALT.— É porque da Zamparine
Falleceu o grande Pai.

4

- CRIAD.— Por isso assim vai vestido?!
- PERALT.— Bem mostras villão nascestes;
Com que, morre um homem d'estes,
Não me hei de mostrar sentido?
- CRIAD.— Que escuto! Ai, que estou perdido!
Veja, senhor, o que faz;
Quer que lhe chamem rapaz,
Louco, vadio, peralta?
- PERALT.— Ora ainda essa me falta!
Tambem reprehensões me dás?

5

- CRIAD.— Eu, senhor, não o reprehendo,
Não forme essa conjectura;
Porém vendo tal loucura,
Hei de dizer o que entendo:

Não acha um excesso horrendo
 Nos da sua qualidade,
 Com tanta publicidade,
 Fazer desatinos taes,
 Que até mancham de seus pais,
 O ensino, a honra, a igualdade?!

6

Não pensa, não imagina
 Não pode tirar bom fructo
 Em acompanhar no luto
 Uma mulher cantarina?

PERALT.— De Madama Zamparina
 Deves falar com respeito:
 Seu semblante, com effeito,
 Bem merece applausos taes;
 Nem mancha o sangue dos pais
 Render-se á belleza um peito.

7

CRÍAD.— Que escuto? Oh tal não profira!
 Ninguem ousa tal dizer;
 Seu tão baixo proceder
 Por certo agora me admira!

PERALT.— Olha! cuidas que é mentira!
 A' vista d'essa deidade,
 Velhos, e os da minha idade,
 Portuguezes e estrangeiros,
 Fazem d'estas, dão dinheiros,
 Por obter sua amizade.

Tanto não é culpa grave
O que me imputas por erro,
Que do tal caixão no enterro
Leva um fidalgo a chave.

CRÍAD. — E que intenta? que lhe gabe
D'esse sujeito a tolice?
Creia no que já lhe disse,
Trate de portar-se sério,
Que seguir tal vituperio
É confirmar a tolice.

PERALT. — Ora és muito confiado
Em me querer reprehender!
Vai; o que eu quero fazer
Não precisa aconselhado.

CRÍAD. — Eu, senhor, já estou calado;
Cumpra co'a sua vontade.
Talvez veja que é verdade
O que lhe digo, algum dia.
(Oh natureza vadia!
Oh ferosa mocidade!)

Dialogo entre dois vizinhos sobre o enterro do Pai da Zamparine

SONETO ¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

1.º viz.—Que funcção será esta no Loreto,
Que vi lá muita sége, e muita gente,
E os sinos a dobrarem rijamente?
O morto é rico, ou grande animalito!

2.º viz.—Morreu da Zamparine o pai dilecto:
(Disse mal) da *Divina*, da excellente,
Que assim lhe foi chamado doutamente
N'uma *Ode* feita em pessimo dialecto.

1.º viz.—Para isto se abalou toda Lisboa?

2.º viz.—Pois que! você não sabe que hoje em dia,
Só Zamparine e Zamparine sòa!

Ajuntou-se da filha a confraria,
Fidalgos, deputados, gente boa;
E, como Provedor, Galli assistia.

NOTA

¹ Este soneto é de Antonio Lobo de Carvalho, e nas suas *Poesias* apparece com as seguintes variantes, incluindo a defeituosa construcção do sexto e do ultimo verso :

—Que funcção será esta no Loreto,
Para a qual correr vejo tanta gente?
Dobrando estão os sinos rijamente,
O morto é rico, ou grande *anunalecto!*

—E' da gran Zamperina o pai dilecto,
Não disse bem, da divina, da excellente,
Como ouvi já chamar-lhe indoctamente.
Em uma ode, em pessimo dialecto:

—Por isso se juntou toda Lisboa?...
—Você é tolo? não sabe que hoje em dia
Da Zamperina o nome campá, e sôa?

Ajuntou-se da filha a confraria;
Fidalgos, deputados, gente boa.
E de provedor o Galli lhê assistia.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

O nosso amigo Galli é bom sujeito,
E' cheio de piedade e de ternura:
Àquelle grande pai deu sepultura;
E á filha deu a casa e dava o leito.

Ella, que á voz do Céu teve respeito,
Protestava ir viver n'uma clausura,
Mas ou foi fingimento ou foi loucura:
Não deixa o mundo quem lhe toma o geito.

Fingiu-se a moça desgraçada ao vivo,
E o fim d'este chimerico transporte
Foi pagar a despesa o compassivo.

Para os tôlos valeu o passaporte:
O pai lhe acompanharam putativo,
E até ao seu gallego iria a Côrte.

À Zamparine, estando muito adornada

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Não, tu não necessitas de enfeitar-te,
Para nos agradar, para venceres;
Basta que te oiçam, basta appareceres,
Que a natureza deu-te mais que a arte:

Com um teu gesto brando, levantar-te
Sobre as estrellas podes, se quizeres;
Podes a teu arbitrio submetteres
O tenro Adonis, o robusto Marte.

Da tua gentilissima figura
Á suave attracção, quem fugiria?
Cheia de encantos, cheia de ternura!

Com liberdade quem resistiria
De teus olhos á rara formosura?
Da tua voz á dôce melodia?

P.^E MANUEL DE MACEDO.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Dizer que é mui formosa esta cantôra,
Que ha muito entre nós é celebrada,
E só querer mostrar a mal fundada
Paixão, que nos motiva o que é de fora:

No tablado, cantando, lá melhora,
Com meiguices, a cara besuntada;
Mas tirem-n'a d'ali, não vale nada,
Tem mau gôsto quem d'ella se namóra:

Representa mui bem, com graça canta;
É boa a voz; porém não é pasmosa;
Tem-se ouvido entre nós melhor garganta.

Digam que canta bem, que é curiosa,
Chamem-lhe emfim Parthénope¹ que encanta;
Mas não a acclamem Venus por formosa.

NOTA

¹ Uma das sereias da Fabula, que se apaixonou por Ulysses e que, repellida por elle, procurou a morte no mar, junto ao sitio em que veio a edificar-se a cidade de Napoles, assim antigamente chamada em virtude d'esta tradição mythologica.

Pregão que Zamparine faz de si

DECIMA

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Como a Lisboa achei graça,
Quero de Lisboa ir rica,
E por ver se alguém se pica
Ponho quanto valho em praça:
Quem dá mais por vêr se caça,
O meu deshonesto trato?...
Dou-lhe uma de barato...
Dou-lhe duas, quem se inclina?
Dou-lhe uma mais pequenina...
Ninguem dá mais? Arremato.

NOTA

1 Tanto este *Pregão* como a *Clausula* seguinte tambem se encontram, postoque muito incorrectas, n'outro codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o n.º 8:581.

Clausula da arrematação

DECIMA

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Saibam todos quantos virem
Este publico instrumento
De contrato, que eu intento
Fazer aos que me servirem:
Que para se divertirem,
Me obrigo desde janeiro
A dar por um anno inteiro
O c. de graça ao Diabo;
E o que fica ao pé do . . .
A quem me der mais dinheiro.

Embargos por parte de um Mylord inglez

DECIMAS

(Tambem se encontram no Ms. da T. do T.)

1

Por embargos de terceiro,
Senhor, e possuidor,
Contra a ré, o auctor Mylord
Diz, e provará primeiro:
Que por muito bom dinheiro,
A conezia, que em vão,
Rematára de antemão,
A ré lh'a vendera nua,
E que assim, por não ser sua,
Foi nulla a arrematação.

2

Provará que o auctor de posse
Da tal conezia estava;
Por signal, que inda hoje andava
De bem a servir, com tosse:
E a ré sem que razão fôsse,
Nullamente, e sem respeito,
Privou o auctor com effeito
D'esta posse, a que é devido
Ser logo restituído,
Conforme a todo o Direito.

3

Provará, sem erro haver,
Que a conezia, que estraga,
Inda não se achava vaga,
Para assim ella a prover:
Nem por ella havia ser
Da conezia, em verdade,
Posta em praça a propriedade;
E o fez estando provida,
Só por ser de outro servida,
Com notoria nullidade.

4

Provará, que esse instrumento
De contrato, é tambem nullo,
Pois n'elle dá ella o c...
Do Démó ao merecimento;
Quando do tal c. o intento
Já dado o tinha ao Diabo;
Por isso com menoscabo,
Traz tanto ardor n'isso velho,
Que sendo ao pé do b.....,
Anda c'o fogo no

5

Provará, que o deduzido
N'este termo, peremptorio,
A todos é bem notorio,
E de todos bem sabido.

É fama em todo o sentido,
Publica, firme e macissa,
Não vaga, van, nem omissa:
Por isso com fundamento
Pede em seu recebimento
Cumprimento de Justiça.

Defesa da Zamparine contra duas decimas desaforadas
que saíram contra ella ¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

1

Um poeta desconhecido,
Sem ter de ti dependencia,
Por descargo de consciencia
Vem tomar o teu partido:
Com razão aborrecido
De uns versos impertinentes,
Com que linguas maldizentes,
Se querem metter no Inferno,
Sae um Quixote moderno,
Desaggravando innocentes

2

Não vem de paixão amante
A defesa que vereis;
Juro-o pelas santas leis
Da cavallaria andante.
O meu coração constante
Traz ha muito outras cadéas;
Longe, oh impuras idéas
De adorar a mais alguem;
Nunca um Quixote de bem
Amou duas Dulcinéas.

3

Mas inda que eu fôsse tal
Que amôr te pudesse têr,
Que vulto havia fazer
Um amante sem real?
Verias ir o Natal
E de perus como d'antes; ²
Ais, suspiros incessantes
Não são muito boa peça
Para quem traz a cabeça
Abafada de brilhantes.

4

Tenho emfim justificada
A minha pura tenção,
E é chegada a occasião
De desembainhar a espada.
O objecto da cutilada
São uns taes versos sem graça,
Onde por tua desgraça,
E com publico desdourô,
Teu precioso thesouro
Foi arrematado em praça.

5

Tão poucos, senhora, são
Os motivos de querer-te,
Que se quizesse vender-te
Fosse preciso um leilão?!

Casta Diana, onde estão
 As armações retorcidas,
 Castigo³ das prohibidas
 Vistas de Acteões traidores? ⁴
 Já não ha cães vingadores
 Das donzellas offendidas!

6

Mas onde me arrebatei
 Que, como quem não faz nada,
 Mesmo de murrião e espada
 Pelo Parnaso atrepei!
 Grossa poesia arrotei,
 Que ninguem estranhar pode
 Que um Quixote quando acóde
 Pela opprimida innocencia,
 Se se valer⁵ da eloquencia
 Ha-de ser em phrase de *Ode*.

7

..E tornando ao começado
 Caso, que admirou a gente,
 Seja pois o delinquente
 Ante mim apresentado.
 Ser-lhe-ha juramento dado,
 Sobre as cruces d'esta espada,
 De nunca mais, co'a damnada
 Lingua, que honras atropela,
 Manchar a triste donzella,
 Pena de lhe sêr cortada.

8

Mas inda aqui não parou,
Andou para traz dois furos,
E nos penetraes escuros
Confiadamente entrou:
Finas cambraias alçou,
Descobriu teu branco r...
Fez vistoria, e no cabo,
Lança a sentença imprudente,
De ser entregue o innocente
Entre as garras do Diabo.

9

Eu não sei os meios pôr
De vingar injuria tal;
Confesso que em caso igual
Nunca fui mantenedor.
Traz nosso Mestre⁶ Doutor
Dom Quixote mil loucuras;
Traz gigantescas⁷ figuras,
Que lhe deram fama e gloria;
Mas não acho em toda a historia
Semelhantes aventuras.

10

Porém se deve a sentença
Ter co'o crime proporção,
Vá dar a satisfação
No proprio logar da offensa:

Chegue do c. á presença
 (Cousa que eu lhe não invejo)
 Mostre sincero desejo
 De ser d'elle perdoado,
 E fique o crime espiado
 A' força de muito⁸ beijo.

11

Sitio, que a modéstia véda,
 Sitio de honor e de injuria,
 D'onde a esfaimada luxuria
 As ávidas mãos arreda:
 Dispensa se me conceda
 De assistir a tal desfeita.
 Do vencido a paz acceita;
 Que eu cá verei retirado,
 Por que inda que andas lavado,
 Sempre és logar de suspeita.⁹

12

E tu, encanto¹⁰ glorioso,
 De quantos te tem ouvido,
 Digno até de ser nascido
 Nos limites del Toboso:
 No meu braço valeroso,
 Bem podes segura estar.
 E, assim, de me retirar¹¹
 Licença me dá, Senhora,
 Por que vem chegando a hora
 De eu ir as armas velar.

NICOLAU TOLENTINO.

NOTAS

¹ Esta composição acha-se também a pag. LXXXII da edição das *Obras completas* de Nicolau Tolentino, impressa em 1861, Lisboa.

Confesso, francamente, que me não parecem d'elle tão insulsas e corriqueiras décimas. Nada a meu vêr revelam da sua individualidade litteraria. Mas o *ms.* da Bibliotheca Nacional, como a edição de 1861, attribue-as a Tolentino. Vá, pois, na fé dos padrinhos.

Ponho em nota as variantes que encontrei entre o *ms.* e aquella edição. No texto, segui sempre o *ms.*, excepto no 6.º verso da 3.ª décima, no penultimo da 6.ª e no 1.º e 7.º da ultima.

Na edição de 1861, a composição vem precedida da seguinte rubrica:—*Defesa da Zamperini, respondendo a duas décimas desaforadas, que saíram contra esta celebre cantarina.*

Referencia ás duas décimas que estampamos a pags. 84 e 85.

² De perús e como d'antes... dizia o *ms.*, versão certamente menos intelligivel que a da edição de 1861.

³ Castigo só... edição de 1861.

⁴ Acteão foi, segundo a mythologia, convertido por Diana em veado, pois que ousára contemplal-a quando ella se banhava.

⁵ Se se valer... preferi esta variante da ed. de 1861 ao *ms.* que dizia—se se trata, etc.

⁶ Mestre e doutor... ed. de 1861.

⁷ Traz gigantes, e as figuras... mesma ed.

⁸ Puro beijo... mesma ed.

⁹ Toda esta décima foi supprimida na edição de 1861.

¹⁰ No manuscripto está — emquanto —, o que não faz sentido. Seguimos n'este verso a edição de 1861.

¹¹ Assim de me retirar... ed. de 1861.

Contra o pregão da Zamparine

DECIMA

(Tambem se encontra no Ms. da Torre do Tombo)

Um patife de mão posta,
Asno de maior frioleira;
Filho de vil regateira
Que vende—sem sal de posta;
Bruto que tanto desgosta,
A quem o juizo se inclina:
É (conforme se examina
Muito bem no zurro seu)
Esse alarve que escreveu
O *Pregão* da Zamparina.

Ao padre Manuel de Macedo prégando de Santa Maria Magdalena

SONETO

N'um templo entrava um campones caloiro,
Onde estava o Macedo já prégando,
Da Magdalena ao vivo retratando
O colo de alabastro, as tranças de oiro!

Lembrou-lhe o rustico o cabelo loiro
De uma môça, que andava namorando;
Mais eis que o prégador apostrophando
Aos rochedos soltava a vez de estoiro.

O labrêgo doutrina sã deseja;
Mas nada entende, e vê que para o cabo
Os tregeitos são mais, mais se esbraveja.

—De aturar este doido não acabo.
(Disse) Irra! Faz comedias cá na Igreja!
Isto não vem de Deus, vem do Diabo.

SONETO 1

Oh Santa Birba!² Oh bemaventurada
Vida, de quem não reza nem salmea!
Outros a passam de trabalhos cheia;
Ah, pobres tôlos, que não sabem nada!

Traz Macedo a peruca penteada,
Bom calção, bom sapato e boa meia;
Aqui tem o jantar, ali a ceia:
Oh Santa Birba, oh vida regalada!

Ninguem o tempo passa mais jucundo;
Vive de fabricar o seu enrêdo;
Aonde acha tolão³, ahi dá fundo;

Mas já que estamos sós, dize em segredo
Em que dia, em que mez vieste ao mundo
Em que constellação, dize, Macedo?

NOTAS

¹ Encontrei também este soneto, aliás com algumas variantes, no ms. n.º 7008 da Bibliotheca Nacional.

² *Birba* é vocabulo italiano, que significa trapaça, arteirice.

Em portuguez temos o adjectivo birbante.

³ Tolão é, como toleirão, augmentativo de — tolo.

Em portuguez também temos *tolan* ou *tolãa* e *tolina*, logração que os parasitas empregam para viver á custa de algum tolo.

O Padre José Agostinho, no *Vicio sem mascara*, scena 2.ª, diz: «O Juiz não he para graças, e não he capaz de deixar comer hum panno de palha que seja de tolãa.»

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Merece Zamparine altos louvores
Pelo suave canto, e voz que prende;
Mas não chuveiros de oiro, que pretende:
Se estão cá figurões muito melhores!

Todos d'ella pretendem ter favores;
Porém ella ao que é rico é só que attende,
E supposto a fazenda cara vende,
Cêdo a porá nas mãos dos mercadores.

Não ha negociante ou cavalheiro,
Que com ella contratos ter não queira,
Inda que seja a peso de dinheiro.

Portuguezes, deixae esta estrangeira;
Pois ella vos porá no estaleiro,
Chorando sem remedio a vossa asneira.

Dialogo entre pai e filho sobre o merecimento da Zamparine

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

PAI.— Tu que giras á roda dos Senhores,
Ouviste a Zamparine já cantar?

FILH.— Sim, senhor; chega a fama hoje a lhe dar
Do seu canto os mais optimos louvores.

PAI.— Essa mulher de dotes superiores,
Como oiço aqui dizer, tão singular,
Entendo não devia lá prestar;
Por isso veio aqui por corretores.

FILH.— Um doutor ¹ lhe chamou já Divindade.
É formosa, meu pai; discreta; é boa;
Não sabe d'aquella alma a heroicidade!

PAI.— Porém, tudo isso a mim, cá, me não tóa:
Sabes tu no que lhe acho habilidade?
É de lograr os tolos de Lisboa.

NOTA

¹ Pereira da Silva, nos *Varões illustres do Brazil* (2.º tomo, pag. 337) diz que o padre Manuel de Macedo se doutorou na Universidade de Coimbra, sem declarar em qual faculdade, mas inferre-se que fosse na de theologia, pois acrescenta que elle professou esta sciencia em Coimbra e Lisboa.

Não averigui. Era minudencia biographica desnecessaria ao meu proposito.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Meu amigo, isto vai de foz em fóra:
Quem não fôr Zamparine não é gente;
Não ha na Côrte um animal vivente,
Que *Divina* não faça esta senhora.

Por não ser cá da terra, tal cantôra
Grande parte da Côrte traz demente;
E ha tal que em a avistando se não sente,
Ainda que o mettessem n'uma nóra:

Mas ha um tal fidalgo,¹ um tal sujeito,
Que tomou só por causa, e mão commua,
Dar-lhe o louvor a torto e a direito;

N'esta ignorancia o asneirão acúa,
E como não conhece o seu defeito,
Chovendo n'elle vai como na rua.

NOTA

¹ O conde de Oeiras, filho do marquez de Pombal.

Veja o leitor o que, a este respeito, se escreveu no *Prefacio* a pag. 21 e seguintes.

Fala um inglez com a Côrte de Lisboa no seguinte

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da Torre do Tombo)

Essa que tens, Lisboa, sublimada,
E com obsequios mil engrandecida,
É Zamparine, já bem conhecida,
Em ave de rapina transformada.

Da minha Côrte já foi desterrada;
Mas não de cabedaes destituida,
Porque a muitas fazendas deu sahida,
Ao mesmo tempo em que lhe dava entrada.

Oh Lisboa, acautela te, e adverte
Que essa sphinge cruel, com vil insania,
O proprio sangue teu ha de beber-te:

Antes que o sintas, manda-a á Mauritania,
Se não quizeres por Zamparine vêr-te
Qual se viu por Helêna ¹ outra Dardania. ²

NOTA

¹ Allusão á famosa guerra de Troya.

² Continuando a allusão, o auctor do soneto refere-se aqui a toda aquella região da Asia Menor que se chamou Dardania (Tróade) e de que a cidade de Troya era capital.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Lisboa, que és das Côrtes a princeza,
Tão oppostos produzes os effeitos!
Homens cheios de asneiras e defeitos;
Damas cheias de asseio e gentileza!

Ellas batendo as azas da belleza
Se constituem idolo aos respeitos;
Elles batendo a orelha estão sujeitos
A seguir as paixões, que o vulgo présa.

Damas gentis, a vossa formosura,
Que nunca se rendeu ao vil suborno,
Antepoem á farçante vil, e impura.

Vossa modestia sirva-vos de adorno,
E se alguém requestar vossa luz pura,
Em logar de favores dai-lhe um c.

Dialogo entre Zamparine, Macedo e o Poeta no seguinte

SONETO ¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Mac. Truz, truz; **Zamp.** Quem bate ahi? **Mac.** Abra, senhora,
Sem medo, sem receio, e sem cautela;
É Macedo, que estado tem por vê-la
Debaixo da janella ha mais de um'hora.

Zamp. Jesus! senhor doutor! Sem mais demora
A porta abrirei já. **Mac.** Pois como a estrella
Seguir sempre intentei essa luz bella,
Parar não posso assim, sem tal cantôra.

Zamp. Não posso tal ouvir. **Mac.** Pois tanto afina,
E taes passagens faz que, na verdade,
Tal voz não é terrestre, é sim divina!

Poet. Isso agora é mentir, na realidade!
E pois enches o .. á Zamparina,
Beija-a n'elle por toda a eternidade.

NOTA

¹ Este soneto é de Antonio Lobo de Carvalho, mas nas suas *Poesias* offerece as seguintes variantes:

Truz, truz. (*Zamp.*) Quem bate ahí? (*Mac.*) Abra, senhora,
Sem medo, sem receio, e sem cautela.
E' Macedo, que estava só por vê-la
Debaixo da janella ha mais d'um'hora.

(*Zamp.*) Jesus! senhor! Jesus! Sem mais demora
A porta abrirei já, pois como a estrella
Seguir sempre intentei quem se desvela
Em obsequios render a tal cantora:

(*Mac.*) Não posso tal ouvir, pois tanto afina
E taes passagens faz, que na verdade
Sua voz não é terrestre, sim *divina!*

(*Zamp.*) Isso agora é mentir, na realidade!
E já que zombar quer da Zamparina,
Beije-a no . . por toda a eternidade.

Dialogo entre Fileno e Dorindo no seguinte

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

FILEN. Sabes, amigo meu, que dama é esta,
Que ha pouco aqui chegou vinda do Norte?

DORIN. É Zamparine, que só vem á Côrte
A dar a uns peraltas geral cresta.

FILEN. Conheço muito bem; da tal se atesta
Que aos mylords de lá deu um bom côrte.

DORIN. Pois muito cedo espero d'essa sorte
Certos sujeitos vêr a quem faz festa.

FILEN. Fugi, fugi, mortaes d'essa serpente,
Que o veneno nocivo occulto encerra;
Dirás, caro Dorindo, a toda a gente:

Que se acaso mudar de sitio ou terra,
Tambem publicarei impaciente
Que Zamparine é Peste, Fome e Guerra.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. do T. do T.)

Zamparine cantôra, que do Norte,
C'os ossos dar vieste a Portugal,
Sómente por teu bem, e por seu mal,
É que o fado te trouxe a esta Côrte.

Aos mylords de lá déste um bom córte,
Vens muito ufana cá dar outro igual;
Depois de um terremoto tão fatal ¹
Só faltava esta peste que é mais forte.

Dos contratos te vejo possuidora;
Do sabão, do tabaco, e da baleia: ²
No carrocim pareces ser Senhora.

Vai, pois, crestando aos tolos a colmeia;
Esgota-lhe os dobrões, e indo-te embora,
Ficar os deixa sem jantar, nem ceia.

NOTA

¹ Allusão ao grande terremoto de 1755.

² Referencia aos capitalistas enzamperinados em cujas mãos estavam os principaes monopolios da época.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Essa que vês andar toda enfeitada,
Com pedras a luzir, grande toucado,
Tem loge aberta, e dá um bom mercado,
De fazenda no Norte já entrada.

Se acaso d'esta droga muito usada
Não tens, amigo meu, inda comprado,
Não compres, não, que a muitos enganado
Eu sei que tem; e sei que é avariada.

Aqui na Còrte ha mais fazendas beilas,
Melhor que Zamparine em còr, e em dura;
Deixa a droga da moda, usa d'aquellas.

Toma o meu parecer, foge á loucura;
Que quem gostado tem taes bagatellas,
Receitas, purga, e medicos atura.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Medicos, boticarios, cirurgiões
Ganharam cabedal a teu respeito;
Para elles será todo o proveito,
E te farão a ti mil attenções.

Haverá, Zamparine, occasiões,
Que a tua chibantice cause effeito:
Nas molestias occultas e do peito,
Por seres tu, a causa das paixões.

Se mais que o cabedal que tem Suecia,
Fosse o de cada um dos teus amantes,
Muito mais te dariam por facecia:

Chupa e deixa sem sangue a taes tratantes,
Que como têm o juizo em fazer secia,
Sempre na asneira os has de ter constantes.

SONETO ¹

Um chimico infernal drogas malditas
Ajuntou n'um lambique sem demora:
Ferro, veneno, vibora traidora,
Cartas da mão de Machiavel ² escriptas;

A fogo lento, a pragas infinitas,
Distilou tudo em pouco mais de um'hora;
Pelo gargalo do lambique fóra
Sahiram par a par dois jesuitas.

Amostrou sua obra ao Reino escuro...
Tornou a distilar muito em segredo:
Sahiu um menigrépo ³ inda mais puro!

O Démo, que o formou, lhe teve medo:
Despejou o lambique n'um monturo,
E sahiu d'esta bôrra o gran Macedo.

NOTAS

¹ O ms. da B. N. attribue a Antonio Lobo de Carvalho este soneto, que aliás não vem incluído nas suas *Poesias*; Innocencio, *Dicc. Bibl.*, tom. IV, pag. 271, dá-lhe por auctor José Basilio da Gama; e na edição das *Obras completas* de Nicolau Tolentino, Lisboa, 1861, o referido soneto apparece incluído nos «inéditos» d'este poeta.

A' primeira vista, repugna crêr que elle seja de Tolentino, porque briga com outro soneto em que o padre era louvado pela mesma penna nos seguintes elogiosos termos:

Prégou o eloquentissimo Macedo
Em casta linguagem portugueza.

Mas tudo é possível entre poetas, e talvez Tolentino mudasse de opinião durante a contenda da *Ode*.

Caso não semelhante, mas analogo, aconteceu com José Basilio da Gama, a quem Macedo não regateou applausos:

Bem hajas tu, meu Mattos, tu, *Basilio*,
Bem hajas: que com uma nobre e tersa
Locução, do Parnaso ao bipartido
Cume voado tendes, etc.;

sem embargo do que, José Basilio, vendo Macedo na berlinda e atirando a gratidão por cima dos moinhos, o atanzou depois não só como poeta, mas tambem como prégador:

E tu, Macedo, falo-te sincero,
Dou-te licença de queimar teus versos;
Não nasceste poeta, tem paciência,
Emprega o tempo em lêr as Escripuras,
Os Basilios, Chrisóstomos, Gregorios;
Pois é pena que tendo alguns talentos,
Não saibam teus sermões a nada d'isto.

² Famoso publicista florentino, cujo systema politico não olhava á infamia dos meios para conseguir os fins. A palavra machiavelismo ficou sendo synonyma de astucia e perfidia.

³ Menigrepo, sacerdote ou ermitão do Pegu, tomado n'um sentido depreciativo por ser ministro de um culto estranho aos christãos.

Filinto Elysio refere-se a este e outros sacerdotes das religiões orientaes nos seguintes versos:

Com Santões conversou, com Bonzos, Grépos,
Menigrépos, Rolins e Talagrépos;
(Da nossa multiforme fradaria
Antes fonte primeira, que transumpto).

(*Obras completas*, III, pag. 551).

O padre José Agostinho, nos *Burros*, tambem diz:

O Menigrépo, pedantão soberbo,
Rustico em face, rustico em figura, etc.

(Canto VI).

Resposta ao soneto antecedente, pelos mesmos consoantes

SONETO

Satyrico infernal, horas malditas
Vivas tu para Deus; que sem demora
O peito te atravesse mão traidora;
Morte e condemnação vejas escriptas!

Do negro Inferno a penas infinitas
Te leve o Diabo em menos de uma hora:
Do mundo saias desterrado fóra,
Pois és peste peor que os jesuitas.

Foste chimico mau, infame, escuro;
Pois por mais que estilaste o teu segredo,
Sempre sahio o menigrépo puro.

Cala a bocca; tu cuidas tenho medo?
Vai beber (já me entendes) n'um monturo
Bôrra, que para ti . . . Macedo.

SONETO¹

Saibam todos que dotes relevantes
Se ostentam n'esta Nympha apetedida:
A côr da bocca á rosa parecida,
O rosto alegre, os olhos scintillantes;

Sobre o collo de neve, palpitantes
Dois globos de candura estremecida;
Só para² adulação da fragil vida,
Para Esphera de Amor, Céu dos Amantes.

Tudo n'ella é meiguice; é mimo tudo
Quanto entôa a famosa cantarina,
Com que deixa qualquer suspenso e mudo:

Fôra a meu vêr melhor, mais peregrina,
Se á proporção do aspecto, e engenho agudo,
Tivesse mais amôr, menos rapina.

NOTAS

¹ Este soneto attribuido a Lobo no *ms.* da B. N., não vem incluído nas *Poesias* do mesmo auctor.

² Se para, diz o *ms.*, o que não faz sentido.

SONETO 1

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Macedo, é tempo de mudar de officio;
Tu que és um prégador, grande e excellente,
A testa inclina, escuta paciente,
Que eu tambem de prégar tomo exercicio.

Tu prégas de continuo contra o vicio,
Doutrina Santa em phrase reverente;
No theatro és a fabula da gente;
Opprobrio á Religião, a nós supplicio.

Com fé quem te ha de ouvir, dize já agora:
Oh! Deus de Abrahão. Oh! Nume sempre eterno! 2
Se *Divina* acclamaste a vil cantôra?

Só podes ir prégar ao escuro Averno,
Que essa maldita voz, impia e traidôra,
Não é clarim do Céu, é voz do Inferno.

NOTAS

¹ Este soneto, com algumas variantes, é o xxiv das *Poesias* de Antonio Lobo de Carvalho.

No *ms.* da B. N. não traz nome de auctor; e no da T. do T. é attribuido ao Principal Botelho.

² Exclamação frequente nos seus sermões. (Nota do *ms.* da B. N.).

Carta de pêsames, escripta em nome de um menino orphão,
do Collegio de Jesus,¹ á sr.^a Zamparine,
por occasião da morte de seu appellidado pai, em

ROMANCE

Se eu, Senhora Zamparine,
Lá caibo, tambem quizera
Que chegasse aos seus ouvidos
O vôo da minha pêna.

Não falo da com que escrevo,
Falo sómente d'aquella
Que imprime no coração
Umás negregadas lettras.

Morreu o senhor seu pai;
Oh, que desgraça! oh, que pêrda
Para uma filha, que sempre
Amou as conveniencias!

Morreu o que deu ao mundo
Da filha pelas guelas
Quantos brados para a fama,
Tantos pratos para a ceia.

Lá vai o esteio da casa,
O mordomo da Minestra,²
E na sangria das bolsas
O apontador das lancetas.

Lá vai o sogro de todos,
Que, em continua decadencia,
Genros em todas as linguas,
Dar podia á Europa inteira.

Eu refiro estas virtudes
Sómente porque se veja
Que a mágoa se justifica
Nas razões da choradeira.

Acceite Vossa Mercê
O que eu sinto, na certeza
Que, a não ser isto, não ha
Coisa que a aceitar me venha.

A mais fiel companhia
Lhe faço n'esta tragedia,
E com esta pago a que
Lhe não faço na assembléa.

Pésa-me dos seus desgostos
E é só em minha consciencia
O que de Vossa Mercê,
Com bem o diga, me pésa.

Mas porque não é razão
Que o pranto estrague a belleza,
E que os soluços suffoquem
No céo da bocca as cádecias,

Peço-lhe que se resigne:
Moderação, paciencia;
Sois mortaes, ainda que
Vossa Mercê o não creia.

Todos havemos morrer,
E até eu; mas com differença,
Que por Vossa Mercê não,
Por que fujo de postêmas.

Resista a tanta desgraça,
Faça um bom esforço, e veja
Se aqui em ar de Mylord,
Encontra alguma alma ingleza,

Que lhe dê para conforto,
Em signal de fortaleza,

Um coração de diamante,
Que talvez é o que lhe resta.

E diga ao pobre coitado,
Quando o colhêr na esparrela,
Qu'á sua mágoa só resiste
Esse coração de pedra.

Quanto mais que na verdade
Toda esta côrte receia
Que o pranto, lucro cessante,
E damno emergente seja.

Não morra de dôr, menina,
Considere, cuide e veja
Quantas vidas estragadas
Tem da sua dependencia.

Lembre-se da antipathia
Que tem no meio das Scenas
Uma cantarina alegre
E uma triste carpideira.

Repare (mas bem o sabe,
Porque ha dias o experimenta)
Que a liberdade em que fica
Lhe cura as dôres da ausencia.

Todas estas razões podem
Fazer com muita certeza
Que as bexigas dos seus olhos
Cheguem já a estar na sécca.

Eu me explico: fazer devem
Que depois d'esta tormenta
Appareça sobre o theatro,
Brilhante, o «arco da velha».

Não digo a Vossa Mercê
Que do seu bom pai se esqueça;
Lembre-se sim da alma d'elle,
Se da sua se não lembra.

Vá para o theatro, cante,
E encante as grandes orelhas
Dos que n'esse mar se engolfam,
Sem saberem que ha Sereas.

Assim mesmo de caminho,
Com devoção muito inteira,
Vá-lhe applicando por alma
Meia duzia de burlettas. ³

Mal sabe, mal, quanto vale,
Lá no theatro das trevas,
Embruhlado em chularia,
Posto ao cravo, um—*Requiesca*. ⁴

Applique lhe estes Responsos;
Cá e lá tudo aproveita.
Faça de—*Buona figliuola*—
Que isto tambem é comedia.

DO PRINCIPAL BOTELHO. ⁵

NOTA

¹ Este collegio, cuja fundação datava do tempo de Affonso III, estava situado na rua da Mouraria, e no local onde vêmos a ermida de Nossa Senhora da Guia actualmente.

² Vocabulo brasileiro, que significa habilidade para guiar certos negocios lucrativos.

³ Farças intermeadas de musica, muito no agrado dos italianos. Diniz refere-se-lhes no *Hyssope*:

A insípida Burletta, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpómene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.

⁴ Requiescat.

⁵ No codice 8:583 da B. N. ha uma collecção de decimas allusivas ao governo do marquez de Pombal, com o titulo *O Gatarrão*, compostas por este Principal Botelho e pelo marquez d'Alorna.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Peralvilhos infames, que esquecidos
Do dever de christãos, injuriastes
Nos libélos servis, que fabricastes,
Os caprichos á honra mais devidos:

Que pretendeis? Acaso de entendidos
O nome por tal meio procurastes?
Ah não, que n'essas trovas só lucrastes
A merecida nota de atrevidos.

Que graça, que conceito, ou pensamento,
Nas ridiculas trovas se descobre,
Para ao menos córar o vosso intento?

De maroto não passa, e esse o mais pobre,
Quem ostenta tão vil procedimento:
Dizer mal nunca coube em peito nobre.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Emmudecei, poetas atrevidos,
Que a bella Zamparine profanaes,
Por que vós, se o decoro lhe manchaes,
E' só porque não sois d'ella admittidos.

De ser comvosco austera, de offendidos,
Por abatêl-a idéas levantaes;
Ver como fáceis sois, como culpaes
Tudo n'ella defeitos repetidos.

Que a côrte a seus pés toda ajoelhada
A tenra mão lhe beije, que applaudida
Por insigne só seja celebrada;

Que do louro metal enriquecida
Cinja a fronte, de joias adornada,
E é isto acaso ser mal procedida?

Justiça exposta sobre o merecimento dos objectos
declarados nas seguintes

DECIMAS

(Lição do Ms. da B. N.)

1

No cantar ter suspensão
A Zamparine, isso sim;
Mas que seja um serafim
Na formosura, isso não.
Por *divina* elevação,
Irreverente, e sem medo,
A tève o padre Macedo,
Na Ode que nos consome;
Que por dizer com seu nome
Veio *má* e veio *cedo*.

2

Poetas, pois que do chôco
Tiraes taes versos a fio,
Tão bons como o bom feitio
Do catinga Manel Côco:
Se d'esse vosso descôco
Quereis conhecer as sobras,
Do .. por fétidas dobras,
Zamparineidos basbaques,
Apollo vos dá dois,
Por premio das vossas obras.

VARIANTE

(Segundo o Ms. da T. do T.)

I

Ter no canto perfeição
 A Zamparine, isso sim;
 Porém ser um serafim
 Na formosura, isso não.
 De *divina* a distincção
 Quem lhe daria sem medo
 Senão o Padre Macedo
 Na Ode que nos consome?
 Que para dizer com o nome
 Veio *má* e veio *cedo*.

2

Poetas, pois que do chôco
 Tiraes taes versos a fio,
 Tão bons como o bom feitio
 Do catinga Manuel Côco:
 Se assim do vosso descôco
 Quereis vêr do premio as sobras;
 Do .. por fétidas dobras
 (Amantes zamparineidos)
 Apollo vos dá dois
 Por premio das vossas obras.

De PASCHOAL BAILÃO.

As seguintes decimas são feitas ao Padre Macedo,
por occasião da Ode que val no principio d'esta collecção

1

Meu Peralta, a Zamparina
É fregona¹ estrangeira,
Tão forte, como a cegueira,
Com que lhe chamas divina:
Não é mais que cantarina,
Que sabe com artificio
Da voz esconder o vicio
Na graciosa execução,
E que tem opinião
De mestre no seu officio.

2

Dize, emfim, que canta bem,
Que merece o teu louvor;
Mas que não ha quem melhor
O faça, duvida tem:
Uma, que não me convém
Declarar, sei eu que afina
Mais dôce a voz; que é menina
Que outra tão gentil não vi,
E não houve ainda até'qui
Quem lhe chamasse divina;

3

Mas que assombra as formosuras?!
Que almas rouba, animos prende?!
Não a louva, antes offende
Quem a põe em taes alturas:
Que encanta com as ternuras
Do seu dôce agrado bello,
É falso, não devo crêl-o;
Antes com razão se vê
Que é assim assim; mas não é
Lá coisa do Sete-estrello.

4

Meu Peralta, se te présas
De douto, emzamparinado
Não estejas; que és notado
De mau gôsto, entre as bellezas:
De Zamparine as riquezas
Louva, se queres louvar;
Mas não queiras exaltar
Tanto seu merecimento,
Que em odes de novo invento
Te venha o mundo apupar.

NOTA

¹ Em todas as copias está *fragona*, o que é manifestamente erro. *Fregona*, propriamente, significa a criada ou serviçal de cozinha. Na comedia antiga era este um typo de astucia e velhacaria, a *lacaia* dos nossos velhos entremezes, a que corresponde no theatro francez a *soubrette*. A companhia hespanhola de Antonio Roiz, que esteve em Lisboa annos antes de chegar a Zamperini, representou uma comedia com o titulo *La mas illustre fregona*.

Ao retrato de Zamparine em rifa

DECIMA

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Quem Alcina¹ ter deseja,
N'este agradavel composto
Tem Alcina, e no seu rosto
Não tem que emendar a inveja:
Quem passar, suspire, e veja
O seu rosto ao natural,
Dêem vinte o seu cabedal
Para um só ficar servido,
Que até n'isto é parecido
Com o seu original.

NOTA

¹ Referencia á burletta *L'Isola d'Alcina*, de Gazzaniga, em que a Zamparini fazia o papel de Fada.

Sobre as decimas antecedentes vai a seguinte

DECIMA

Eu não disputo a bondade
Dos versos contra o Macedo;
Digo, que n'elle (em segredo)
Assenta a mordacidade.
Um sacerdote não ha de
Escrever, como elle escreve:
Aquelle que se lhe atreve
Bem sei que é muito mordaz;
Se elle não deve o que faz,
Faça o Macedo o que deve.

DR. JOSÉ ANTONIO CARNEIRO.

Aos que escrevem contra Zamparine e Macedo

DECIMA

Contra a bella Zamparina,
E contra os seus lisonjeiros
Avançaram os rafeiros
Que bebem da Cabalina:
Por lhe chamarem *Divina*
Estão os gozos 'scumando;
Mas ella sómente olhando
Para a illustre pompa sua,
Segue os exemplos da Lua,
Quando os cães lhe estão ladrando.

DR. MANUEL JOSÉ CHAREM.

Ao merecimento de Zamparine

DECIMAS

(Tambem se encontram no Ms. da T. do T.)

1

Todo o meu desejo amante
Fugiu, bella Zamparine,
Quando vi que era o—Quatrine¹
O teu proprio consoante:
Ao teu preço exorbitante
Se fecha qualquer mealheiro,
Por ser estilo estrangeiro
Entre a portugueza gente:
Pois cá, no açougue sómente,
Se dá carne por dinheiro.

2

Se a tal Zamparine unisse
Ao canto, rara belleza,
Não faria que a avareza
Com ella se reprimisse:
Porém foi-se a meninice;
A feição não arrebatá;
E está, por batida, a matta
Reduzida a taes destroços,
Que se quer gastar os ossos,
Ponha a carne mais barata.

3

Faz mal em se pôr de venda
Com uma taxa tão alta,
Porque não pode o peralta
Comprar fructa n'essa tenda:
O fidalgo, o que tem renda,
Com' ella não quer gastar;
Pois vê que só pode achar
Umaz quatro maroteiras,
Tendo cá d'essas asneiras
Mais baratas, a fartar.

4

Canta bem, e será tonto
Quem a quizer igualar;
Mas quem ha de lá chegar,
Se ella põe tão alto o ponto?
E se alguém (eu não aponto,
Mas—cá o vou observando)
Com ella fôr entoando
Sem precaver a esparrela,
Depois de cantar com ella
Ha de ficar só chorando.

NOTA

¹ Força de rima. Em italiano, *quattrino* (e não *quattrine*) significa—dinheiro. Em portuguez temos—*quatrim*—, antiquado.

Ao mesmo objecto vai a seguinte decima

DECIMA

Fui por não julgar de estoiro
Ver a cara, e a voz que prende,
D'essa Danae, que pretende
Sobre si chuveiros de oiro:¹
Canta bem; mas é desdoiro
Darem-lhe outras perfeições.
Pois cá pelos meus botões,
Vendo a natureza, e a arte,
Pondo-lhe o cantar de parte,
Vale dezeseis tostões.

NOTA

¹ Segundo a mythologia, Jupiter transformou-se em chuva de oiro para assim poder penetrar na torre onde a bella Danae estava captiva. Foi decerto a conquista mais cara do grande Tonante. . .

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Contra o Padre Macedo conspirados
Vejo os poetas, vejo os oradores,
Só por cantar em versos superiores
Da bella Zamparine os predicados.

Ignoram os satyros malvados
Que as suas perfeições, que os seus primores,
Dos pequenos, dos grandes, dos senhores,
Foram por todo o mundo celebrados.

Calai-vos já, ó linguas maldizentes;
Deixae louvar quem é de louvor dina,
Oradores, poetas insolentes:

Quem mais merece o nome de divina,
Quem mais merece a adoração das gentes,
Que a gentil, que a formosa Zamparina?

SONETO ¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Que mal te fez a pobre Zamparina?
Que mal o bom Macedo te tem feito?
Elle se é homem, deixa-o ter defeito;
Se é mulher ella, deixa-a ser divina.

Por ventura corrompe a sã doutrina
Um sublime, um poetico conceito?
Por adorno sómente, e por preceito
Da commum accessão que o determina?

A quantas Zamparinas peores que esta,
Terás tu anteposto ao Deus da graça
Usando de expressão menos modesta?

Ora consulta o mal que por ti passa,
Vai perguntar á natureza infesta
Se os Macedos são feitos de outra massa.

JOÃO XAVIER DE MATTOS.

¹ Este soneto não vem incluído nas *Rimas* do auctor.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Deixa falar, ó inclito Macedo,
Esses, que os teus costumes satyrisam:
Todos, por leves, sabes que precisam
Ter mais pesada a bola que um penedo.

Dos seus dicterios não, não tenhas medo,
Porque entre os sabios não te exauctorizam.
Honra aos teus nacionaes, que em ti divisam
Engenho que outro igual não verão cedo.

Á cantora gentil que vive ufana,
Se Deus a distinguiu, chama divina,
Porque bem sabem todos que é humana:

Pois com esta expressão não se abomina
A verdadeira lei, nem se profana
Na tua bocca de oiro a sã doutrina.

FR. JOAQUIM DE S. PEDRO DE ALCANTARA.

SONETO¹

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Quem é este Peralta reverendo,
Que em verso torpemente nos atrôa,
Querendo infeccionar toda Lisboa,
Errada e nésciamente discorrendo?

Quem é (torno a dizer) que pervertendo
Vai da santa moral a lição boa,
Sem que haja um vil tambor que pize e môa,
E toque a caixa a monstro tão horrendo?

Quem é que o puro nome de divina
Á Zamparine dá sem susto ou mêdo
De quem aos idiotas mais crimina?

Se o auctor quereis saber de tanto enrêdo,
É um de honesta côr, como a da China,
O doutor padre, o amadôr Macedo.

NOTA

¹ Este soneto, que não traz nome de auctor no *ms.* da Bibliotheca Nacional, é, com algumas variantes, o xviii nas *Poesias* de Antonio Lobo de Carvalho.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Reverendo Peralta, em vão desmentes
A' força de arte, a frente já nevada,
Quando a idade, na cara encarquilhada,
Bem se descobre, e nos quebrados dentes:

Por mais que na platêa te apoquentes,
Para exceder a todos na assuada,
As vistas não attraes da tua amada,
Que os velhos pobres são impertinentes.

Novos esforços teu amor procura;
Combates p'la formosa Zamparina,
Com peças de eloquência, inda que impura.

Isto não basta; chamas-lhe divina;
Então se satisfaz tua loucura,
Julgando lhe tens dado alguma mina.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do T.)

Reverendo Peralta dos Peraltas,
Se pobre te contemplo, e enverrugado,¹
Que diabo te tem zamparinado,
Pois na Opera vejo nunca faltas?!

Se a triste cantar vês, de gosto saltas
Mostrando no teu rosto amacacado
Gostar que Zamparine, no tablado,
Trinados mil ostente em vozes altas.

Peralta reverendo, tal loucura
Propria não deve ser da tua idade,
Vê que proximo estás á sepultura.

Que queres faça a tenra mocidade?
Nem tua prédica gosta, e se a procura,
É por vêr da pieguice a propriedade.²

NOTAS

¹ No *ms.* da B. N, lê-se—envergonhado. No da T. do T. — enverrugado, o que parece estar em maior accôrdo com a «cara encarquilhada» de que fala outro poeta quando tambem se refere ao Padre Macedo.

² No *ms.* da T. do T.:

É por do Piegas vêr a propriedade.

SONETO

(Tambem se encontra no Ms. da T. do L.)

Meu Macedo, tu pregas doutamente,
Tens arte de attrair, tens energia,
Tu na conversação, na companhia
Tens agrado, tens modo, és eloquente.

Tu tens merecimento, és bom vivente,
E dizer o contrario é tyrannia:
Os teus versos são bons, têm harmonia
Por mais que d'elles zombe o maldizente.

Louvaste a Zamparine transportado;
Eu te desculpo: emfim é a primeira,
Que nos tem no theatro arrebatado;

Mas fazendo justiça sempre inteira,
Pomada, aneis, cabelo apolvilhado,
E no meio a corôa, é forte asneira!

Habilidade de Zamparine, exposta nas seguintes

DECIMAS

(Tambem se encontra no Ms. do T. do T.)

1

Olá, musicos, amantes
Que sois da solfa magana
De Amor, já que tendes gana
De ouvil-a, vinde flammantes:
Ouvi, e aprendei constantes,
Não da celebre Falchine
Nem já da nossa Sistini,
Mas dessa (valha a verdade)
Que o fáz com mais suavidade,
A singular Zamparine.

2

Não só com tal primor canta,
Mas tambem, conforme o exposto,
Diz, compõe com tanto gosto,
Que á maior mestra se adeanta:
Compõe, sim, com graça tanta,
Que a composição procura
Todo o cantôr de figura
Compral-a com todo o excesso;
E ella a todos por bom preço
Vende a sua compostura.

3

Zamparine com effeito,
Que a solfa quer pôr em grade,
E usar do *tempo* que agrade,
Destra, arma a grade a seu geito:
No *cantochão* a preceito
Expõe o seu *diapasão*.
E á obra mettendo mão,
Com affectos e ternuras,
Mette a *compasso* as *figuras*,
E as põe em suave união.

4

As *figuras* sem desar,
Faz ella subir de *ponto*,
Por que n'este *contra-ponto*,
E' mestra a mais singular:
Pois não só faz alterar,
Quando os affectos procura,
Toda a *maxima* figura;
Mas ainda a *minima*, e bem,
A faz exaltar tambem
Com suavidade e doçura.

5

Para no proprio logar
Metter a figura *longa*,
Faz com que esta se prolonga,
Sem sua extensão reccar:

Antes de mais longa estar
Se agrada sem embaraços;
E que em seus quatro *compassos*
Exercite o seu officio;
E por este beneficio,
Lhe dá mil beijos e abraços. ¹

6

Usa tambem do seu *breve*
Que dois *compassos* só tinha;
Mas já longo hoje a ser vinha
Sem poder ser *semi-breve*:
Tambem a usar se deteve
Da sua bella *colchea*,
Mas indo á *semi-colchea*,
E á seguinte de que se usa,
Figura chamada *fusa*,
Da infusão d'esta se ancea.

7

Para as vozes lhe enxerir,
Vê a que o valôr lhe dá,
Do *u*, ² *ré*, *mi*, *fá*, *sol*, *lá*,
Com que as veio a distinguir;
O *tiple* só por subir
A mais alta consonancia,
Lh'o metteu com gosto e ancia;
E meio *ponto* subido,
Forma anciosa o *sustenido*.
Com suave extravagancia.

Sem receio ou sobresalto
No lugar do seu destino,
Por ser o mais genuino,
Tambem lhe mette o *contralto* ;
E por que não fique falto
De tenor seu movimento,
Lh'o introduz, e n'um momento,
Da *solfa* no fundo fosso,
Por baixo lhe encaixa o grosso,
Que é todo o seu fundamento.

Aos *compassos* ³ do seu gosto,
Já morosos, já velozes,
Introduzidas as vozes,
Formou da *solfa* o composto:
E já com alegre rôsto
Pela experiencia comprova
Que se vai a fazer prova
Solfejando a compostura;
Como canta por *natura*
O seu gosto mais se prova.

Canta *alegro*; mas no canto
No *alegro* apressada vai,
Como n'esse *alegro assai*, ⁴
Que causa na *fuga* espanto:

N'esta, é toda um mero encanto,
 Porque com modo bellissimo,
 E com um gosto finissimo,
 Muito suave, e elegante,
 Forma esse *alegro brillante*,
 Forma esse *alegro-prestissimo*.

11

Em usar não se embarça
 N'essa sua compostura,
 D'essa *tres-quialta*⁵ figura,
 Porque as tres mette com graça
 Sem que uma ou outra lhe faça
 Algum pejo desigual,
 Nem tão pouco lhe faz mal
 Baixem por *b-mol* agora,
 Pois por *b-quadro* sem mora
 Torna a coisa ao natural.

12

Na cadencia em tom suave
 Fôrma o *trino* soberano,
 Já com terno som *pianno*,
 Já com forte, com som *grave*:
 Sem que aos ouvidos aggrave,
 Tambem canta por *falsete*
 E a voz natural já mette;
 E porque fica mais dôce
 O seu canto a *mezza-voce*,
 A suavidade repete.

Porque fique a *fuga* airosa,
Segundo cá o reputo,
Fórma um bello *sustenuto*,
E a deixa assim mais graciosa:
Oh cantora prodigiosa!
E como assim, singular,
Sabes bem desempenhar
Com os teus bellos primôres,
Na arte dos teus amôres,
A solfa do namorar!

Tu, Zamparine, tão fina
És n'essa arte de cantar,
Como foi na de dançar
Essa decantada Annina:
D'essa guapa dansarina,
Que era de galhardo gesto,
Imitas o modo honesto:
D'ella herdaste esses teus bens;
Pois como ella tinha, tens
Proceder rico e honesto.

Tu cantas, ella dançava;
Cantas tu com suave tom,
E parece que ella ao som
Do teu canto, é que bailava:

Do baile ella se presava;
 Tu te presas do teu canto;
 Tu cantando vales tanto,
 Quanto ella bailando. Attento: ⁶
 Bailando, ella era portento;
 Cantando, tu és encanto!

Ella dançando fazia
 O que sabemos, e vimos;
 Tu cantando como ouvimos,
 Fazes mais por essa via;
 Mais, porque a tua ardentia,
 A' da tal Annina excede,
 Tanto como lhe precede
 O que n'essa arte praticas,
 E a vantagem com que ficas,
 De mais quente ser procede.

Mas as vantagens que gosas
 Consistem só na apparencia;
 Porém não porque na essencia
 Sejam prendas vantajosas:
 Sem vantagens, venturosas
 Annina e tu são no bello;
 São o mesmo paralelo,
 E a proval-o assim me obrigo
Pues qual mas qual menos digo
Que toda la lana és pelo.

Sendo pois isto como é,
E o mostra a razão bem clara,
Por que te vendes tão cara,
Que formam de ti má fé?
Mas já sei que isto é por que
O *Quattrine* te recreia,
E a ambição toda te aneia,
E te faz, por que te encarne,
Prodiga da tua carne,
E avara da carne alheia.

A Annina não era assim,
Porque a quem a galanteava
Nos consta que premiava
Com liberal frenezim;
Mas tu só é «venha a mim»
E usando d'ambiciosa ancia,
A esses com petulancia,
A mais fina e refinada,
Por fícares sustanciada
Lhe tiras toda a sustancia.

Dize, por que tão vilmente
Esse estipendio assim cobras?
Dize já por que assim obras
Accções, que não são de gente?

Se é por estares demente;
Por que algum de airada vida
De quem tu foste querida,
Te feriu, indo-te aos covos?
Deixa-me bater dois ovos
Para curar-te a ferida.

21

Se has mister de ser sangrada
N'essa cutanea selecta,
Com a mental lanceta
Eu te darei a picada:
Se a veia ficar rasgada,
Mais do que é conveniente,
Bem podes affoitamente
Tu cural-a em caso tal,
Com leite que é virginal,
Que é para isso excellente.

22

E se estás esquentadinha,
Mais quer d'essa febre o abalo
Que te dêem carne de gallo,
Do que carne de gallinha:
Ora abre lá a boquinha:
Irra! E de carne que troços!
Cruz! Inteiros, duros, grossos,
Engoles sem que te esfolem!
As que assim a carne engolem,
A vêm a em

Livra-te d'esses trabalhos,
Por que fazem com que as damas,
Amolecendo-lhe as,
Fiquem uns penderucalhos:
E ellas ficam uns bandalhos,
Sendo á vontade infieis,
Rebeldes do gosto ás leis;
Que pois já valôr não têm,
Se valiam um vintem,
Não vêm a valer dez réis.

Nunca estrangeiras mais bellas
Alcançaram pico igual:
Ha damas de Portugal,
Que têm mais garbo do que ellas;
Quanto mais, do que as mozoelas ⁷
D'esse Theatro adversario : ⁸
Recolhe-te ao vestiario,
Porque eu já deixo a platéa;
Pois sou por melhor idéa
De taes figuras contrario.

NOTAS

¹ Toda esta mexerufada se encontra igualmente confusa, sem *calembour*, musical, tanto na copia da B. N. como na da T. do T.

² Aliás *ut*, que foi a primeira nota da escala natural na antiga semiographia da musica.

Ahi por 1640 um florentino, João Baptista Doni, lembrou-se de a substituir pela primeira syllaba do seu appellido, em verdade muito mais sonora.

Esta innovação foi geralmente acceita.

³ Variante do *ms.* da T. do T.

⁴ Termo musical italiano, que significa—assaz, bastante.

⁵ A quialtera consiste na união de tres notas, que devem ser executadas no tempo em que se executam duas, Para serem logo conhecidas é costume marcal-as com a cifra 3.

⁶ Os poetas menores dos seculos xvii e xviii usavam ás vezes d'este adjectivo adverbialmente; por dae attenção, estae attentamente. Assim, n'uma oitava de Frei Eusebio de Mattos (irmão de Gregorio de Mattos) encontro este verso:

Vossos olhos, Senhora, estae *attento*.

⁷ É um vocabulo hespanhol, synonymo de loireira ou galdéria.

⁸ O theatro do Bairro Alto, onde annos antes tinham estado companhias hespanholas.

SATYRA 1

(EM RESPOSTA AO DR. DOMINGOS MONTEIRO
DE ALBUQUERQUE E AMARAL, PAG. 53)

Donde nasce que todos indulgentes
 Com os seus vícios são; mas contra os outros
 A mordaz lingua aguçam, nem perdoam
 Os mais leves defeitos? Hão de a aresta
 Vêr nos olhos alheios, mas da tranca
 Que nos seus olhos têm, caso não fazem.
 Quem supportal-os póde?... Casta infame!...
 Da Satyra o açoite levantado
 Sobre vós hoje está! vós dos meus versos
 O argumento sereis; comvosco é a briga.

E tu! ó bom Lemano,² que não temes
 Da frenética inveja o voraz dente;
 Tu que dos cães que ladram como á lua,
 Mofando sempre estás, o sacrificio,
 Que te dirijo, acceita: é a justiça
 Quem o animo me accende. Mal faria,
 Se o teu merecimento não rendesse
 Algum publico obsequio. As almas nobres
 Conhecem-te, e desculpam teus defeitos,
 Se por ventura os tens; qual é que nasce
 Sem que defeitos tenha? de corrupto
 Tronco brotamos todos, pelos ramos
 O contagio se infunde. Se a canalha
 Vil infamante quer, é sua a injuria,

Que mais desejas tu para vingar-te
Que o serem conhecidos? já na Praça
Seus pôdres assoálho; suas manchas
A fazer manifestas já coméço.

Surgiram entre nós do pó da terra
Não sei que maus espiritos, que a vara
De rigidos censores usurpando,
Accção não ha, que á sua turia escape.
Grandes, pequenos, sabios, ignorantes,
Vós sois o alvo das hervadas settas;
E toléram-se sem que á desbocada
Liberdade se ponha justo freio!

De quatro auctores decórando os nomes,
Para enganar da plebe a rúdez crassa,
Presumem que com ar de mestres podem
De Apollo sobre a trípode sentados
A seu arbitrio repartir os votos.
Franzindo as carregadas sobrançellas,
Os narizes torcendo, nada approvam;
Tudo lhes cheira mal. Grocio ³, Boehmero ⁴,
Montesquieu ⁵, De Royal ⁶ e Pufendorf ⁷,
Posto que os não entendam, andam sempre
Na sua dianteira. De palavras
Usando, que do tempo a curva roda
Levado tem do torpe esquecimento
Para as negras masmorras, não sabendo

Que Horacio é claro; que nas linguas vivas
 O uso é quem governa! Grande Barros ⁸,
 Que affronta te não fazem, quando entendem
 Que de escudo lhes serves! Tu falaste
 Do teu seculo a lingua, fabricando
 Novas palavras, tu a enriqueceste,
 Da carunchosa idade sacudindo
 As bolorentas phrazes. E ha quem queira
 De *a esmo*, *al*, *abastança*, de uma grossa
 De ferrugentos termos fazer pompa,
 Toda a sua riqueza consistindo
 N'estas drogas sómente! Ainda que queira,
 Não, conter-me não posso; é desaforo!

Eu não duvido que uma vez ou outra
 Tal qual palavra antiga logar tenha;
 Exprime ás vezes mais; por peregrina
 Póde ás vezes passar, mas com que sábia
 Cautela estas licenças se concedem?
 Eu de algumas me sirvo; outros conheço
 Que de algumas se servem; a prudencia
 É quem a luz nos dá para podermos
 Com destra economia governar-nos.
 Quem por extravagante não teria
 Aquelle, que do hombro a sôlta capa
 Pendente, as fôfas calças enfeitando
 De crespos topes, com o retorcido
 Bigode feito ao ferro, e a larga espada
 Á cinta posta sobre o gibão justo,
 Passeasse entre nós, desenterrando
 Dos Affonsinhos as passadas modas?

Pois este é o nosso caso. Das palavras,
 E dos trages a condição é a mesma.
 É ridiculo quem se affasta do uso.
 Bem hajas tu, meu Mattos ⁹, tu, Basilio ¹⁰,
 Bem hajas: que com uma nobre e tersa
 Locução, do Parnaso ao bipartido
 Cume voado tendes; corromper-vos
 Não vos deixastes das mouriscas vozes
 De rançosa antigualha: vossos versos
 Com applauso de todos serão lidos;
 Do Tejo sobre as ondas prateadas
 Andarão vossos versos, arrancados
 Da fria mão da morte! vós de eternos
 A fama alcançareis nos Campos Lysios,
 A' fresca sombra de viçosos louros,
 Que a honrada fronte adornam dos Mirandas,
 Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras ¹¹.
 Mas que estro me arreбата? Da vereda
 Quem me desvia! o fio outra vez se ate.

Que muito que por um chame outro abysmo ¹²?
 Como da nossa lingua a magestosa
 Pureza estimarão? como a elegancia?
 Se entre nós um auctor não ha que possa
 De modelo servir-lhes? Este é frio;
 Da sã philosophia ignora aquelle
 Os severos dictames; qual da ordem
 Não observa as bellezas!... Peralvilhos!...
 Mas vós que tendes feito? Estalar-nos
 Sempre com vãs promessas os ouvidos:
 Sois como montes que emprenhados parem,

Em vez de um grande monstro, um vil ratinho.
 Ainda do Direito-patrio a historia
 Esperando-se está; se da Poesia
 O fim é agradar-nos, se instruir-nos,
 (Longa fadiga de cansados annos)
 Segredo é este que ainda descoberto
 Vós não tendes. Ide, ide dos pedantes
 Aterrar as orelhas. Nós sabemos
 Até onde chegaes: fanfarronadas
 Não se engolem por cá. A' vossa conta
 Já temos rido muito: e atreveis-vos
 A macular com temerária penna
 Os escriptos dos mais? vamos *ávantel*...
 Ha de vos agradar a palavrinha.

Mas, néscia presunção, quanto nos cega!
 Refinada vaidade, com teu fumo
 Quantos juizos tens escurecido!
 Da quadrilha roaz ha tal que affirma
 Que passado tem já todos os livros;
 Que já não tem que ler. Tal assevera,
 Do nariz mastigando o sêco ranho,
 Que para conhecer do mundo a idade
 Necessario seria calcularmos
 Os terremotos¹³. Ora eu já não posso
 Demorar-me com tanta babuseira!

Charlatães importunos, já vos deixo,
 Por agora vos deixo, Pintos, Sousas,
 Monteiro, Estoquetes, Bandeirinhas,
 Valente chefe do famoso troço
 Da Ribeira das Naus ¹⁴ té á primeira ¹⁵
 Se ao dissabor das Satyras forrar-vos
 Quizerdes, acceitae o meu conselho;
 É santo: conhecei-vos e calai-vos.

PADRE MACEDO.

NOTAS

¹ Nivelei quanto possível a lição d'esta satyra no *Ms.* da Bibliotheca Nacional com as variantes que se notam na lição do *Ramalhete*. v. 1. VI, 1843.

² Lemano foi o nome anagrammatico adoptado pelo padre Macedo na *Arcadia Ulyssiponense*, de que fez parte nos últimos annos d'esta corporação litteraria.

³ E' o celebre jurisconsulto e diplomata hollandez Van Groot, geralment Grotius,

⁴ Boehmer (1664-1749) auctor de estimadas obras sobre direito publico e direito canonico.

⁵ Montesquieu—o sabio auctor do —*Esprit des lois*.

⁶ De Royal não sei quem seja. Theop. Braga, na *Arcadia*, pag. 350, graphou—De Real.

⁷ Samuel, barão de Pufendorf, abalisado professor de direito publico e de direito natural. Como Grotius, fundou a moral e o direito sobre o principio da sociabilidade humana. Latino Coelho, na biographia de Castilho, graphou Puffendorfio.

⁸ João de Barros, o Livio portuguez.

⁹ João Xavier de Mattos, auctor das *Rimas*.

¹⁰ Jose Basilio da Gama, conceituado auctor do poema *Uruguay*.

¹¹ Sá de Miranda, Diogo Bernardes e Antonio Ferreira, constituindo uma constellação litteraria de que Luiz de Camões é o centro.

¹² Referencia á celebre phrase de um salmo de David: *Abyssus abyssum invocat.*

¹³ O dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral tinha dito em conversação que pe'os phenomenos naturaes podia calcular-se a idade do mundo, segundo o systema de Boulanger (1722-1759)

O padre Macedo allude aqui a este facto, e o dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral responde-lhe como veremos, mais adiante, dizendo :

..... É tal a tua ignorancia,
Que te espantas e encontras repugnancia
Em computar o historiador profundo
Os phenomenos que hão pasmado o mundo.
Pois esta foi de Boulanger a estrada.

¹⁴ Luiz Pinto de Sousa Coutinho, segundo Camillo, ou Pedro Caetano Pinto, segundo Theophilo Braga, o capitão de infantaria Manuel de Sousa, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Jeronymo Estoquete, um Bandeirinha (cujo diminutivo devia servir para differencar de Domingos Bandeira) faziam parte do grupo da Ribeira das Naus, que hostilisava a Arcadia, e era capitaneado por Francisco Manuel do Nascimento, o «valente chefe», então residente dentro do edificio do Arsenal de Marinha, circumstancia que justifica o nome dado ao grupo.

¹⁵ Variante que se encontra na *Arcadia* de Theophilo Braga:

Charlatães importunos, já vos deixo
Pintos, Sousas, Monteiros, Estoquetes,
Bandeirinhas, e tu, padre Niceno,
Valente chefe do famoso troço
Da Ribeira das Naus, até á primeira.
Se ao dissabor das Satyras forrar-vos
Quizerdes, acceitae o meu conselho,
E' santo. Conhecei-vos e calae-vos.

Em resposta á antecedente, vae a presente

SATYRA

Hoje te invoco, ó Critica, que, austera,
Com pesado semblante, e voz severa.
Degradaste das honras da Poesia
Tanta Satyra baixa, uma Ode fria;
Se tu encerras o saber divino,
Que em ti exalta o Lyrico latino,¹
Saber que faz com que o varão prudente
Aos frouxos versos nova força augmente,
Os duros amacie, e os mais riscando,
Vá os sôltos Maçedõs doutrinando:
Como é possível que haja quem te chame
Charlatã, importuna, e casta infame?
Quem da ignorancia e pó nascer te faça
Para enganar da plebe a rudez crassa?

Porém, que estrondo horrisono, que estalo
No ar resôa?... Eu vejo já sulcal-o
Por carroça veloz, afogueada,
Onde a aspérrima Deusa vem sentada.
Arrepiam-se aos néscios os cabellos,
Os viciosos fazem-se amarellos;
Falta-lhe o alento, a voz lhe toma o susto;
E impávido só fica o Sabio e o Justo.

Levanta a Deusa o braço poderoso,
 D'onde pende o açoite rigoroso,
 E um só pequeno golpe despedindo,
 Deslustrados por terra vão caindo,
 Sobre o Macedo, de suor banhado,
 Os que hão da recta Deusa blasphemado.
 Eis que ella o rosto grave a mim volvendo,
 Já tinto de ira, assim me foi dizendo:
 «D'estes que vês apenas respirando
 «De preguiçosos vil, rasteiro bando,
 «Uns vivem de falar á custa alheia,
 «Acolá têm jantar, aqui têm ceia;
 «Ingrato é aquelle, e tão sobremaneira,
 «Que affectando amizade verdadeira,
 «Pisa do amigo o pé, quando imagina,
 «Que dá toques de amor á Dançarina²
 «Este é jurista, que em ociosidade
 «Vive contente só com ter vaidade;
 «Come, passeia, busca sempre os ricos,
 «Funda a sciencia em quatro mexericos.
 «Estes, que viver querem soltamente,
 «Um ser sabio poeta, e eloquente,
 «Outro jurisconsulto o mais profundo,
 «Tremem se os dou a conhecer ao mundo.
 «E como os punge a timida consciencia,
 «Nem para se calarem têm prudencia,
 «Nem têm saber para emendar o vicio;
 «Resvalam de um em outro precipicio.
 «Estes me accusam, estes me aborrecem;
 «Mas, se ao longe me vêem, logo estremezem,
 «Por que lhes provo que a sua propria ira
 «Gera as calumnias vis, gera a mentira
 «Eu te instruo na origem d'estes males;
 «Diz a verdade, morre e não te cales.

«Vês aquelle de face escaveirada,
«Olhos sumidos já, testa enrugada,
«Que burrifos de espuma arremessando,
«Vae da cabeça ás Furias arrancando
«As pestilentes serpes, que sacode,
«Já que seguir as minhas leis não póde?
«Pois a sua activissima vaidade
«De longo tempo insulta esta cidade:
«Um Orador não houve, um só Poeta,
«Que não fosse um estúpido, um pateta;
«Desvanecido, bons e maus moteja,
«Uns com razão, e outros com inveja.
«Tempo houve, em que elle foi ás letras dado;
«Mas do Templo das Mussas desterrado,
«Gastou em ocio o já lucrado oiro,
«Devendo acrescentar sempre o thesoiro.
«Foram volvendo as annos pressurosos,
«Amanheceram dias mais formosos,
«Foi do Pulpito santo desterrado
«O jogo de palavras affectado;
«Foi o biforme equivoco banido;
«Já se não ouve o texto retorcido
«Com que qualquer dos Santos, no seu dia,
«Co'o Senhor dos Senhores competia.
«Lêem-se os poetas gregos e latinos,
«E Macedo com ditos viperinos,
«Pobre de letras, cego de jactancia,
«Inda se cré nos tempos da ignorancia!
«Se por bons aprendeu, nós os bons lêmos:
«Se tem talentos; nós tambem os temos.

«Como estivessem pois tão maltratados;
 «Prégadores, poetas e letrados,
 «Rançosos e modernos escriptores,
 «Este que censurava os seus maiores,
 «Que de rosas coroava a Castidade,
 «Prompto sempre a affectar sublimidade,
 «Vomita uma Ode baixa e corrompida,
 «Que aos lastimados animos convida
 «A pôr freio na bocca desmandada,
 «Deixando a antiga injuria bem vingada.
 «Queria em seus defeitos ser perdoado?...
 «Elle dictou as leis por que é julgado.
 «A trombeta dourada empunha a Fama
 «E por cem boccas em sonetos clama:
 «Diz-lhe que emende o trage, e os maus costumes.
 «Quanto não provam tão geraes queixumes!
 «E por ventura comediou-se acaso?
 «Vêde-o tentar subir ainda ao Parnaso;
 «Engatinhando vai pelos penedos
 «Levando já em sangue os fracos dedos,
 «E agarrando c'os dentes enfrestados
 «Nos ramos facilmente destroncados.
 «Mas não póde chegar ao pico altivo
 «Onde se bebe aquelle lume vivo,
 «Que Boileau inflamou e os dois romanos,³
 «Para triumpharem do poder dos annos.
 «Frias, grosseiras satyras fulmina,
 «Ameaça, declama, desatina:
 «E n'isto mesmo a prova nos tem dado,
 «De que é qual foi, e não está mudado.
 «O que é moral na satyra primeira,
 «Furtou ao velho Horacio na terceira.
 «Ah! plagiarío pobre, ah! ignorante!
 «Furtas, remendas; e não és pedante?

«Aos ternos filhos, que criei aos peitos,
 «Tu, víbora assanhada, pões defeitos?
 «Elles humildes são, não negam têl-os
 «E tu tens olhos limpos para vêl-os?
 «Mas tu vícios não tens! se por ventura,
 «Tens leve nodoa, vem d'arvore impura.
 «Que attentes qual tens sido, te supplico;
 «Vê bem qual inda és, e aqui me fico.

«Mas voltemos agora a essa altiveza,
 «Com que dás leis na lingua portugueza:
 «Qual uso é esse de que Horacio fala,
 «Que ha de manter a lingua, e governal-a?
 «Será o que tu fazes de *transportes*,
 «*Interesses, conducta*, e de *ressortes*,
 «*Fanfarrão, calcular, terso* e diversos
 «Com que salpicas tua prosa, e versos?
 «E' esse da franceza rapazia,
 «Sem Diccionario, sem Academia,
 «Esse de orações curtas, desligadas,
 «Que mede os teus sermões por pollegadas?
 «Ou é o de finados escriptores,
 «Que viveram nos seculos melhores;
 «Lidos com discreção, e só seguidos
 «Nos vocabulos, que andam mal suppridos;
 «Nos que são filhos de eruditos tempos
 «Que a ignorancia, a guerra, e os contratempos,
 «Por um pouco afastaram dos ouvidos
 «Dos que nem são lettrados, nem são lidos?
 «Emfim n'aquelles de que tu careces,
 «Dos quaes não usas porque os não conheces?

«Quem segue no compôr a tua ideia,
 «A pobreza da lingua não receia;
 «*Abastança* não diz, não escreve a *esmo*,
 «Mas seja a obra qual fôr, pões sempre o mesmo.
 «Dos teus versos tirada a prova seja:
 «Tu chamaste *frenetica* á inveja;
 «Nos versos que á cantora offereceste,
 «Na *satyra frenetica* puzeste.
 «Tu tens em lista os nomes concordados
 «C'os epithetos todos, e contados;
 «Em prosa e verso o mesmo é repetido;
 «Com duzia e meia ficas bem servido.
 «Ora tu n'esta parte andas com sizo;
 «Prégas, poetisas, sem te ser preciso
 «Lêr um nosso escriptor, lêr os francezes,
 «E bem que a nossa lingua muitas vezes
 «Tenhas com gallicismos corrompido,
 «E o seu ar magestoso destruido,
 «Como hoje a turba pésa do teu lado,
 «Gritas com o uso, e crês-te desculpado.

«Pelos vestidos a language medes.
 «Se a diversa razão d'isse me pedes,
 «Em ti a dou: quizeste armar-te á moda:
 «Logo scandalisaste a Curia toda.
 «Nos vestidos consulta-se a riqueza,
 «Que é a mãe do luxo, e não a natureza.
 «Aos homens sempre enfeita-os a vaidade,
 «E ás mulheres a vã sensualidade:
 «Mas nas linguas é ponto decidido,
 «Melhorar só em attenção do ouvido;

«Rara vez innovar, se não achamos
«Termo, que exponha bem o que pensamos.
«Para esta decisão cumpre ter lido;
«Antigos e modernos revolvido.
«A estupidez do seculo passado
«E dos tempos vizinhos não tem dado
«Legitima razão aos vãos juizos,
«Para esquecer vocabulos precisos,
«Que a necessidade e o erro supprimiram,
«Que bem nos servem, e aos nossos já serviram.
«Não approvo a affectada demasia,
«Nem tolero essa essa tua francezia.

«Tu consolaste em ver um bom faceira
«Que tem odio mortal á cabelleira.
«O chapéo abortou-lh'o um que cobria,
«A malicia ao Geral da Companhia; ⁴
«O topeté em tres tranças repartido,
«E depois tudo em um calibre unido;
«A face prolongada até á bocca,
«Que em vez de asseio a nojo nos provoca;
«No pescoço, de panno grossa peça,
«Que lhe segura o leve da cabeça;
«O peito aberto aonde se divisa
«Um coração nos bofes da camisa;
«Um fraque justo ao geito de soldado,
«De um cordãosinho, ou de galão orlado;
«Um collete, que o peito lhe empertiga;
«Um calção, que é o esteio da barriga,
«Por um e outro lado semelhante
«A' tua lôba, velha prr diante;

«Um espadim, que em forma de balança
«Ás vezes no joelho lá descansa;
«Umas meias fingindo obras de ratos;
«Nos pés umas dedeiras por sapatos:
«Pois Macedo este é o uso em muitos visto.
«Tu na lingua regulrste por isto.

«Passando ao mais que a tua raiva accusa,
«Ralhas se o lavrador teme e recusa
«A terra revolver c'o o duro arado,
«Já tantas vezes com o suor lavado,
«Se elle vê que a geada, e que o pedrisco,
«Raio lampejador, vivo corisco
«As searas lhe queima, e os arvoredos,
«Emquanto os mais recolhem fructos lédos.
«Tu que tiveste de antemão sementes,
«E as abegoarias competentes;
«Carros com que estas ruas descalçaste;
«Dize-nos que maninhos roteaste.
«Os que não devem—prodigos querias;
«Tu não pagaste aquillo que devias;
«Mas se as linguas regulas pelas modas,
«Assim discorres nas materias todas.

«Até na Historia é tal tua ignorancia
«Que te espantas e encontras repugnancia
«Em computar o historiador profundo
«Os phenomenos que hão pasmado o mundo.
«Pois esta foi de Boulanger a estrada;
«Mas sério responder, coisa é baldada.

«Soffrer não podes *tanta babuseira*,
 «E eu soffro na tua Satyra primeira
 «Ver o verso sessenta e quatro errado;
 «O sententa de todo abetumado;
 «O centésimo-oitavo errado ainda.
 «E quanto ao estilo a satyra está linda!
 «Incorrecta, grosseira, humilde e fria.
 «E não has de encontrar uma alma pia,
 «Que no vaidoso cérebro te metta
 «Que és muito sêco para bom poeta?!
 «Usas de *assoalhar*, de *manhas* usas;
 «Termos da idade dos que tu accusas;
 «Boas palavras são, mas não se ajustam
 «Com as de cima, que os mortaes assustam.

«Ora pois, ámeça, e em fim troveja;
 «Mas não escrevas por que se não veja
 «Quão pouco sabes. Se eu vir obra tu,
 «Crê que a censura logo está na rua:
 «Se as satyras são más como disseste,
 «Tu as approvas n'esta que fizeste.»

Disse, e o iroso gesto serenando,
 Esta vara me deu com riso brando:
 O açoite ella ha de ser dos ignorantes;
 Ficar não has de impune como d'antes.

(DOMINGOS MONTEIRO DE ALBUQUERQUE). E AMARAL.

NOTAS

¹ Horácio.

² Estando o padre Macedo á mesa do provedor dos armazens, Fernando de Lavre Garcez Palha d'Almeida, pisou-lhe o pé cuidando que era o da bailarina Chiquine, o que deu em resultado ficar o hospedeiro malavindo com o hospede.

Fernando de Lavre foi, a exemplo de seu pae, amigo e patrono de poetas.

Antonio Lobo de Carvalho dedicou-lhe alguns sonetos pedinchões.

Esta nota é ampliada sobre a do *Ms.* da Bibliotheca Nacional.

³ Horácio e Juvenal.

⁴ Este e o verso antecedente desapareceram na lição do *Ramalhete*.

O tourear do Talaya,¹ as paixões pela cantora Zamparine,
e as descomposturas de Monteiro, são o objecto da presente

SATYRA

Que alegre era o Entrudo em outros tempos,
Girõnte amigo! quanto a idade muda!
Está tudo acabado; já não vemos
Arrojarem-se as cêlhas d'agua immunda;
De brancos pós aos céos erguer-se nuvens;
As ruas retumbar de sujas pulhas;
Dos marôtos a basta laranjada;
A pellota de barro, o esguicho, o rabo;
Do gallego servil a cara informe
De lama enlapuzada, e de tal cousa.
Hoje apenas se vê algumas gôtas
Espremidas cahirem das janelas
Por mãos mimosas de gentis donzellas.

Mas, oh das côrtes e cidades grandes
Destino previdente! nunca ao publico
Faltou quem dêsse novos espectaculos!
Quanto não riu n'este verão Lisboa
Vendo posto na Praça da Parada
O vaidoso Talaya, capitão,
Doutor, almotacé, poeta, et coetera!
Tratando um bravo touro de chimera,
Crê fazer mais do que Bellérophonte: ?

Que este o Pégaso alado cavalgava,
 Mas elle tres sendeiros desazados.
 A cada um arrastra seu desejo:
 Comtanto que o consiga, não tem medo
 Que o assobie o povo, e o mostre a dedo.

Zamparine apparece; adeus, Talaya!
 Zamparine em francez, em prosa, em verso;
 Nas salas, no theatro, nas tabernas,
 Tudo se enzamparina; os homens digo,
 Que as mulheres maldita graça lhe acham.
 Já de mil pretendentes rodeada,
 Se constitue Penélope ás avessas;
 Porque a outra esperava o errante espôso,
 Esta corre porém climas diversos,
 Vendo muitos costumes, e cidades,
 Sômente por buscar alguns Ulysses:
 Crê achal-os qui, que a fama sôa
 De ser Ulysses quem fundou Lisboa;
 Até que um lhe appareça, astuta e destra,
 Vai fiando delgado os seus favores.

Por ella soam no estucado tecto
 As dobradiças da ferrada burra
 D'onde o negociante tira, e conta,
 As retinintes peças que encartuxa;
 Entanto o guarda-livros, vigilante,
 No=Ha de haver=da casa escreve, e lança
 Em «Despezas geraes» aquelle dia.

Ferve a pêta, a anedota, a praga, a intriga
 Chove como na rua aos directores;
 Nem te livras, asthmatico Theotonio,
 De venenosas linguas: 'té Pintores,
 Por ter de Zamparine exactas copias,
 Animam os pínceis, dão vida ás côres.
 O demonio de um louco enthusiasmo
 Se apodéra da plebe dos orates
 (Disse orates, querendo dizer vates)
 Que imaginando com saber profundo
 Que ainda ha Saphos, ou Lesbias pelo mundo,
 Estrugem os ouvidos com romances,
 Décimas frias, ráncidos sonetos,
 Que mal entende a actriz veneziana,
 E em os mal entender perde bem pouco.³
 Eis que de auctor sagrado Ode á divina
 Pelo vulgo se espalha. *Assas tem Pluto*
 Sae a empatar-lhe as vasas no caminho;
 Esquenta-se-lhes a bilis, fremem de ira;
 Que os poetas tem odios do Diabo.
 D'aqui Macedo satyras fulmina,
 Dos seus sermões pelo teor moldadas,
 Em verso solto, como o proprio auctor.
 De exordio, narração, invocação,
 Não se sabe escusar nas suas obras,
 Inda que só fizesse um mau quarteto.
 D'ali Monteiro, qual outro Lucilio,⁴
 Estando sobre um pé, faz n'uma noite
 Perdendo seu trabalho, e seu azeite,⁵
 Trezentos pares de enfadosas rimas
 Em estilo dialetico-forense.
 Ambos poetas são «Invicto Domino»:
 Este, quando o quer ser, se nos presenta
 Corregedor da vara de Megéra;

Aquelle traz o açoite de Tisíphone,⁶
Com que o seu corpo castigar devia,
Refreando a licença, penitente.

Dividem-se os juizes: defensores
Occupam no Parnaso ambos os cumes.
Basilio faz lunatico a Macedo,
Mattos fal-o pastel de carne e massa.
Não te faltam, Montciro, mil sequazes,
Que offerecem verter em teu serviço
Té á ultima gota do seu éstro.
Toca-se ás armas, temol-a travada!

Tempo já houve, em que a Discordia féra,
Que nos pequenos corações domina,
Derramou o seu livido veneno
Nos peitos dos bréjeiros, e rapazes:
Viram-se então d'Alfama e da Pampulha
Tremular as bandeiras; e os exercitos
Marcharem com furor á civil guerra,
Que os campos infestou da Cotovia.⁷

Vós, igualmente divertis Lisboa,
Cuidando acreditar-vos com discordias.
Sois do Entrudo as figuras; sois do inverno
Os Talayas, e a fabula do povo.

Por mais que a gente séria ás gargalhadas
 Moteje á vossa custa de maus versos,
 Vós vos crêdes Homeros e Virgílios,
 Por vêr que quatro estupidos vos louvam.
 E se alguem vos não grita «Viva! bravo!
 Este soneto é em phrase horaciana»,
 Sem ter vergonha o applaudis vós mesmos,
 As casas atroando com palmadas.
 Festas felices, bem aventuradas!

Deixa, amigo Monteiro, de secar-nos,
 Co'a antiga locução, áspera e dura;
 Confessamos que tem graça e energia,
 Lida nos bons auctores, que nos honram.
 Mas as palavras são como a moeda:
 O uso unicámente é o rei que faz
 Que ellas valham o que elle quer que valham.

..... 8

Faze outra vez viver as esquecidas,
 Adopta embora as novas, funde as velhas,
 Lima as informes, pule as escabrosas;
 Enriqueça-se a lingua portugueza
 Com prudente licença e boa escolha;
 Porém nunca vocabulos nos digas
 Que arranham os bichinhos dos ouvidos.
 Nem a todos concede a natureza,
 Como concede a ti e á tua seita,
 Orelhas de aço, timpanos de bronze.

E tu, Macedo, falo-te sincero,
Dou-te licença de queimar teus versos;
Não nasceste poeta, tem paciência,
Emprega o tempo em lêr as Escripturas,
Os Basilios, Chrysostomos, Gregorios; ⁹
Pois é pena que, tendo alguns talentos,
Não saibam teus sermões a nada d'isto:
Um estilo affectado e corrompido
Não é a phrase simples do Evangelho.
Admiram-te ignorantes; mas aos doutos
Não podes agradar, nem compungir.
Isto de poesia é bagatela,
Propria d'outro instituto, e d'outra idade;
Vê que a aurora do tardo desengano
Já começa a raiar nas tuas fontes.

Deixae ambos de ser alvo das gentes,
Quixotes cada um por seu feitio;
E agora que se chega a primavera,
Navegae para Anticyra, que tendes
Precisão ambos de tomar o «helléboro». ¹⁰

Musa, por que razão me não concedes,
Para encher de vergonha e confusão
A incorrigivel raça dos pedantes,
Um espirito igual ao de Cervantes?

NOTAS

¹ João Dias Talaya Souto-Maior, bacharel em canones, que teve duas manias desastrosas: tourear a cavallo e fazer versos. Lobo de Carvalho satyrisa-o nos sonetos XLI e seguintes até ao L, incluídos nas suas *Poesias*. Talaya deixou o 1.º tomo de uma collecção de *Rimas. Ab uno disce omnes*. O publico não quiz mais *Rimas*.

Filinto Elysio, referindo-se ás odes do Talaya, chama-lhes

...as gordas odes do cerval Talaya.

² Heroe mythologico que, montado no Pégaso, venceu o monstro Chimera.

³ Este verso faltava no *Ms.* da Bibliotheca Nacional.

⁴ Lucilius é, chronologicamente, o primeiro poeta satyrico de Roma. Flagellou os costumes e as individualidades do seu tempo. No estilo tem rudezas grosseiras, aliás illuminadas por clarões de graciosa mordacidade. Á sua fecundidade como poeta allude o auctor d'esta satyra.

⁵ Este verso faltava no *Ms.* da Bibliotheca Nacional.

⁶ Megéra e Tisiphone erám, como Alecto, as mais temiveis Furias.

⁷ Referencia ás batalhas que o rapazio de Lisboa travava, dividido em facções, nos bairros populares ou mais solitarios da cidade antiga, no Bairro Alto, em Alfama, na Penha de França e na Cotovia.

A instituição da policia civil ainda não pôde acabar inteiramente com este costume tradicional de que faz menção Pato Moniz na *Agostinheida*. Vide *A triste canção do sul*, cap. II, pag. 51 e 52.

⁸ Aqui supprimimos um verso, relativo ás moedas, mas cujo sentido é escuro. Esta supressão em nada prejudica o pensamento dos versos seguintes.

⁹ S. Basilio o *Grande*, S. João Chrysostomo o *Bocca de oiro* e S. Gregorio nazianzeno, o *Theologo*.

¹⁰ Anticyra, antiga cidade da Phócida, primitivamente Cyparisso, hoje Negroponto, celebrou-se pelo helléboro que abundantemente vegetava nos seus arredores, e ao qual se attribuia a virtude de curar a melancolia e a loucura.

Diz o *Hyssope*:

Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres *Anticyras*.

que é o mesmo pensamento de Horacio na *Arte Poetica*:

Tribus Anticyris caput insanabile.

A lenda devia referir-se ao helléboro fétido, a que o nosso povo dá o nome de erva besteira, e que tem qualidades drásticas, vermífugas; porque tanto o helléboro branco como o verde são muito venenosos.

11 Diz Innocencio (*Dicc. Bibl. IV. 271*) que uns attribuíram esta satyra a José Basilio da Gama e outros a Ignacio José de Alvarenga.

Tambem foi attribuida a Joaquim Ignacio de Seixas, medico nas Caldas, e a Francisco Xavier Lobo (em *Ms.* citado por Theophilo Braga na *Arcadia Lusitana*, pag. 360-361).

Francisco Xavier Lobo era um pintor, com certa veia de poeta satyrico. Fala d'elle Volkmar Machado na *Collecção de memorias*, pag. 209.

Ao tenente de Alcantara Leonardo

SONETO

Ó vós, que de Catanas ¹ vos presaes,
Que nas satyras sois tão afamados,
Novo objecto apparece, e preparados,
Papel e tinta é justo que tenhaes.

Chovam odes, canções e madrigaes,
Sonetos, elegias, pés-quebrados,
Caíam sobre elle botes delicados,
Que vós nas outras satyras usaes.

Da Zamparine um novo adulator,
Que inda que na paixão se mostrou tardo,
Comtudo aproveitou no seu favôr;

É discreto, gentil, é mui galhardo;
Fala o francez, que ouviu em Cananor,
É emfim o tenente Leonardo. ²

NOTAS

¹ Maldizentes, segundo Constancio. Mas o auctor joga aqui de vocabulo com a palavra catana (espada curva) pois que se dirige a um militar.

² Vê-se que o tenente Leonardo esteve na India ingleza, onde fica situada Cananor, cidade a que aliás se ligam varias memorias historicas do nosso dominio no Oriente. Não é pois licito confundil-o com Leonardo José Pimenta e Antas, que viveu no tempo da Zamperini, foi notavel professor de calligraphia, e dado a cousas de theatro, como auctor de entremezes.

Em resposta á satyra de José Basilio, (a pag. 177)
foi feita a presente

ELEGIA

Tu, maguada, tristissima elegia,
Desgrenhado o cabello, envolta em pranto,
Dos litteratos chora a sorte impia.

Vê como estende o empéstado manto
A insolente Ignorancia, a mãe da Inveja,
Que nos animos vis domina tanto.

Chora o sincero sabio, que deseja,
Dos erros no intrincado labyrintho,
Achar um fio por que os passos reja.

Vêmos da vida o lume quasi extincto,
E ainda ignoramos quanto em torno vemos;
Eu mesmo ignoro como penso e sinto.

Para acertar, esforços mil fazemos:
Notam nossas acções, nossos escriptos,
Impulso é natural se os defendemos.

Ainda escuto os descompostos gritos
De graves ecclesiasticos doutores;
Os dos profanos são quasi infinitos.

Antigos e modernos escriptores
Têm disputado sempre azedamente,
Sem se pouparem aos mortaes rancores.

Dá um Luiz Grande á França o Céu clemente,
Raíam sciencias, vão brotando as artes,
Atea-se a disputa de repente.¹

Já Boileau,² já Perrault diversas partes
Tomam, defendem; passam logo á injuria;
E tu, Alécio,³ o estro lhe repartes.

La Mote e Dacier sopra outra Furia,
Leclerc,⁴ e Huet⁵ vão contra Longino,⁶
Não se perdoa inda a menor injuria.

Ao lyrico Rousseau trouxe o destino
Para ferir D'Arouet⁷ que outros maltrata.
E ali lavra o veneno mais malino.

D'Argens,⁸ solto igualmente, nos relata
Da republica douta nas *Memorias*
Que igual paixão a todos arrebatá.

Que disputas narraes, gregas historias,
Contra Philippe em pró de Ctesiphonte,⁹
Onde vão vida, e bens, e não vanglorias.

Não ha em Roma quem de magua conte
Como a eloquente lingua foi cortada,
Por que o devasso Antonio não affronte.¹⁰

Sempre foi do ignorante detestada
A critica, a disputa, o pleito vivo;
Por que a infame consciencia ao néscio brada.

Mas, ó Numes, que pranto successivo
N'alma penetra! Nymphas lacrimosas
Pedem á sua magua lenitivo.

Céos! Que vejo? Sois vós, Musas formosas?
Que horrivel caso! que nefanda estrella
Vos move a suspirar? vos torna irosas?

Insultada choraes vossa arte bella.
Um ignorante auctor, Lobo¹¹ grosseiro,
Fala de si se a julga bagatela;

Não é de Apollo filho verdadeiro
Esse baixo censor; em vão o pobre
Ladra a Macedo, em vão ladra a Monteiro.

O sujo metro seu o auctor descobre.
Dá-me, ó Phebo! das Musas em defesa,
Sonoro verso, puro estilo e nobre.

Quem de satyrisar tomou a empresa

E leis promulga em satyras, devia
Saber qual é da satyra a belleza.

O grande Horacio já de si dizia:
Que ainda ás suas satyras correctas
Não era proprio o nome de Poesia.

Tosco montão de phrases indiscretas,
De erros grammaticaes, satyra informe,
Tu do nosso Parnaso o ar puro infectas.

Não te ditou pura tenção conforme
Ao amor fraternal; mas sim a Inveja,
Horrendo monstro, infame, vil, disforme.

Tu foste escripta por que o mundo veja
Que é sabio teu auctor, que tem prudencia,
E c'os melhores hombraear deseja.

Mas, néscio auctor, que provas de imprudencia,
De ignorancia da lingua e da Poesia,
Nos não dás na satyrica insolencia!

Macedo as suas obras defendia;
Monteiro, que ás censuras replicava,
Quaesquer discordias evitar devia.

Quem a satyrisar te provocava?
Tua soltura voluntaria accusa
O que a defesa em outros desculpava.

O Talaya motejas por que abusa
Das Artes, e o arrastra o seu desejo?
Oh quanto é mais risivel tua Musa!

O Talaya tourear, bem ou mal, vejo:
Tu queres ser censor! o Céu te acuda.
De baixos solecismos não tens pejo?

A Grammatica nossa, amigo, estuda:
Logo ao segundo verso o caso falta;
Remenda-o novamente, e põe—se muda.

No quarto verso o erro mais se exalta,
Porque ou as célhas d'agua a si se arrojam,

Ou a mão que as arroja ali faz falta.

No quinto, inda os teus erros mais me enojam:
De concordar co'as nuvens, seu agente,
Barbaramente o verbo *erguer* despojam.

Tu dirás que a medida o não consente;
Mas livre-estavas da «enfadosa rima»,
E do estilo poetico, igualmente.

Ora syntaxe aprende, o verbo lima,
Que enquanto erras assim ninguem t'ô approva,
Pois quem não sabe a arte, não a estima.

Vamos á phrase dôce, lingua nova
Em que tratas um touro de chimera:
De caso tal elle quizera a prova.

Já sabes que é francez pôr—ser devêra:
Tu és douto; não debes entreter-te
Com fracas ninharias d'esta esphera.

Mas na tal *bagatela*, és tão inerte
Que inda não sabes que o accento agudo
Uma vogal em syllaba converte.

Erraste o verso trinta e quatro em tudo;
E a historia de Penélope saudosa
Tornaste em conto frivolo de entrudo.

Tu suppões de Penélope formosa
Seguir tudo em contrario a Zamparina,
Mas vê que trapalhada vergonhosa!

Namorada e viandante, a cantarina,
Porque da Grega o avêso bem seguisses,
Finge a tua ideia, e logo desatina.

Se a outra procurava o seu Ulysses,
Esta os Ulysses procurar não deve.
Segue a idéa, e não finjas parvoices.

Penélope modesta se contêve
Entre os amantes: tu fingir devias
Que a Zamparine no regaço os teve.

Seguir a antonomásia assim podias:
 Ora confessa aqui sinceramente
 O que era esta figura não sabias.

Mas fingiste no verso antecedente
 Zamparine de amantes rodeada;
 Logo affirmas que os busca descontente.

Tu gostas de palavra «bem cunhada»,
 Dizes-me que com isso te enfeitiças;
 Tenho-te uma pergunta reservada.¹²

Quem cunhou *retininte*, e *dobradiças*,
 A mim, que sou dos taes orelhas de aço,
 Os cabellos, dizendo-m'as, me erriças.

Por outros termos semelhantes passo;
 Mas põe-me o caso aqui do verbo—lança—,
 Que não quero o caixeiro tão madraço.

Mas a tua mania se abalança
 A insultar tanto homem grave e honrado:
 Mas zunindo o mosquito em vão se cansa.

O discreto Theotonio¹³ é insultado,
 Porque suspeitas que applaudiu a bella:
 Se é culpa, foi geral`esse peccado.

Tua satyra a todos atropella,
 A' locução exacta chamas dura,
 Quando a tua ninguem póde roêl-a,

Mas se é, qual crês, tua language pura,
 Qual traz, dos nossos, *anecdota* e *intriga*?
 Volve o Cardoso,¹⁴ e o Bluteau procura.

Mostra-me uma Grammatica, que diga
 Que *chover* tem dativo; olha os auctores.
 Mas tu não segues locução antiga.

Os meus diriam *chove em os Directores*;
 Porém nunca os *pinceis animariam*,
 Bem que melhor do que tu misturem côres.

São os pinceis os que animar deviam.

Não animados ser. Os disparates,
Amigo, na tua satyra, aporfiam.

Finges c'os doudos confundir os vates:
Os que erram tanto, e os mais chamam pedantes,
Bem postos são na casa dos orates.

¹⁵ Noto mais que tu foges dos consoantes,
Como um judeu fugia de um immundo:
Vejo a razão, que não sabia d'antes.

Por não achares consoante a *mundo*,
Estreitado te viste a contrariar-te,
Pondo os orates com saber profundo.

Ora a rima é enfadosa n'esta parte;
Mas tu, valente Déo, bom Poéta,
Mostras que estás muito atrazado na artē.

Na historia inda te acho mais pateta,
Por que as Saphos das Lesbias nos separas.
Que geographia é a tua, tão selecta?

Sapho é Lesbia tambem. Tu não reparas
Que é capital de Lesbos Mitylene? ¹⁶
Traze, Macedo, o açoite, ou aqui tens varas.

Tu bebes de algum charco de Hippocrene, ¹⁷
Que a memoria e a razão te ha corrompido;
Helléboro ¹⁸ não ha, que te serene.

Cá está n'um verso=ráncido=embutido;
=Actriz=em outro: dize-me, perdôa,
Se os marcaste, ou o mestre em que os tens lido.

Se a Ode do Macedo é má ou boa,
Tu não o entendes; nem para julgal-o
Ha tantos como crês inda em Lisboa.

Se elle é sagrado, debes respeitall-o;
Com injurias não has de escurecel-o;
E inda erras muito para critical-o.

Um papel que não viu a luz do prélo,
Que não é contra os Céos. nem contra o Estado:

Só litterariamente entra em duello.

Tu tens os dois sonetos censurado,
Que em letras, como tu, nada disseram;
Mas, nas affrontas, vais emparelhado.

Hui! Teus ouvidos já se aspereceram?
Já te oiço *fremem, livido, moldadas!*
Estas, dos dois que accusas, se aprendêram.

Da invenção vejo as partes condemnadas;
Taxas não se afastar Macedo d'ellas:
Tu gostas das idéas transtornadas.

Da bella ordem filhas são aquellas;
Tu principio não segues, nem remate,
Por isso em condemnal-as te desvelas.

É justo que o Monteiro se maltrate,
Pois que os teus maus escriptos tem poupado;
Mas não c'um implicante disparate.

Por *forense dialetico* aprosado
Taxas na tua satyra, primeiro,
Pelo contrarió ha pouco condemnado.

Um lhe chama morôso; outro ligeiro:
Preso por não ter cão, preso por tel-o,
No puro caso estamos do moleiro.

Que *a rima enfada* debes tu dizel-o,
Que os consoantes foram tão perversos,
Que eu te não sei, amigo, encarecel-o!

Tu dizes pulhas, não criticas versos,
Usas tôrpes equivocos nojosos:
Nossos estilos devem ser diversos.

Os dialeticos são tão luminosos,
E os forenses tão rectos, e emendados,
Que te estranham dois erros vergonhosos.

Ao verso oitenta e cinco transportados,
Lá temos por hypérbaton violento
Um pleonasmô d'aquelles destampados.

Dizes pastel, ajuntas-lhe commento
De que é de *massa*; como se pudéra
Sem massa haver pastel de algum invento!

Pastel—de pasta é derivação mera;
Pasta em italiano significa massa:
Perdôa a explicação, porque é sincera.

Aos dois Poetas lhe foi dada a graça
E a sonora cadencia da Poesia;
Vamos nós ver tambem o que em ti passa.

A descripção do Entrudo é suja e fria
E ao auctor macarronico furtada: ¹⁹
O que os campos talou da Cotovia.

A palavra *infestou* foi transtornada
Da latina=*infestantia*=; ha melhor prova
Que a um plagiario possa ser mostrada?

Se as Poesias dos dois Phebo reprova,
A tua Satyra não reprovaria,
Menos moral, mais baixa, que uma trova?!

Ver por ventura Apóllo soffreria,
No verso cento *Exercitos marcharem*,
Porque *marchar* o verso não enchia?

Crê que emquanto os satyricos errarem
Como tu erras, nunca serão cridos
Elles, e os idiotas, que os louvarem.

Usas tambem de varios appellidos,
Coisa em que as regateiras acham graça;
Verás que são por ti mais merecidos.

Tu, por vaidade só, sahiste á praça;
Ninguem te provocou, quando o Talaya
Sempre é rogado, porque a festa faça.

O vil Entrudo insulta c'uma vaia
O quieto e insultado passageiro:
Em quem provoca é bem que o nome caia.

A fabula do povo! És tu primeiro

Que usas pulhas, e um solto estilo ascôso:
Diverso estilo foi o do Monteiro.

Se a gente séria, em tom noticioso
A' nossa custa solta gargalhadas,
Tambem ellas nos dão dias de gôso.

As materias profanas e as sagradas
São pela Europa, em ar bem divertido,
Por estes taes Demócritos²⁰ tratadas.

Nós da França as disputas temos lido
E de outros varios povos os debates;
E tambem nosso pouco temos rido.

Mas convertendo o riso aos disparates
E erros da tua Satyra, só peço
Que só tu=*felix testa*=m'os relates.

Será termo de Italia? Ah já conheço!
Que cabeças no verso era comprido.
Cá vem *secar*, é verbo de bom prêço.

Ora tu tens a lingua enriquecido!
Muita palavra dôce tens marcado!
Falar correcto é duro e desabrido.

Com que oiro é o Rei auctorizado
Para cunhar um têrmo inda que seja
Só por ti, e por outros taes usado?

Se conseguires que essa regra reja,
Algarvios, Ilhéos, Beirões, Minhôtos
Não terão no falar da Côrte inveja.

Dirás que a teu favôr tens muitos votos;
Mas uma giria que lhe poupa estudo
Por força ha de encontrar muitos devotos.

Nem eu sei como tu não estás já mudo!
Não sentiste os *bixinhos arranhados*
Com tanto verso esdruxulo e agudo?

Para os termos francezes, estanhados
Tens os ouvidos; para italianismos;

Para os nossos, que ignoras, delicados.

Se um uso néscio cunha gallicismos,
De antigos mestres o uso auctorizado
Marcar não póde os nossos idiotismos?

Para os térmos estranhos de bom grado
Se te abre o ouvido; para as nossas phrases
Cumpre tel-o de bronze bem forrado.

Varias censuras ao Macedo fazes;
Negas a tudo o nome de Poeta;
Um só não louvas, nenhuns ha capazes.

Sais então c'uma Satyra indiscreta,
Que da Lingua, da Historia, da Poesia
Erro baixo não ha que não commetta.

Deixa cantar os filhos de Thalia,²¹
Compõe tu para as Musas da Ribeira,²²
—*Espreme as gotas*—mette chularia.

Falas-nos da eloquencia verdadeira;
Crês que é a phrase simples do Evangelho.
Não dizes cousa onde não entre asneira.

E' didatico estilo o do conselho;
E' puro historico o da Historia Santa,
Só tem Poesia o Testamento Velho.

Mas o sabio Orador ora levanta
Em alto panegyrico os virtuosos;
Outra ora o peccador c'o Inferno espanta.

Já lhe ouço reprehender os criminosos,
Ou já co'a tradição milagres santos
Rebater os hereges ardilosos.

Encontro no Evangelho mil encantos,
Mas quantos do Orador são os objectos,
São os estilos proprios outros tantos.

Dos mesmos Padres uns são mais discretos,
Outros na Historia foram mais versados,
Na locução os outros mais correctos.

Que o exemplo de estilos affectados
 É satyra compor em tom de pulha,
 Prégar de Paschoa em dia de finados.

Sobre a Poesia fazes tanta bulha,
 E olhas com mais rancor a mimosa Arte,
 Que os teus Roldões d'Alfama ou da Pampulha.²³

Chegam do Mundo á mais remota parte
 As Artes de prazer; lá cantam, dançam,
 Com outros Phébo dos seus dons reparte.

Sabios Ecclesiasticos descansam
 Nos braços da poetica Harmonia;
 Só néscios a accusal-os se abalançam!

Diga a Romana Arcádia se aprendia
 De Ottoboni e Pamphilio,²⁴ heroes sagrados,
 A sujeitar rochedos á Poesia.

Finalmente, a Quixotes comparados
 São Macedo e Monteiro, oh caso raro!
 São Quixotes, e são desafiados!

Aquelle bravo Heroe, varão preclaro,
 Nunca esperou, dos outros, desafios:
 Buscava elle os encontros pelo faro.

Tu que alardeias semelhantes brios,
 Põe teu nome, responde ao que te noto,
 Tudo não deixes aos leitores pios.

Se és lido, se abominas o alvorôto,
 Cala-te, ou fala em lettras, e não digas
 Vis equivococ tôrpes, de maroto.

Tu me recordas sanguinosas brigas
 Que ardem entre os Saloios bem curados
 Nas feiras pelas suas raparigas:

Quando elles de razões já estão travados,
 E os arrôchos, cacheiras volumosas,
 Pelo ar uns e outras baralhados;

Padroeiro das môças lacrimosas

Se apresenta pachola ²⁵ de Lisboa

Vomitando razões imperiosas;

Um lhe dá logo um coque que atordôa;

Outro o tafetá preto lhe esfrangalha;

C'um murro bem puxado aquelle o assôa;

Tira o florete com que o ar espalha.

Que apenas foi de um varapau tocado,

Estala como peça de metralha;

Cabeça aberta, um braço desnocado,

Punhos em tiras, um d'ali dizendo:

«Foi buscar lã e veio tosquiado».

Ora tu n'este espelho te estás vendo.

Falto de letras, falto de prudencia,

Se és quem cuida, tuas obras recolhendo

Vae logo; ou quando não, compra paciencia. ²⁶

DOMINGOS MONTEIRO (DE ALBUQUERQUE E AMARAL).

NOTAS

¹ A lição do *Ramalhete*, diz:

E até lá se disputa de repente.

² Boileau, Charles Perrault, La Motte, madame Dacier, tomaram parte na celebre contenda litteraria sobre o paralelo entre os antigos e os novos poetas francezes.

³ Alecto é uma das tres principaes Furias da mythologia.

⁴ João Leclerc, philosopho revolucionario, brigou com os theologos e metaphysicos do seu tempo.

⁵ Daniel Huet, a principio grande apologista de Descartes, acabou por ser um dos mais encarniçados adversarios do cartesianismo.

⁶ Longino, rhetorico grego, foi auctor do tratado do sublime, que Boileau traduziu em francez, e Filinto Elysio em portuguez.

⁷ J. B. Rousseau foi inimigo encarniçado de Voltaire.

⁸ O marquez d'Argens, auctor das *Memorias secretas da republica das lettras*. E' a este livro que o poeta se refere.

⁹ Ctesiphonte, orador grego, que exerceu missões diplomaticas junto de Filippe da Macedonia.

¹⁰ Refere-se o auctor ao assassinio de Cicero commettido por sicarios de Marco Antonio. A cabeça do grande orador romano esteve em exposição humilhante na tribuna rostral. E Fulvia, mulher de Marco Antonio, atravessou com uma agulha de oiro a lingua de Cicero, para castigar no morto, dizia ella, a eloquencia do vivo.

¹¹ O Lobo da Madragôa.

¹² Na lição do *Ramalhete*: aqui guardada.

¹³ Theotonio Gomes de Carvaiho, o mesmo a quem José Basilio, a pag. 173, chama asthmatico, certamente porque o era.

¹⁴ O famoso humanista Jeronymo Cardoso, auctor do *Dictionary latino-lusitanicum et vice-versa lusitanico-latinum*.

¹⁵ D'aquí por diante esta lição afasta-se muito da do *Ramalhete*, onde, ademais, a satyra vem largamente truncada.

¹⁶ Aquí, a meu vêr, o auctor pretende illaquear a sua victima n'uma supposta confusão, attribuindo-lhe a ignorancia de que Sapho era lesbia por ter nascido na capital de Lesbos, quando provavelmente José Bonifacio se referia a Lesbia, amante de Catullo pondo-a em celebridade a par de Sapho.

¹⁷ Fonte, na Beócia, dedicada ás Musas e Apollo. Cria-se que a sua agua tinha o condão de inspirar os poetas, que hoje, menos mythologicamente, lhe preferem o *champagne*.

¹⁸ Sobre o helléboro, veja-se a nota a pag. 183. O verso quer dizer que a loucura era incuravel.

¹⁹ Allusão á *Alegatica Descriptio* incluída na *Macarronea latino-portugueza*, cuja 1.ª edição é de 1765, e que reuniu composições facetas já conhecidas por andarem avulsas.

²⁰ Philosopho cynico da Grecia. Lá disse Toientino:

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa horror.

²¹ Aquella das nove Musas que presidia á comedia e ao epigramma.

²² Refere-se ás regatões da Ribeira Velha. A Nova ainda não tinha ganho creditos de chulice, porque o seu caes fôra mandado construir recentemente por monsenhor Paulo de Carvalho Mendonça, presidente do senado da camara e irmão do marquez de Pombal. Paulo de Carvalho falleceu no mesmo anno em que a Zamperini chegou a Lisboa.

²³ Os garotos brigões d'estes bairros populares.

²⁴ Pedro Ottoboni foi papa com o nome de Alexandre VIII ; S. Pamphilio foi preso e trucidado por abraçar o christianismo.

²⁵ E' termo de giria alfacinha. Significa — farçola de bons fígados, bonacheirão.

²⁶ Esta *elegia* soffreu certamente modificações, porque as referencias numericas feitas pelo Auctor não concordam com o algarismo ordinal que compete aos versos a que dizem respeito na *Satyra* de José Basilio.

SATYRA I

Que haja eu sempre de ouvir linguas mordazes,
Em prosa e verso, n'um e n'outro estilo,
Arbitrar das sciencias, dos juizos,
A critica co'a satyra envolvendo!
Decidirem de plano altivamente
Das obras, das accções da demais gente!

N'um pleito grave, n'um assumpto serio,
Em que interessa o bem dos litteratos,
Todo o debate é justo. Nós não temos
Outro meio mais proprio, que do centro
Das coisas mesmas a verdade pura
A extráia até 'li envolta e obscura.

Mas sobre Zamparine tanta bulha!
Assoalhar defeitos, e co' o dedo
Mostrar ao povo objecto de despreso!
Homens sabios e doutos dia e noite
Consumir em poeticas fadigas,
Creando odios, fomentando intrigas!

Essa bella cantôra, que trouxera
A sorte a Portugal, com tanto estrondo,
As atenções nos rouba, nos encanta
Co'a dôce voz, co'o estilo harmonioso.
Mas nunca pôde ser estilo nobre,
Que furias mil entre os poetas obre.

Louve-se muito embora, é digna d'isso.
E quem o affecto seu traz manietado
Exprima o seu amor de qualquer sorte,
Não perdôe a desvelos, a finezas.
Sempre foi livre o amor: se nos agrada,
Pouco importa que aos mais pareça nada.

Que muito, que o Macedo, possuido
D'esta terna paixão, ode fizesse,
Cheia de enigmas mil e de imposturas?
Com outra opposta o taralhão Monteiro
Lhe atalha o gosto seu: tempos cansados
Em que até ha juiz dos namorados!

A Discordia semeia o seu veneno.
Chovem de um lado e d'outro mil sonetos:
Muito boa poesia para a satyra!
É o pobre Macedo descomposto:
Basilio e Mattos tomam seu partido;
Não soffre cada qual o ser vencido.

Mas já mudam de phrase: é mais pequena
 Poesia o soneto: elles pretendem
 Fazer d'este tal duello uma passage
 Para a satyra audaz em que os costumes
 De uns e d'outros se mostre; a acção primeira
 Serve só de episodio á derradeira.

Bom Horacio, que voltas não levaram
 Tuas discretas satyras! Já todos,
 Transcrevem d'ellas versos infinitos.
 As provas de que usas, as pinturas,
 São fielmente as mesmas: seu engenho
 Não imita, produz o teu desenho.

O Macedo começa; logo o segue
 «Auctor ultramarino»,² que do Entrudo
 A figura nos pinta; os seus talentos
 Vem de Horacio e Serrão³ (é pouco proprio)
 Fazendo reviver os esquecidos
 Conceitos, que já n'outros foram lidos.

Elle crimina por seus mesmos nomes
 Alguns com quem de certo hombrear não pode;
 Seus versos são picantes; seu estilo
 É mais acre que a satyra; e pretende
 Apartar com malédica prudencia
 A que fez resurgir nova pendencia.

Monteiro lhe responde em elegia
 De erudição estranha carregada.
 Que semelhança tem este combate
 C'os de França, de Grecia e Roma antiga?
 Princiária a bulha em Zamparina,
 Que vale o mesmo que *lana caprina!*

Reprehende por erros de grammatica
 E da lingua tambem, quaes nunca foram:
 Se o verso não permite liberdade,
 Se a syntaxe da lingua é sem figuras,
 E' justa a reprehensão; mas não tolero
 Explicar--nos pastel com tanto esmero.

Não livra a Elegia de resposta.
 Vem Entelo e Daretas logo á praça:
 Virgilio os faz entrar; e de outra parte
 O velho Adamastor: Camões os guia;
 E em consoantes furadas nos adverte
 Que o gosto depravado inda diverte.

A bulha toda cifra-se em palavras:
 Se as antigas preferem ás modernas.
 Aparece nos tres pontualmente
 O que Horacio nos diz na *Arte Poetica*.
 Aqui nada se inventa; o já proposto
 E' mil vezes na praça outra vez posto.

Que nobre assumpto! que fecunda idea,
Para illustradas mentes! Se consome
O tempo em ninharias, que pudera
Gastar-se com mais gloria e mais proveito
Em descobrir a candida verdade:
Mas esta é sempre a nossa infelicidade.

Eu poeta, não sou; a phantasia
A tanto me não chega: que doutrina
Não pede a Poesia! o céo apenas
Reparte entre os mortaes em longos tempos
A belleza d'esta Arte. Não me é dado
Sem azas querer voar além do fado.

Só me lastima ver que uns homens doutos,
Que podem uteis ser, a si, e á patria,
Contendam entre si com furia insana,
Por motivos tão vis, por bagatellas!
Mas siga cada qual a sua teima,
Que eu para declamar não tenho fleima. ³

NOTAS

¹ Esta satyra, como se infere da sextina 14^a, deveria vir depois da *Parodia ao 1.º canto dos Lusíadas* (pag. 208). Mas, feito o reparo, conservamos-lhe o logar que ella tem no Ms. da B. N.

² José Basilio da Gama, que era brasileiro.

³ Creio que este Serrão será Antonio Serrão de Castro, poeta jovial e mordaz, que Camillo Castello Branco, ao resuscitar-lhe um poema—*Os ratos da Inquisição*, considera um dos primeiros engenhos do seculo xvii. Assim será, se levarmos em conta a sem-saboria relamboria d'aquelle cyclo litterario, vastamente prolongada até ao ultimo quartei do seculo xviii.

A referencia, se não dissesse respeito ao pae Serrão, poderia dizel-o a um Serrão filho, de nome Pedro, que tambem foi poeta satyrico, e que depois de garrotado na Ribeira Velha foi queimado pela Santa Inquisição.

⁴ Fleuma.

Epigramma no seguinte

QUARTETO

Qual será a mais formosa
Ou terá maior rapina?
A Chequine austuciosa
Ou a volatil Zamparina?

PARODIA !

CAMÕES. CANTO 4.^o ESTANCIA, 94 E SEGUÍNTES

Imitação, ou versão, dirigida em particular á Légua da Povia,
em tercetos da Elegiada de Monteiro; e em geral á enchente de todos
os seus arrôtos satyricos e vaidade da sua sciencia

PRIMEIRA PARTE

1

Mas um velho de aspecto venerando,
Que escutava os tercetos entre a gente,
Torcendo-lhe o nariz, e meneando
Tres vezes a cabeça descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Poz oculos, por ver mais claramente
As trovas, que Monteiro tinha feito;
E taes vozes, tirou do esperto peito:

2

Oh furia de rimar; oh vã cubiça
De ter de mau Poeta o nome e fama.
(A dizer isto o odio não me atixa)
Quem de versos entende assim te chama.
E faz-te n'isso altissima justiça:
Creio foi vicio, que bebeste da ama,
A dureza com que nos atormentas
E nos férreos ouvidos exp'rimentas.

3

Segue, segue do Fôro a loquaz vida;
 Faze punir os crimes e adulterios;
 Que a tua eterna prosa é conhecida
 Já pelos Rabulisticos Imperios.
 Vê do Pindo a ingreme subida:
 Só te póde cobrir de vituperios,
 Em vez de fama e gloria soberana,
 Nomes com que se o povo néscio engana.

4

Na satyra vingar-te determinas,
 Que te faz apupar de toda a gente,
 E são estes os versos que destinas
 Para mostrar-te sabio e preeminente:
 A taes despezas tens mui fracas minas;
 Dou-te um conselho, acceita-o facilmente:
 Ou do Patrio Direito arrota historias
 Ou pensa em macedonicas victorias.

5

É possível que sejas tão insano,
 E a Apollo faças tal desobediencia,
 Que sem o seu influxo soberano
 Produzas das Piérides ² na ausencia
 Versos, escorias do juizo humano!
 Ou é cegueira ou é grande innocencia
 Não vêr que n'elles de Estro te privou
 E de sal nem migalha te deitou

6

Mas já que n'essa emphatica vaidade
Tanto elevas a leve phantasia;
Já que queres com bruta feridade,
Em tercetos sem graça e valentia,
Parvoices dizer em quantidade,
De que um Doutor correr-se só devia,
Pois teimas em compôr, e pois que já
Da popular risada te não dá:

7

Não tinhas por objecto o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não te fez uma satyra maldita,
Já que tu só com satyras peléjas?
Faltam-lhe baldas mil, praça infinita,
Se tu baldas e praças mais desejas?
Não é elle em maus versos esforçado,
Se queres por maus versos ser louvado?

8

Deixas crear á porta o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe;
Gastas em vão teu portuguez antigo,
Pedradas pelo ar deitando ao longe:
Buscas o incerto, incognito perigo
Porque a fama te exalte e te lisonje:
Fazendo de más rimas larga copia,
Quasi em lingua d'Arabia, e da Ethiopia.

9

Fatigas-te em dizer que a rima—*mundo*
 (E cuidas de salvar-te n'este lenho!)
 Forçou o vir na satyra—*profundo*;
 Como eu por ironia sigo e tenho,
 Que vem frizando ali *saber profundo*,
 Que era em *sec'la sec'lorum* ter engenho;
 Rude e crasso passou pela memoria
 Ao pôr o «*nunca e sempre*», que é da *Gloria*.

10

Mas tu, tocha brilhante, olho do Céu,
 Se vês propicio o pobre ouvido humano,
 Já que nunca em teu fogo se accendeu,
 Nem viu a tua luz, se não me engano,
 Este de Obra sem vida Prometheu: ³
 Afasta dos mortaes tão grande damno,
 Pois qual prenhe mulher lido o tivera,
 Que *transida* de susto não movêra?! ⁴

11

Louco papalvo, moço miserando,
 Tens do miôlo o casco bem vasio,
 Pois ao publico estás escusas dando
 Que não te leva em conta, e de que eu rio;
 Porém tenho por odio o mais nefando
 Combater sério c'um poeta frio:
 Oh! dos pedantes pobre geração!
 Misera sorte! Estranha condição!

SEGUNDA PARTE

I

Isto foi quanto disse o honrado velho.
 O mais, Matuzio,³ agora a mim me toca,
 Vendo que não obstante o meu conselho
 Sempre a metromania te provoca:
 Sei que o teu rosto nada faz vermelho;
 Nem rôlha ha tal que chegue a encher-te a bocca;
 E se em versos sem conto não te alargas,
 Ver-te-hemos rebentar pelas ilhargas.

2

Agradece, devoto, à tua estrella
 Teres tido na satyra logar;
 Vê que de raiva, só por não vir n'ella,
 Tem cuidado. . . .⁶ em estalar:
 A mais de tres ou quatro o peito anhela
 E choram, tossem, quasi a arrebenatar,
 Só para que lhe quadre o nome *asthmatico*:
 E tu te queixas, misero *grammatico*?

3

Confesso não ser facil que hoje se ache
 Algum varão de estudos tão distinctos;
 Nem que saiba mais regras de-syntaxe;
 Nem que melhor traduza os *Curcios Quintos*:⁷
 Tu sabes a *Theorica*, e a *Praxe*
 De fazer *anagrammas*, *labyrinthos*,
Acrosticos, *retrógrados*, e tudo
 Quanto sabe um rapaz, que anda no estudo.

4

Não soffre o teu juizo recto e vivo
 Que o mais leve defeito esteja occulto;
 Perante ti um vil nominativo
 Queres que compareça em proprio vulto:
 Sabes que ha verbo activo, e que ha passivo,
 Como sagaz grammatico consulto;
 E o digesto da tua erudição
 Se estende ás oito partes da oração.

5

Seja a satyra má, ou seja boa
 Ou tenha ou não defeitos mil diversos,
 Cinja-me a frente a civica corôa,
 Em dôce recompensa dos meus versos:
 Elles fizeram (rindo bem Lisboa)
 Que inverecundos ⁸ satyros perversos
 Firmassem logo da alliança o pacto
 E tivesse emfim paz o cão e o gato.

6

Pouco importam os loucos desvarios
 Com que abater meus versos intentaste,
 Que tu mesmo lhe déste os elogios
 N'essa indigna união, que contrataste:
 Pois te obrigaram, abatendo os brios,
 Ao idolo incensar, que já pisaste.
 Nunca no ouvinte fez tal compunção,
 Uma obra tua, nem um teu sermão!

7

Emquanto á fundação do grego astuto
 Se esquece o Luso Heroe dos seus pêsares,
 E ao teu nobre suor pagam tributo
 A Patria, estranha Terra, e ambos os Mares;
 Emquanto te promette o dôce fruto,
 Tornada Astrea do Mondego aos lares;
 Céres te doura a frente com espigas,
 E eu te vou dando cabo das formigas.

8

Lá se jactava na Trinacria Terra ⁹
 Dareta, ⁷ moço vão, membrudo e bello,
 Emquanto ninguém quiz entrar em guerra;
 Mas logo se cobriu de um frio gelo,
 Vendo erguer-se do chão, qual grande serra,
 O nervoso, esforçado, e branco Entello,
 E no campo arrojear, com força enorme,
 De triplicado coiro o césto informe.

9

Já contender o moço não deseja,
 Mas emfim dos mirões ¹⁰ teme o sussurro:
 Alçam-se logo os céstos á peleja,
 Mais bravos do que touros pelo curro,
 Quando Entello em Dareta (salvo seja)
 Lhe préga pelas ventas um tal murro,
 Que diz Virgilio que cahiu exangue,
 Os dentes vomitando e o negro sangue. ¹¹

Applicae a vós mesmos esta historia,
 Pois fostes até'qui os meus Daretas;
 Que supposto não conte por victoria
 Ter deitado por terra a taes athletas,
 Foi uma acção de que não ha memoria,
 Que é amigos fazer dois maus poetas:
 E o césto vencedor, de Entello a exemplo,
 Penduro alegre no Apollino Templo.

NOTAS

¹ Esta parodia é por Costa e Silva (*Ramalhete*, pag. 395, VI anno) attribuida a José Basilio da Gama.

² Aqui é propriamente synonymo de Musas, ás quaes o monte Piérus era consagrado.

³ Prometheu, segundo a mythologia, depois de ter formado o homem com o limo da terra roubou o fogo do céo para animal-o, pelo que foi terrivelmente castigado.

⁴ Mover no sentido de abortar.

⁵ Nome pastoril de Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que aliás não fez parte da Arcádia, mas sim do Grupo da Ribeira das Naus.

⁶ Prefiro deixar incompleto este verso a reproduzil-o inintelligivelmente. Parece, comtudo, ser referencia a outro poeta.

⁷ Quintus Curtius Rufus. historiador romano.

⁸ Desavergonhados.

⁹ A Sicilia.

¹⁰ *Dareta* é o athleta troyano Dares, que foi vencido no jogo dos céstos pelo velho luctador Entello, segundo o livro V da *Eneida*.

¹¹ Hoje dizemos mirones.

¹² Manuel Odorico Mendes traduziu assim esta passagem da *Eneida*:

...Dares, que a nutante
 Cabeça e os fracos joelhos mal sustendo,
 Mistos coalhado sangue e dentes cospe...

DECIMA

Conheceu não muito cêdo
Monteiro seu proprio engano,
Bateu co'as portas de Jano ¹
Nos narizes do Macedo:
Acabou-se emfim o enredo.
Oh tu que as Gazetas fazes,
Notícia as novas pazes,
A todo a face da Terra:
Dize que só dura a guerra,
Do Macedo c'os Rapazes.

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA.

NOTA

¹ As portas do templo de Jano em Roma estavam abertas em tempo de guerra e fechadas em tempo de paz.

Pasquim ou satyra formada em pintura, ¹ que se fez á cantora Italiana Anna Zamparine, na côrte de Lisboa, nõ anno de 1772, e aos seus particulares apaixonados; de que se mandaram dois originaes a saber: um á Casa do Bairro-Alto, outro á da Rua dos Condes; e por que se imaginaram supprimidos, se fez vulgar a Idéa da dita pintura pela presente explicação, que foi mandada a certo fidalgo, com a seguinte

CARTA

(Tanto esta Carta como o Extracto seguinte tambem se encontram no Ms. da T. do T.)

Como os adoradores têm supprimido em si dois originaes da Pintura, remettidos, um ao Theatro da Rua dos Condes, e outro ao do Bairro-Alto, e por que talvez Vossa Senhoria nõ terá visto o meu bom gosto, e nõ é justo que pela malicia alheia se perca a memoria de um quadro tão significante: Remetto o extracto incluso, ou retrato de mortecôr para se divertir um pouco, e a beneficio da Nação o mandar reduzir aos nõssos caracteres, o que eu agora nõ faço por conta do Santo Officio. Deus Guarde a Vossa Senhoria muitos annos. Lisboa. 25 de Novembro de 1772.

Seu venerador,

Diógenes.

EXTRACTO DA TAL PINTURA SATYRICA

Camara de Zamparine, em a qual está uma mesa quadrada, e, encostada a esta, ella sentada em uma

poltrona, sahindo-lhe da bocca os seguintes versos em francez:

*Prenez, belle et charmante coquette, prenez tout,
Puis que vous êtes dans un pais de fous.*

Que em portuguez dizem:

*Tomae, bella e galante chula, tomae tudo,
Já que vós estaes em uma terra de doidos.*

Defronte de Zamparine está Anselmo José da Cruz, tambem sentado, dando-lhe mil peças, que ella com a mão direita está puxando para si (emquanto o monteiro mór, com um joelho em terra, lhe beija a mão esquerda): com estes versos em inglez :

*The true property of an englisman
T'is to pay and despise.* ²

Que em portuguez dizem:

*As verdadeiras propriedades de um inglez
São de pagar bem e desprezar.* ³

E o monteiro mór, com estes versos tambem em inglez :

*Mylord dont hiss her hand
Because she has no face,
But kiss her . . . her . . . her . . .
Kiss her elsewhere.*

Que em portuguez dizem:

*Mylord, mais gosto
Tereis, em logar
Da mão lhe beijar,
Beijar-lhe o besb. . . .*

Ao lado direito Ignacio Pedro Quintella, sentado com a bôlsa aberta mas ainda irresoluto, com os seguintes versos em francez:

*A quoi penser, Monsieur? Elle encore ne vous aime;
Allons, prenez l'exemple, et vous serez de même.*

Que em portuguez dizem:

*Em que cuidaes, senhor? Ella ainda não vos ama;
E tomae o exemplo, e vós sereis o mesmo. (Sic).*

Ao lado esquerdo Antonio Soares de Mendonça, mettendo a bôlsa na algibeira, já de pé, e quasi indo-se embora, com estes versos na lingua italiana,

*Lasciate agli altri, amico, la compagna,
Questa sol con quattrini si guadagna.*

Que em portuguez dizem:

*Deixae aos outros, oh amigo, esta praça,
Pois que só com dinheiro ella se vence.*

Detraz da cadeira de Anselmo José da Cruz estava Theotonio Gomes, e Galli, ambos olhando para a

mesa; com estes versos em italiano, que começam na cabeça de Theotonio, e acabam na de Galli:

Ce la Statua; e ce il Monsieur.

Que em portuguez diz:

Esta a Estatua; e este o Senhor.

E por outro modo:

Um paç-d'alma, e um cheira-c..

A um canto da casa, o doutor padre Manuel de Macedo, repetindo a sua, que elle chama Ode; com estes versos no idioma portuguez:

*Meu Macedo, não te cances
Pois os gostos são diversos;
Zamparine estima o oiro.
E faz desprezo dos versos. 4*

A João da S.^a Tello, peccador por pensamento, estão dois versos no idioma portuguez, d'esta sorte:

*Tu julgando de versos feito Apollo
E' para rir, João da S.^a tolo.*

Em outro canto da casa está um cirurgião chamado o Quaglia, que ajudou a matar o que foi por alcunha pae de Zamparine, escrevendo em cima de uma

mesa, as quaes lettras mal se entendem e constam a saber:

⁵ Rec. Mercur. doc.....	ξ	111
Amb. Franc.....	ξ	111
Theb.....	ξ	111

E não constava mais o dito original, pinturatico, critico ou satyrico, a que me reporto, verdadeiramente.

NOTAS

¹ Camillo Castello Branco (*Noites de insomnia*, n.º 5) publicou a descripção d esta caricatura com algumas das respectivas legendas, supprimindo outras, talvez por se ter servido de uma copia incompleta.

Na que hoje reproduzimos, os disticos em francez, inglez e italiano estavam desastrosamente estropeados; corrigimol-os pela lição de Camillo.

A traducção não é por vezes menos infeliz que a orthographia.

² No *Ms.* da B. N. está n'este logar um vocabulo, que parecer ser *semlemand*, o que em boa verdade parece não ser nada. A exemplo de Camillo, supprimimol-o.

³ A esta pifia traducção oppomos a de Camillo: «O que bem caracteriza o inglez é pagar bizarramente e... andar».

⁴ Na lição de Camillo: E nada entende de versos.

⁵ Recipe. Mercurio doce. A expressão graphica ξ representava a onça, que corresponde a 30 grammas no systema decimal. Amb. Franc. deve ser Ambar Francez.

FIM

APPENSO

SONETO¹

(Na funesta occasião em que a Zamparine, decaindo de fortuna,
mudou para umas casas na Cotovia, um pouco baratas)

Qual homem de negocio, que afrouxando
Do t. . . . em que o poz a alta ventura,
Um anno antes da infausta quebradura
Vai os gastos caseiros encurtando;

Que devoto na igreja está lançando
Agua benta do pai na sepultura,
E a qualquer charlatão um dia atura,
A estação do commercio lamentando:

Assim a Zamparine hoje se estreita
A comer pão de rala, e a voz commua
Diz que ouve missa com tenção perfeita;

Já zombam d'ella a Barbara e a Palua;²
E se a fortuna não correr direita,
D'aquí a um mez vem para a minha rua.³

ANTONIO LOBO DE CARVALHO.

NOTAS

- ¹ Este soneto é o cxxviii das *Poesias* do auctor.
- ² Certamente tafulas de profissão n'aquella epoca.
- ³ O poeta morava então na travessa do Pasteleiro, sitio de má nota, como ainda hoje.

SONETO 1

(Sentença que deu Apollo sobre as criticas e respostas
do Padre Macedo)

Vistos todos os autos do Libello
Contra o Macedo, em que ha contrariedade,
Réplicas, e tudo o mais que com verdade
Querem que eu julgue sem aggravou appello;

E como d'elles consta que o cabello
Cortou o Réo, ² que é sabio, e sem maldade
Tratou a Zamparine de Deidade,
A' vista e face do seu rosto bello:

Portanto, o absolvo, e mando que sómente
Imite ao Pai S. Pedro, de quem herda
O Filho, o exemplo, que ha de dar á gente.

Os auctores reponham toda a perda
Da fama, pela acção incompetente,
E os condemno a que vão beber da

DR. ESTOQUETE.

NOTAS

¹ De um *Ms.* pertencente a Theophilo Braga.

² Allusão ao facto de ter o padre Macedo sido obrigado pelo Patriarcha a trazer cabelleira, pelo que lhe seria necessario aparar o cabelo.

Aos amadores apaixonados Zamparinicos

SONETO

Famosos amadores Zamperinos,
Que tão mal empregaes vossas finezas,
As discretas Senhoras Portuguezas
Não podem crêr os vossos desatinos:

Não vos deixeis levar como meninos
Das suaves caricias, e destrezas
Que se são no theatro gentilezas,
Fóra d'elle serão actos indinos.

Se as mais vivas paixões vos representa
De amor e de odio Zamparine ufana,
N'esses affectos mais vos escarmenta.

Ou se vos mostre humilde ou soberana,
Industrias são das artes que frequenta,
Que quanto mais vos quer, mais vos engana.

(*Zamperinaida Macedica Metrica, Critica, Satirica* ou *Collecção das obras poeticas, com seu Rabolera Prozaico que se tem feito á Cantora Italiana Anna Zamparine e seo apaixonado o Padre Manoel de Macedo, em Lisboa de 1772 a 1773. Primeiro tomo, fl. 5 v. Codice n.º 76 do Archivo da Torre do Tombo.*)

COPIA

Toda esta composição franceza, no Ms em que a encontramos, estava inçada de incorrecções orthographicas, que difficultavam a sua leitura. Quanto ao mais, apenas em duas passagens alteramos o que absolutamente nos pareceu inaceitavel.

A Mademoiselle Zamperini.

Du Parnasse, le 22^e 8bre, 1772.

Mademoiselle:

Je joins cette courte lettre à une Épître assez longue afin que vous puissiez lire en prose comme en vers que j'ai le bon goût de vous admirer, et la folie de vous aimer.

Vous avez un Banquier, un Lapidaire, un Baigneur, un Peintre, un Postillon, il ne vous manque plus qu'un Poète. Si mon style vous plait, je serais tres flatté d'entrer a votre service en cette qualité, n'oubliez pas que les personnages qui brillent plus dans le monde, les Généraux d'armées que triomphent, et les belles qui subjuguent tous les cœurs, n'acquièrent une expectation immortelle que par les ouvrages des Poètes.

S'il est doux dans la vieillesse de contempler sur une toile toujours fraîche la figure charmante que l'on contemplant à dix huit ans dans les miroirs, il ne l'est pas moins de feuilleter d'une main tremblante un cahier de billets doux, et de prendre ses lunettes pour relire des vers passionnés.

Vous vous êtes fait peindre à l'huile, faites vous célébrer en vers: Daignerez vous agréer mon empressement et me faire reponse?

Me permettrez vous de venir étudier chez vous la matière de mes Poèmes?

J'ose à peine m'en flatter, mais souffrez au moins qu'en attendant vos ordres, j'aie le plaisir de me dire avec le plus profond amour:

Mademoiselle,

Le plus humble, et le plus passionné de ceux qui voudraient bien être vos serviteurs.

ÉPÎTRE I

A

MADemoisELLE ZAMPERINI

Zamperini, mes yeux te trouvent si jolie,
 que mon esprit pour toi veut faire une folie:
 tes charmes tous les jours font bien des fous divers,
 mais le plus fou c'est moi qui t'adresse des vers.
 Ce n'est que je pense en Auteur puéril
 mériter des faveurs pour un Ecrit stérile,
 mais enfin tu me plais, et mon cœur surprénu²
 veut au moins s'épancher sur un papier perdu.
 Oui, si j'étais né Duc, Zamperini Duchesse,
 peut-être eut partagé mon titre, et ma richesse;
 si j'étais l'heureux fils des Banquiers, ou des Juifs,
 si j'avais des Tabacs, des huiles, ou des suifs,
 si ma flotte apportait de la merluche, de l'orge,
 de nœuds de Diamants j'aurais couvert ta gorge,
 de Dentelle et d'Hermine enrichi tes habits,
 semé sur tes cheveux la perle, et les rubis
 et versé chez toi l'or de ma caisse épuisée.

Heureux si par mes dons ta bouche humanisée,
m'avouant des transports que je ne croirais pas,
m'eut admis à jouir de tes divins appas.
Déclarer son amour n'est jamais une injure:
je t'aime, te le dis, si tu veux, je le jure;
tu n'auras pas de peine à croire mes serments;
mais loin de te montrer de vains empressements,
je n'ai jamais suivi cette oisive cohorte
qui court te saluer, ou s'inscrire à ta porte;
pour être si galant je suis trop amoureux,
ce qui fait leur bonheur me rendrait malheureux;
dis moi, peut on être homme et s'asseoir dans ta chambre
pour parler seulement de nœuds, de rouge et d'ambre,
hasarder des conseils sur l'art de réciter
et dire fadement que tu sais bien chanter?
Non, non, je ne veux pas que ma flamme importune
imite ce galant sans esprit, sans fortune
qui donnant des bonbons, et disant des douceurs
flatte pour t'approcher, et ton Père, et tes sœurs;
sur les bras d'un fauteuil baise la jarrettière
et ne verra jamais ta jambe toute entière;
tousse par embarras, sourrit à chaque mot,
ne dit qu'une parole, et la dit comme un sot;
et t'apporte en sortant tes gants, et ta pelisse,
et la lunette en main te suit dans la coulisse,
tandis que vingt Rivaux, qu'il acable d'ennui,
ne lui font pas l'honneur d'être jaloux de lui.
Lorsque sur le Théâtre, éternelle coquette,
nous te voyons d'haleine emprunter la bague
de tes enchantements, mes sens préoccupés
de tes mortels attraits sont un peu moins frappés;
ton zèle m'en impose, et ma flamme étouffée
ne conçoit pas l'espoir de baiser une fée;
mais lorsqu'à ton lever tu n'as que deux jupons

simples, courts, et légers; que tes yeux sont fripons
 et qu'enfin par l'amour tu sembles rappelée
 sur la plume encore tiède, et mollement foulée,
 il faut se rendre, il faut ou mourir de plaisir
 ou mourir à tes pieds de l'excès du désir.

Je ne connais que trop quels dangers un cœur tendre
 court à te rencontrer, à te voir, à t'entendre;
 qui t'approche un moment pour longtemps est lié,
 un baiser sur ta main peut-il être oublié?
 ton regard seul inspire une incroyable épreste,
 mais n'espérant jamais te nommer ma maîtresse
 je ne veux voir en toi que ces yeux ravissants

..... 3

Ton pied seul raffermir la scène qui chancelle
 du feu des passions que ton œil étincelle;
 tout s'émeut avec toi, tout tremble, on s'attendrit,
 et tout folâtre, alors, tout soupire, ou tout rit.

A peine as tu chanté que les plus doux éloges
 remplissent de ton nom le parterre, et les loges;
 chacun l'applaudissant de la voix et des mains
 s'efforce d'attirer les regards incertains
 et l'ardent chevalier, qui sur les bancs s'appuie,
 des brillants de sa croix veut te voir éblouie.

Qu'une Actrice célèbre a des destins charmants:
 son œil sûr d'inflammer ne voit que des amants;
 volage par état, tendre par habitude,
 jouer est son devoir, et chanter son étude;
 chaque Empire à son tour admirant son début
 la retient, l'idolâtre, et lui paye un tribut;
 elle devient illustre, au sein de l'indolence,
 et les plaisirs chez elle amènent l'opulence;
 l'opulence à son tour amène les plaisirs,
 enfants du doux caprice, et des libres désirs.
 L'amour est libertin: la contrainte l'effraye.

et, soldat volontaire, il doit servir sans paye;
 un amant à contract vaut mieux qu'un époux.
 L'Arioste m'apprend qu'un nain informe et roux,
 cher et bizarre amant d'une reine hardie,
 remplaçait le plus beau des rois de Lombardie.
 Quand l'amour sur Corinthe, épuisant tous ses traits,
 y faisait de Laïs adorer ses attraits,
 lasse des marchands grecs, de grands, et de la gêne,
 Laïs donnait souvent des nuits à Diogène,
 que d'un bonheur si pur il dut être charmé:
 c'est en payant bien mal qu'on est sur d'être aimé.
 Par des vers une Belle a caressé Tibule
 e par des vers Lesbie a tant baisé Catulle.
 Si l'exemple te plait, parle, et quand tu voudras
 un poète amoureux peut voler dans tes bras.

(Documentos que mediante auctorisação de S. Ex.^a o ministro respectivo são transferidos do archivo geral do Ministerio da Guerra para o da Torre do Tombo, sobre proposta da commissão nomeada pela portaria de 26 de dezembro de 1891, e que deram entrada em 1899. Maço 295, p. «Papeis que segundo parece foram de um diplomata estrangeiro que serviu em Lisboa. 1772»).

NOTAS

¹ Esta *Epistola* póde attribuir-se ao Chevalier de Montigny encarregado dos negócios de França em Lisboa, como já dissemos no *Prefacio*, a pag. 44.

² *Surprendu* por amor da rima. *Surpris* seria a forma correcta.

³ Falta aqui o verso que devai parrear com o anterior.

INDICE DE TODAS AS POESIAS
QUE SE CONTEEM N'ESTE VOLUME

SONETOS

Aquella é! O coração conhece.....	57
N'esses olhos gentis, formosa Actora.....	58
Que doçura, que bella melodia.....	60
Cantora Zamparine, actriz mimosa.....	61
Sôa no Sacro Monte uma buzina.....	63
Conheces um varão, que anda vestido.....	72
Que funcção será esta no Loreto.....	78
O nosso amigo Galli é bom sujeito.....	80
Não, tu não necessitas de enfeitar-te.....	81
Dizer que é mui formosa esta cantora.....	82
N'um templo entrava um camponez caloiro.....	90
Oh Santa Birba! Oh bemaventurada.....	97
Merece Zamparine altos lóuvores.....	99
Tu que giras á roda dos Senhores.....	100
Meu amigo, isto vai de foz em fóra.....	102
Essa que tens, Lisboa, sublimada.....	104
Lisboa, que és das Côrtes a princeza.....	106
Truz, truz=Quem bate ahi? Abra, senhora.....	107
Sabes, amigo meu, que dama é esta.....	109
Zamparine cantora, que do norte.....	110
Essa que vês andar toda enfeitada.....	112
Medicos, boticarios, cirurgiões.....	113
Um chimico infernal drogas malditas.....	114
Satyrico infernal, horas malditas.....	117
Saibam todos que dotes relevantes.....	118
Macedo, é tempo de mudar de officio.....	120
Peralvilhos infames, que esquecidos.....	127
Emmudecei, poetas atrevidos.....	128
Contra o Padre Macedo conspirados.....	140

Que mal te fez a pobre Zamparina.....	141
Deixa falar, ó inclito Macedo.....	142
Quem é este Peralta reverendo.....	143
Reverendo Peralta, em vão desmentes.....	145
Reverendo Peralta dos Peraltas.....	146
Meu Macedo, tu pregas doutamente.....	148
O' vós, que de Catanos vos presaes.....	185

ODES

Formosa Zamparine!.....	49
Assás tem Pluto em Hespanha fulminado.....	53

SATYRAS

D'onde nasce que todos indulgentes.....	160
Hoje te invoco, ó Critica, que austera.....	167
Que alegre era o Entrudo em outros tempos.....	177
Que haja eu sempre de ouvir linguas mordazes..	201

SILVA

Zamparine gentil.....	65
-----------------------	----

ROMANCE

Se eu, Senhora Zamparine.....	122
-------------------------------	-----

PARODIA

Do Canto 4.º dos <i>Lusiadas</i> : Est. 94 e seguintes.....	208
---	-----

CARTA

E pintura satyrica á Zamperini etc.....	217
---	-----

EPIGRAMMA

Qual será a mais formosa.....	207
-------------------------------	-----

DECIMAS

Zamparine, cantas bem	70
Que leva? Punhos bordados.....	74
Como a Lisboa achei graça.....	84
Saibam todos quantos virem.....	85
Por embargos de tercciro.....	86
Um poeta desconhecido.....	89
Um patife de mão posta.....	95
No cantar ter suspensão.....	129
Meu Peralta, a Zamparine.....	131
Quem Alcina ter deseja.....	134
Eu não disputo a bondade.....	135
Contra a bella Zamparina.....	136
Todo o meu desejo amante.....	137
Fui por não julgar de estoiro.....	139
Olá! musicos amantes.....	149
Conheceu não muito cedo.....	216

ELEGIA

Tu, maguada, trístissima elegia.....	186
--------------------------------------	-----

APPENSO.	223
-----------------------	-----

SONETOS

Qual homem de negocio.....	225
Vistos todos os autos do Libello.....	227
Famosos amadores Zamperinos.....	229

COMPOSIÇÕES EM FRANCEZ

Em prosa.....	231
Em verso.....	232

ERRATAS

Pag. 38, lin. 21, onde se lê *com o n.º 71*, deve lêr-se *com o n.º 76*.

Pag. 159, lin. 12, onde se lê *executam duas*, deve lêr-se *executam duas*.—

Pag. 166, lin. 3, onde se lê *Albuquer*, deve lêr-se *Albuquerque*.

Mesma pag., lin. 7, onde se lê, *responde-lhe como veremos, mais adiante*—deve lêr-se *responde-lhe, como veremos mais adiante*.—

Mesma pag. lin. 18, onde se lê *para differençar*, deve lêr-se *para o differençar*.

Pag. 174, lin. 9, onde se lê *c'o*, deve lêr-se *co'*.

Pag. 175, lin. 17, onde se lê *obra tu*, deve lêr-se *obra tua*.

Mesma pag., lin. 25, onde se lê (Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral), deve lêr-se Domingos Monteiro (de Albuquerque e Amaral).

Pag. 181, lin. 9, onde se lê *Festas felices*, deve lêr-se *Testas felices*.

Pag. 195, lin. 34, onde se lê *nem contra o Estado* deve lêr-se *nem contra o Estado*.—



P.
9161
E3P5

Pimentel, Alberto
Zamperini, A.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 12 014 2